

ROSANGELA MADELLA

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: espaços de interação social e
desenvolvimento pessoal

FLORIANÓPOLIS, 2010

ROSANGELA MADELLA

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Gestão da Informação

Linha de Pesquisa: Profissionais da Informação

Orientação: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza

FLORIANÓPOLIS, 2010

Ficha catalográfica elaborada por:
Rosangela Madella – CRB 14-1050

M181b

Madella, Rosangela, 1982-

Bibliotecas comunitárias: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal / Rosangela Madella; orientador, Francisco das Chagas de Souza. – Florianópolis, SC, 2010.
222 p.

Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

1. Biblioteca Comunitária. 2. Leitura. 3. Representações Sociais. I. Souza, Francisco das Chagas de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU – 027.022

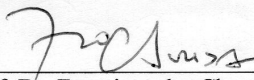
Revisão ortográfica: Carlos Alberto de Andrade

ROSANGELA MADELLA

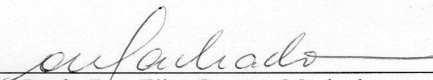
BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: ESPAÇOS DE INTERAÇÃO
SOCIAL E DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Profissionais da Informação.

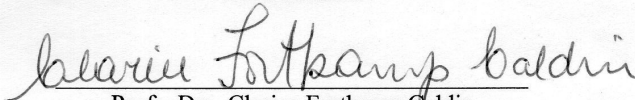
APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA
EM FLORIANÓPOLIS, 30 DE MARÇO DE 2010.



Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza
PGCIN/UFSC (Orientador)



Profa. Dra. Elisa Campos Machado
CCH/UNIRIO



Profa. Dra. Clarice Fortkamp Caldin
PGCIN/UFSC



Profa. Dra. Magda Teixeira Chagas
PGCIN/UFSC (Suplente)

Agradecimentos

Nestes dois anos de caminhada, muitas pessoas passaram pela minha vida, algumas deixaram cicatrizes, outras auxiliaram no crescimento intelectual, profissional e pessoal.

Neste espaço quero agradecer primeiramente a “DEUS”, pela minha vida, aos meus pais Vera e Aldair e a minha irmã Renata, que me apoiaram e me ajudaram a superar os obstáculos.

Aos meus colegas pelas conversas, pelos telefonemas com palavras de apoio e motivação. Em especial à Clarice Bianchezzi, que desde Galvão-SC, vem me auxiliando, incentivando e também pelas leituras do texto. Ao meu namorado Cliomar Oliveira Savaiva, pelo apoio. À colega Jacqueline Alexandre Martins, à Felícia Fleck, ao colega Paulo Cunha Neto, à ex-secretária do Programa de Pós-Graduação Cecília Soika Machado, a secretária do Departamento de Ciência da Informação Vanda Vilma Amorim da Cunha, ao auxiliar administrativo Joel de Assis e à bolsista Fernanda Maria de Carvalho, pelas informações valiosas, pelo carinho e o apoio.

À professora Elisa Campos Machado que, mesmo sem me conhecer pessoalmente, respondeu a todos os meus e-mails e sugeriu leituras.

Meu agradecimento e reconhecimento a todos os agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias de Florianópolis, que participaram deste estudo, pois somente com a contribuição desses, esta pesquisa foi realizada.

Em especial ao professor Francisco que aceitou orientar esta pesquisa a partir de julho de 2009, sempre conversando, sanando as

dúvidas, sugerindo leituras. Sem seu apoio e orientação essa dissertação estaria comprometida.

Ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) pela bolsa concedida. À professora Miriam Vieira da Cunha que orientou o início do projeto desta dissertação.

Desta forma, agradeço a todos que se fizeram presentes, diretamente ou indiretamente, e contribuíram de forma significativa, para que essa etapa fosse concluída da melhor maneira possível.

Leitura é paixão, é entrega, tem que ser feita com tesão, com ímpeto, com garra. De quem lê e de quem indica. Com trocas saboreadas e não com perguntas fechadas e sem espaço pra opinião própria, pensada, sentida, vivida. Senão, é só pura obrigação. E aí, como tudo o mais na vida, não vale a pena. Mesmo.

(Fanny Abramovich)

Na verdade um texto pode ser lido somente porque é inacabado, deixando assim espaço para o trabalho do leitor.

(Alberto Manguel)

MADELLA, Rosângela. **Bibliotecas comunitárias:** espaços de interação social e desenvolvimento pessoal. Florianópolis: 2010. 222 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as representações sociais que os diversos agentes envolvidos na organização e gestão de bibliotecas comunitárias constroem sobre a participação destas no funcionamento da sociedade, a partir do pensamento dos que nelas atuam. São analisadas as manifestações de agentes atuantes em quatro bibliotecas comunitárias sediadas em Florianópolis: Biblioteca Barca dos Livros, situada na Lagoa da Conceição; Biblioteca Livre do Campeche (BILICA), localizada no Campeche; a Biblioteca Comunitária da Fundação Vidal Ramos, do centro da cidade e a Biblioteca Comunitária da Barra da Lagoa, com sede na Barra da Lagoa. Foi empregada na pesquisa a metodologia do tipo qualitativa, tendo como fundamentação teórica e metodológica a sociologia do conhecimento e a teoria das representações sociais e coletivas. A técnica de análise para a tabulação dos discursos, coletados por meio de entrevistas e questionários foi o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) construída por Lefèvre e Lefèvre. Na análise, foi identificada a menção da falta de políticas públicas de incentivo por parte do Estado, sendo a biblioteca um ambiente de construção da cidadania e também um espaço de muitas doações de livros para as bibliotecas comunitárias. Em relação aos públicos que frequentam e os públicos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária, é possível visualizar a comunidade do entorno, desde as crianças, adolescentes, adultos até os idosos. Um público heterogêneo, do pescador ao professor universitário. No que concerne às manifestações discursivas sobre a identificação das contribuições da biblioteca comunitária, destaca-se o desenvolvimento das habilidades de leitura do público, a possibilidade de maior acesso ao conhecimento e a participação nos eventos que acontecem na biblioteca, pois a mesma integra e permite uma formação ao ato de ler. Evidenciou-se que a biblioteca sendo localizada próximo de sua casa, facilita e aproxima o indivíduo dos livros.

Palavras-chave: Biblioteca Comunitária. Leitura. Representações Sociais.

MADELLA, Rosângela. Las bibliotecas comunitarias como espacios de interacción social y desarrollo personal. Florianópolis: 2010. 222 p. Disertación (Maestría en Ciencias de la Información) - Post-Grado en Ciencias de la Información. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar las representaciones sociales que las partes involucradas en la organización y gestión de bibliotecas comunitarias se basan en su participación en el funcionamiento de la sociedad, desde el pensamiento de quienes trabajan en ellos. Analiza los acontecimientos de los agentes que trabajan en cuatro bibliotecas de la comunidad ubicado en Florianópolis: Barça biblioteca de libros ubicados en Lagoa da Conceição, la biblioteca gratuita de Campeche (BILICA), ubicado en Campeche, la Comunidad Biblioteca de la Fundación Vidal Ramos en el centro de la ciudad y la comunidad bibliotecaria Barra da Lagoa, con sede en Barra da Lagoa. Fue utilizado en la metodología de investigación de tipo cualitativo, con la sociología teórica y metodológica de los conocimientos y la teoría de las representaciones sociales y colectivas. La técnica de análisis para tabular los discursos, recogidos mediante entrevistas y cuestionarios fue el Discurso del Sujeto Colectivo (DSC) y construido por Lefèvre y Lefèvre. El análisis se identificó mencionar la falta de políticas de incentivos desde el Estado, y el entorno de las bibliotecas para la construcción de la ciudadanía y también un área de muchas donaciones de libros a bibliotecas comunitarias. Para el público a asistir y el público al que se destina labor de la biblioteca de la comunidad puede ver la comunidad que la rodea, desde los niños, adolescentes, adultos y adultos mayores. Un público heterogéneo, desde el pescador a la formación del profesorado. En términos de los acontecimientos discursivos sobre la identificación de las contribuciones de las bibliotecas de la comunidad se incluye el desarrollo de destrezas de lectura del público, la posibilidad de un mayor acceso al conocimiento y participación en eventos que tienen lugar en la biblioteca, la misma parte y permite un aprendizaje en el acto de la lectura. Era evidente que la biblioteca estaba ubicada cerca de su casa, facilita y lleva los libros individuales.

Palavras llaves: Biblioteca Comunitaria. Lectura. Representaciones Sociales.

MADELLA, Rosangela. Community libraries as spaces for social interaction and personal development. Florianópolis: 2010. 222 p. Dissertation (Master Degree in Information Science) - Post-Graduation in Information Science. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

ABSTRACT

The present paper aims at analyzing the social representations that the parties involved in the organization and management of community libraries build on their participation in the functioning of society, based on the thought of those who work in them. It analyzes the events of agents working in four community libraries located in Florianópolis: Biblioteca Barca dos Livros located in Lagoa da Conceição, Biblioteca Livre do Campeche (BILICA) located in Campeche, Fundação Vidal Ramos Community Library in the downtown and the Barra da Lagoa Community Library, located in Barra da Lagoa. Therefore, the methodology used in the research was of a qualitative sort, with the theoretical and methodological sociology of knowledge and theory of social collective and representations. The technique of analysis to tabulate the speeches, collected through interviews and questionnaires was the Discurso do Sujeito Coletivo (Collective Subject Discourse) (DSC) by Lefèvre and Lefèvre. Thus, the analysis identified the lack of incentive policies from the state, being the library an environment for building citizenship and also an area of many donations of books to community libraries. For the public who attend and the public to be affected by the work of the community library it can be noticed the surrounding community, from children, adolescents, adults to seniors. It is composed by a heterogeneous public from the fisherman to the College professor. In terms of the discursive events on the identification of the contributions of community libraries include the development of reading skills of the public, the possibility of greater access to knowledge and participation in events that take place in the library, the same part and allows a learning act of reading. It was evident that the library was located near his home, facilitates and brings the individual books.

Key words: Community Library. Reading. Social Representations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Perfil das ONGs.....	87
Quadro 2 Demonstrativo de matrículas nas redes escolares de Florianópolis	95
Quadro 3 Demonstrativo de estabelecimentos escolares públicos de quatro bairros de Florianópolis.....	98
Quadro 4 Perfil - escolaridade dos agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias	123
Quadro 5 Atividades exercidas na biblioteca comunitária pelos agentes.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AACR2 - Código de Catalogação Anglo-Americano
- ACB – Associação Catarinense de Bibliotecários
- ACL – Academia Catarinense de Letras
- ALIFLOR - Associação Literária Florianopolitana
- AMORBAJOM - Associação de Moradores do Bairro José Mendes
- BESC – Banco do Estado de Santa Catarina
- BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- BPSC – Biblioteca Pública de Santa Catarina
- CASAN – Companhia Catarinense de Água e Saneamento
- CBEC - Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias
- CBL – Câmara Brasileira do Livro
- CDD- Classificação Decimal de Dewey
- CECCA – Centro de Estudos Cultura e Cidadania
- CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina
- CEUS – Centros Educacionais Unificados
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CTP – Científicos, técnicos e profissionais
- DMC - Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias
- DSC – Discurso do Sujeito Coletivo
- FBN – Fundação Biblioteca Nacional
- FECAM – Federação Catarinense de Municípios
- FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
- FUNCULTURAL - Fundo de Incentivo à Cultura
- FUNDARTEC - Fundação de Arte e Tecnologia
- GPL - Grupo de Poetas Livres

GRANFPOLIS - Associação dos Municípios da Grande Florianópolis
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICom – Instituto Comunitário Grande Florianópolis
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IFLA – International Federation of Library Associations
IHGSC - Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
INEP – Instituto Nacional de Estudos Educacionais Anísio Teixeira
INL – Instituto Nacional do Livro
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
MinC – Ministério da Cultura
MUDICASE - Música e Dinâmica como Auxílio Socioeducativo
ONGs – Organizações Não-Governamentais
PIB - Produto Interno Bruto
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNLL – Programa Nacional do Livro e da Leitura
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
POF – Pesquisa de Orçamento Familiar
PRODASC – Processamento de dados de Santa Catarina
PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura
REDECIM – Rede Catarinense de Informações Municipais
REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SESC – Serviço Social do Comércio
SMB – Sistema Municipal de Bibliotecas
SME - Secretaria Municipal de Educação
SNB – Serviço Nacional de Bibliotecas
SNBP – Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	25
2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL	35
2.1 As bibliotecas comunitárias.....	47
2.2 A formação de leitores e o incentivo à leitura.....	55
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	67
4.1. A Região Metropolitana e o município de Florianópolis	82
4.2 Entidades associativas e aspectos políticos de Florianópolis	86
4.3 Vida cultural e recursos de educação escolar nos diferentes níveis de ensino	92
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS	100
5.1 Tipo de pesquisa.....	100
5.2 Coleta de dados	102
5.3 Caracterização do campo	105
5.3.1 Bibliotecas selecionadas e suas comunidades	107
5.4 Caracterização dos agentes entrevistados.....	121
5.5 Cuidados éticos	125
5.6 Condições motivacionais de realização e transcrição das entrevistas	125
5.7 Tabulação, análise e interpretação dos resultados	128
6 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	131
6.1 DSC final.....	131
6.2 As representações contidas no discurso do sujeito coletivo: interpretações de seus significados.....	134
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES.....	164
Apêndice A - Carta de Apresentação (CA).....	164
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	165
Apêndice C - Questionário.....	168
Apêndice D - Roteiro semi-estruturado de entrevistas.....	170
Apêndice E - Entrevistas	171
Apêndice F - Instrumento e Tabulação dos Discursos dos Agentes....	202

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

As bibliotecas comunitárias ocupam posição de destaque no mundo contemporâneo, como espaços de informação e disseminação da cultura escrita nas sociedades. Atuam como lugar de institucionalização da leitura de pequenas comunidades, atendendo a diferentes grupos, empobrecidos ou não, como unidades de acesso cultural e tecnológico e também espaços de aprendizagem, diálogo e conhecimento. Diante das mudanças que estão ocorrendo na sociedade, a informação é um recurso de poder, pois possibilita à pessoa compreender as transformações correntes e oferece meios para que possa buscar novas alternativas de vida, e garantia do pleno exercício da cidadania¹. Nessa perspectiva, as bibliotecas passam por mudanças, na busca por adaptações significativas, cujos recursos gravitam em torno do bem social informação, com objetivo de auxiliar a pessoa a construir conhecimento e a conviver em uma sociedade em transformação. Para proporcionar esse auxílio ao conhecimento, elas se propõem a oferecer estratégias e suportes para melhorar a difusão do conhecimento e das práticas de leitura.

Diversos pesquisadores, dentre os quais Almeida Júnior (1997), Suaiden (2000), Milanesi (2002), apontam para o papel essencial das bibliotecas na formação de leitores ao longo da história, destacando-as tanto como local de acesso à leitura, quanto como espaço de informação

¹ A concepção de cidadania nesta pesquisa: A cidadania se manifesta e se constrói a partir dessa conscientização e da participação política e social dos homens na sociedade o que pressupõe o acesso a informação variadas e atualizadas, quaisquer que sejam os suportes físicos: livros, discos, fitas, base de dados, CD-ROM, a sofisticada e complexa rede de informações científicas Internet [...] (TARGINO, 1991, p.156).

e produção de conhecimento. Uma das ferramentas na construção do conhecimento é o “saber” da leitura e da escrita.

Criar condições de acesso à leitura é também criar as condições necessárias de acesso aos vários textos escritos, inclusive à literatura que, por sua vez, deve ser priorizada e valorizada desde cedo pela família, pela escola e pela sociedade como um todo. Quando as pessoas estão sem condições para constituir uma biblioteca pessoal, o lugar desse encontro pode ser a biblioteca comunitária.

No decorrer da história, as bibliotecas são responsáveis pela memória de uma nação no sentido de reunir, armazenar, conservar um conjunto de documentos bibliográficos e multimeios. Sua dinâmica aumenta quando, além de disponibilizar seu acervo, realiza a disseminação de informações, cultura e leitura para a comunidade.

É nesse contexto de acesso ao conhecimento e à memória registrada que as bibliotecas comunitárias caracterizadas como espaços organizados por iniciativas dos membros de uma comunidade, ou seja, em um ambiente de vizinhança, tendo como público-alvo a mesma comunidade que a mantém, se destacam por contribuir para a formação continuada dos indivíduos, e, também, na valorização da comunidade local.

A intenção de pesquisar as bibliotecas comunitárias surgiu da dificuldade da autora desta pesquisa de ter acesso, na época de sua formação escolar no ensino fundamental, à informação e à leitura, pois fez parte daquele grupo de jovens que só conheceu a biblioteca “depósito” de livros. No entanto, hoje considera as bibliotecas comunitárias como espaços alternativos² de informação e cultura.

² Espaços alternativos, entendidos aqui como bibliotecas não oficiais.

Além disso, a oportunidade que teve de trabalhar em uma biblioteca comunitária realçou ainda mais essas questões. Novos desafios se apresentaram, pois, apesar da infra-estrutura não ser satisfatória, percebeu que, naquele espaço, o importante era disponibilizar o acervo para a comunidade e, em especial, focalizar a atenção no leitor e na sua necessidade de informação e de leitura.

No Brasil, são poucos os estudos que se dedicam a tratar das bibliotecas comunitárias e do seu papel como espaço de acesso à leitura e à informação. Não obstante, é possível citar os trabalhos de Prado (2004), Vieira (2007) e Machado (2008), que mesmo de maneiras distintas e com objetivos diferentes, trouxeram para o meio acadêmico a discussão sobre essa temática, ainda pouco trabalhada pelos intelectuais da Ciência da Informação.

Entender o papel que essas organizações desempenham na sociedade contemporânea e as representações que se constroem sobre ela, a partir do pensamento dos que por elas lutam e nelas atuam, é indispensável para se pensar a democratização da informação e os usos sociais da leitura.

As iniciativas comunitárias, visando à produção de serviços coletivos, surgem primeiramente na Inglaterra no século XVIII, na relação contratual em que se afirmam os direitos civis e políticos, nas leis beneficentes (IAMAMOTO, 2001). Com o fim da Segunda Guerra Mundial, esses vínculos também se consolidam nos Estados Unidos e nos anos da década de sessenta do último século, essas inovações ganham espaço no Brasil com Paulo Freire, através das experiências com a educação popular. Nessa mesma época, também se desenvolvia

no Brasil uma metodologia do trabalho comunitário e social que pode ser expressa por três eixos principais, de acordo com Pereira (2001):

a) primeiro eixo: movimentos reivindicatórios urbanos – marcados pelo ciclo de desenvolvimento capitalista internalizado, sob os domínios de regimes militares, processos de industrialização e o êxodo rural, resultando na concentração de riquezas por poucos. Nesse contexto, iniciam-se os processos de organização, conscientização e reivindicação junto ao Estado;

b) segundo eixo: é possível identificar o surgimento de consensos entre pensadores de diversas áreas que sentiram a urgência em pensar a situação brasileira e seu contexto latino-americano, articulando o universo cultural à população local;

c) terceiro eixo: tem a influência do pensamento de Paulo Freire, refletindo a conscientização, a alfabetização e participação popular. Esses ideais até hoje influenciam as iniciativas para a diminuição da exclusão social³, como no caso das bibliotecas comunitárias:

A transformação das pessoas, mais do que só informação; uma nova percepção da realidade, mais que uma acumulação de dados; um grau superior de consciência crítica, mais que uma memória desenvolvida; uma ação que transforme, mais que somente a explicação que satisfaz; parte

³ A exclusão social entendida aqui como a não efetivação da cidadania, ao fato de que, apesar da legislação social e do esforço das políticas sociais, uma grande massa de indivíduos [...] não têm acesso ao consumo dos bens e serviços de cidadania. Embora a lei lhes garanta direitos civis, políticos e sociais, tal garantia legal não se traduz em usufruto efetivo de tais direitos. [...]. Os direitos civis são, [...] o direito de ir e vir, a inviolabilidade do domicílio, a liberdade de expressão. Os direitos políticos são os que facultam e delimitam o papel do cidadão na organização política de sua comunidade – os direitos de votar, ser eleito, organizar e participar de partidos políticos etc. os direitos sociais, finalmente, são direitos ao acesso a um conjunto de bens e serviços indispensáveis para a vida digna e a convivência social – o direito à educação, à saúde, ao trabalho, a um salário decente, à proteção em situações de doença e velhice, e assim por diante (MARIÓ; WOOLCOCK, 2005, p.151).

de problemas comuns a um grupo de trabalhadores, para que, dialogando entre si, cheguem a uma visão global mais integral, que lhes permita transformar a realidade (SERVIÇO DE EDUCAÇÃO POPULAR, 1981, p.13).

A partir das contribuições de Freire (2006), cuja pedagogia prima pelo respeito aos itinerários culturais e formativos dos grupos a que se destina, pode-se entender as bibliotecas comunitárias como espaços de educação permanente, pois suas atividades se estendem à promoção da cultura e do lazer e ao acesso e compreensão dos chamados direitos de cidadania, estando entre eles o direito à informação e à cultura.

Pensar em biblioteca comunitária implica julgar, comparar e avaliar estratégias sociais construídas para a superação de obstáculos promovidos por uma dada ordem cultural, política e econômica. O Manifesto da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições - IFLA e da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO afirma que a biblioteca pública fornece condições básicas e aprendizagem permanente, para tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos cidadãos e dos grupos sociais (IFLA/UNESCO, 1994). Mas as organizações públicas, vistas como entidades estatais, não estão presentes em todas as comunidades. Nesse caso, onde estas organizações públicas não se fazem presentes, quais seriam as viabilidades de se ter informação, leitura e cultura? É nessa situação que se dá destaque às bibliotecas comunitárias, como espaços privilegiados de acesso à leitura e à informação.

Ao fazer referência às bibliotecas comunitárias como unidades de informação autônomas que, por sua própria origem, podem se efetivar como espaços de leitura, discussão, garantia de acesso e disseminação de informação, bem como o exercício da cidadania, quando o conhecimento é transformado na interação com o meio, cabe, então, perguntar: as bibliotecas comunitárias são espaços públicos autônomos de informação e discussão para o desenvolvimento local? Como estas bibliotecas são entendidas pela comunidade e pelo grupo de pessoas que atua para a sua efetivação? Quais são as representações que se constroem sobre essas unidades de informação e que práticas elas demandam?

Ao focar nos agentes, cabe assinalar que as bibliotecas comunitárias são originadas por iniciativas voluntárias de pessoas da própria comunidade. Nesse sentido, a problemática deste estudo se relaciona com a construção de representações sociais em torno do acesso à informação e das práticas de leitura na sociedade contemporânea, manifestada por essas pessoas denominadas de agentes. Seu exame visa esclarecer as perspectivas e possibilidades que uma organização social gerada e mantida pela própria comunidade, como as bibliotecas comunitárias, pode oferecer para a diminuição dos índices de exclusão social pela garantia do acesso à informação.

Para tratar dessas questões, nesta pesquisa, estabeleceu-se como objetivo geral analisar as representações sociais que os diversos agentes envolvidos na organização e gestão de bibliotecas comunitárias constroem sobre a participação destas no funcionamento da sociedade. A partir desse objetivo, foram formulados os objetivos específicos seguintes: a) verificar as características pessoais (escolarização,

profissão, experiência com trabalho social, vínculo a mercado de trabalho) dos agentes; b) identificar o papel social dos agentes segundo seu ponto de vista; c) levantar as opiniões dos agentes sobre o espaço social da biblioteca comunitária em Florianópolis; d) levantar informações acerca de como os agentes caracterizam o público alvo a ser atingido pelo trabalho das bibliotecas comunitárias; e) identificar as opiniões dos agentes sobre a contribuição das bibliotecas comunitárias para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público.

A presente dissertação compreende sete capítulos, sendo o primeiro introdutório em que se destaca o tema abordado, as motivações e os objetivos da pesquisa que lhe deu origem; em seguida realiza-se a auto-apresentação pessoal e acadêmica da autora deste trabalho. Um breve relato de seu histórico de vida poderá auxiliar o (a) leitor (a) a compreender melhor o ponto de partida e o lugar de onde esta autora registra suas palavras. A descrição desse contexto busca apresentar trechos da trajetória pessoal, que de modo consciente nos dias atuais contribuiu para a própria formação. No capítulo dois, expõem-se as bases conceituais com atenção voltada para as abordagens das bibliotecas oficiais, sob o ponto de vista institucional, do compromisso desenvolvido pelas bibliotecas comunitárias na formação de leitores e no incentivo à leitura. No terceiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica e metodológica que trata da construção social da realidade que possibilita compreender o modo como as relações sociais podem ser estabelecidas a partir da reciprocidade entre os indivíduos e o meio. Quando Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) buscam sistematizar o conhecimento da relação que se estabelece entre o homem e a realidade na qual se insere, mostram como o conhecimento se

constrói e se transmite colaborando para a configuração de uma dada sociedade. Também quando Norbert Elias (1993, 1994) destaca fatores, que constituem um processo de interação constante que leva a transformações nas sociedades, evidencia a produção contínua do que denomina como processo civilizador. A partir da apreensão destas noções de construção e processo social que se estabelecem por interação humana na sociedade, apresenta-se a Teoria das Representações Sociais (TRS) formulada por Serge Moscovici (2004) que permite identificar representações visíveis e inteligíveis, na relação indivíduo, sociedade e pensamento social. No capítulo quarto, mostra-se o macroambiente de realização da pesquisa nos aspectos geográficos, econômicos, políticos, bem como no que concerne à vida cultural e aos recursos de educação escolar. No capítulo cinco, são descritas as questões pertinentes aos procedimentos metodológicos, através dos quais foi sistematizada a realização das etapas de coleta e tratamento de dados, de acordo com a técnica elaborada por Fernando Lefèvre e Ana Maria Lefèvre (2003) denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Nos procedimentos metodológicos foram incluídos a caracterização do campo da pesquisa, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, a caracterização dos agentes pesquisados, assim como as condições motivacionais de realização das entrevistas. No capítulo seis, apresenta-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e as respectivas interpretações. E no capítulo sete têm-se as considerações finais. Seguem-se as referências e os apêndices (instrumentos utilizados na pesquisa, as entrevistas realizadas e a tabulação dos discursos dos agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias de Florianópolis).

Antes de apresentar o capítulo dois, é relevante a exposição de minha trajetória pessoal, considerando as circunstâncias que contribuem para a minha formação como leitora e as demais etapas até chegar à formação como bibliotecária.

Eu nasci em Galvão, uma pequena cidade da região Oeste do Estado de Santa Catarina. Minha família residia em uma comunidade do interior do município chamada Alto Rio Martins, distante 12 quilômetros da área urbana. Minha família tem como atividade econômica principal o cultivo de fumo. Nessa localidade eu comecei a frequentar, em fevereiro de 1989, a escola multisseriada.

O ano letivo se iniciava, era o primeiro dia de aula, meu pai foi junto para realizar a matrícula. Éramos uma turma grande, composta por meninos e meninas que íamos todos juntos à escola.

Em uma comunidade de uma cidade pequena, casas simples, cidadãos, na sua maioria, agricultores, escola multisseriada, ou seja, com um único professor que leciona para quatro séries juntas. O ambiente é constituído por uma sala simples, um quadro negro, um armário e a mesa do professor. Biblioteca para esses estudantes era um luxo, que não chegaram a conhecer nessa escola.

Eu iniciei na primeira série, pois na época, como morávamos no interior, não havia Pré-escola, esse termo, quando associado à escolarização, refere-se ao atendimento às crianças de 0 a 5 anos em instituições especializadas, que têm origem com as mudanças sociais e econômicas, causadas pelas revoluções industriais no mundo todo. “Na sociedade contemporânea, por sua vez, a criança tem a oportunidade de frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações com seus pares”

(PASCHOAL; MACHADO, 2009, p.79). A escola era “grande”, tinha duas salas de aula onde os alunos da primeira série e os alunos da quarta-série estudavam juntos. Na outra sala ficavam os alunos da segunda série e os da terceira série. A escola tinha uma pequena cozinha onde as professoras faziam a merenda, e tínhamos escalas de alunos para lavar as louças.

E assim aconteceu... Quatro anos passaram muito rápido e finalmente eu estava estudando no colégio “grande” Colégio Estadual “Verônica Senem” de Galvão – SC; nessa escola existe uma pequena biblioteca, onde a professora de Língua Portuguesa permite que os alunos emprestem um livro de literatura semanalmente para ser lido. Na verdade, o que nesse caso é chamado de biblioteca, é apenas um espaço onde se depositam livros.

Quando terminei o Ensino Médio em Galvão, realizei o “famoso” vestibular para Biblioteconomia, na cidade de Chapecó, a cidade mais próxima de Galvão, onde as provas de vestibular eram realizadas. Outra dificuldade para saber o resultado, eu não tinha computador em 2002, muito menos Internet, então na ânsia de saber o resultado, fui ao Banco Financeiro (Besc), falei com gerente (amigo de meu pai) pedi para ele olhar o resultado, mas ele não conseguiu, então fui à Prefeitura do município de Galvão e lá também não conseguiram, então desisti. Fui para casa e somente na semana seguinte fiquei sabendo resultado, e eu havia passado no vestibular.

Dessa forma vim para a capital estudar na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Passados três anos, quando me deparei com o desafio de escrever um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a princípio a idéia era trabalhar com uma temática que

envolvesse a biblioteca, mas eu queria algo que envolvesse a cidadania, então, no final de 2006, o TCC ficou com o tema: “Diretrizes Curriculares Nacionais: formando bibliotecários sociais.”

Depois de formada bibliotecária, voltei a minha cidade para organizar o acervo da então Biblioteca Municipal. Realizado o trabalho na biblioteca, retornei a Florianópolis onde trabalhei um semestre em uma biblioteca escolar particular, quando então surgiu a oportunidade de trabalhar em uma biblioteca comunitária que estava sendo organizada na Lagoa da Conceição – “Biblioteca Barca dos Livros.”

Desde que iniciei o trabalho na biblioteca “Barca dos Livros”, percebi diferenças em relação tanto aos usuários quanto aos indivíduos que atuavam nesta biblioteca. Os usuários conversavam sobre suas leituras, queriam informações sobre como funciona o projeto da biblioteca, perguntavam se existiam outras bibliotecas semelhantes aquela? Desta forma, resolvi pesquisar sobre bibliotecas comunitárias. Realizei a seleção para o mestrado com objetivo de pesquisar os indivíduos que atuam nas bibliotecas comunitárias.

A seguir, expõe-se a fundamentação conceitual e um histórico das bibliotecas como etapa inicial da apresentação desta dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

Do ponto de vista histórico, pode-se ver que foi com a civilização greco-romana na Antiguidade Clássica, aproximadamente no século V a.C., que se criou a noção de biblioteca como entendemos hoje, a partir das coleções de livros que as grandes escolas de Filosofia disponibilizavam aos seus alunos. No entanto, não havia a idéia de biblioteca pública. Essa surgiu muito mais tarde, quase como consequência da invenção da imprensa de tipos móveis, da escolarização ampla e da criação da indústria, como principal instrumento de organização econômica da sociedade européia (MANGUEL, 2006).

Assim, as bibliotecas “públicas” surgem apenas em meados do século XVIII na Inglaterra e no início do século XIX nos Estados Unidos. Essas bibliotecas tinham como objetivo educar as classes mais baixas e instruir os trabalhadores para manter a ordem social e o progresso daqueles países (MUELLER, 1984).

Sob o ponto de vista institucional, a biblioteca pública pode se tornar um instrumento de transformação social e de acesso à informação e à leitura, constituindo um caminho para o fortalecimento da democracia. Como uma organização social vinculada a órgãos governamentais e sediada em espaços públicos e culturais, ela oferece condições para se implantar uma gestão participativa com a comunidade (MACHADO, 2006). No entanto, a realidade da maioria dos municípios brasileiros revela a precariedade de seus serviços, a desatualização e escassez de acervo, o desconhecimento do usuário e a ausência de bibliotecário como profissional qualificado. Além disso, também é de conhecimento público que a maioria desses estabelecimentos está localizada em grandes centros urbanos e em números insuficientes para

atender às demandas sociais do país, limitando, então, o acesso à informação e à leitura da grande maioria dos brasileiros.

Neste contexto, ainda se referindo às bibliotecas públicas, é necessário mencionar a existência de algumas iniciativas que podem servir de referência. Um dos poucos casos é o exemplo do Sistema Municipal de Bibliotecas (SMB) de São Paulo. A origem do sistema tem início nos anos 30 do século XX, a partir da liberação do acesso ao público da Biblioteca da Câmara Municipal. Sob a inspiração de Paulo Duarte e comando de Mário de Andrade, elaborou-se um projeto para estruturar as atividades culturais na cidade através da criação de um Departamento de Cultura. A partir de 1936, Rubens Borba de Moraes assumiu a Divisão de Bibliotecas do Departamento, neste mesmo ano inaugurou-se a Primeira Biblioteca Infantil. Em 1955, essa biblioteca infantil passou a denominar-se Monteiro Lobato. Nas décadas de 1950/1960, formou-se a rede de bibliotecas de bairro, com ênfase em acervos voltados para o público infanto-juvenil. Essa expansão incorporou ao município dezenas de novas bibliotecas existentes até hoje. Nos anos 1970, estruturou-se a Secretaria Municipal de Cultura, e criaram-se os Departamentos de Bibliotecas Públicas e Infanto-Juvenis. Na década de 1980, foi inaugurado o Centro Cultural São Paulo que mantém expressivos acervos da cidade e um conjunto de Bibliotecas. Em 2003, foram criados os Centros Educacionais Unificados (CEUS) com bibliotecas que atendem o público em geral. Em 2005, instituiu-se o Sistema Municipal de Bibliotecas que visa integrar todas as bibliotecas públicas municipais para melhor desenvolverem suas políticas, seus serviços e sua estrutura informacional (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2009).

O sistema é composto por 84 bibliotecas públicas municipais localizadas nas diferentes regiões da cidade de São Paulo, abertas ao público em geral e recebem cerca de quatro milhões de consultas por ano. Atualmente os acervos somam mais de cinco milhões de documentos. Nas bibliotecas municipais o público pode ler, pesquisar, retirar livros emprestados e outros materiais, acessar a internet e usufruir de uma ampla programação cultural. Fazem parte do sistema municipal de bibliotecas as bibliotecas centrais: Mário de Andrade, Monteiro Lobato, as bibliotecas do Centro Cultural de São Paulo que abrigam as bibliotecas Sergio Miliet, biblioteca Braille, Gibiteca Henfil e a Discoteca Oneyda Alvarenga (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2009).

A cidade de São Paulo tem à disposição do público, esse conjunto de bibliotecas espalhadas pelos bairros. Com essa estrutura, pode-se imaginar que esse sistema caminha para aproximar-se de um modelo desejável de oferta de acesso ao conhecimento para os habitantes da cidade de São Paulo.

Ainda, sobre a biblioteca pública, a IFLA e a UNESCO (1994, p.1) afirmam que a “biblioteca pública, porta de acesso local ao conhecimento, fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.”

Esse mesmo documento destaca os objetivos da biblioteca pública:

- 1 - Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- 2 - Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal em todos os níveis;

- 3 - Oferecer possibilidades de um criativo desenvolvimento pessoal;
- 4 - Estimular a imaginação e criatividade das crianças e jovens;
- 5 - Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
- 6- Facilitar o acesso às diferentes formas de expressão cultural das manifestações artísticas;
- 7 - Fomentar o diálogo intercultural e, em especial, a diversidade cultural;
- 8 - Apoiar a tradição oral;
- 9 - Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação à comunidade;
- 10 - Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
- 11 - Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
- 12 - Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários (IFLA/UNESCO, 1994, p.2).

Nos quatro primeiros objetivos da biblioteca pública, segundo este Manifesto, apontou-se claramente o reconhecimento de que cabe a esta promover e estimular a criatividade individual dos cidadãos desde a primeira infância. Nos itens cinco a oito, delineia-se a valorização de diferentes formas culturais e o incentivo à mediação pelo “diálogo intercultural”. Os objetivos de nove a doze enfatizam a promoção, o acesso e a disseminação da informação. Quanto à formação do cidadão, aspecto enfatizado no segundo objetivo acima exposto, Barros (2002) destaca que:

A formação do cidadão e o direito de exercício a sua cidadania passa necessariamente pela sua participação e envolvimento com os espaços que fomentam a cultura e a informação, sem a qual não há formação de consciência política, de

convivência social. É preciso mais ação, menos passividade dos sujeitos sociais, e neste contexto as bibliotecas públicas estão de portas abertas a todo o cidadão, podendo ser um caminho de iluminação na busca da cidadania (BARROS, 2002, p. 140).

Ao considerar isto, a biblioteca pública pode ser um espaço à disposição do público, destacando-se como uma de suas atribuições o desenvolvimento e a formação de uma consciência crítica dos cidadãos, pois as funções da biblioteca pública, segundo Almeida Júnior (1997), são:

a) educativa: função primordial, apoiando atividades de educação formal e não-formal. Deve preocupar-se em enfatizar a formação do gosto da leitura.

b) cultural: pressupõe todo e qualquer tipo de manifestação artística oferecida à comunidade, como artes, estímulo à música, ópera, cinema, vídeo e televisão, palestras, debates, exposições, conferências e concertos.

c) recreativa: oferece a possibilidade de entretenimento, eventos através da leitura, exposições, palestras.

d) informativa: possibilita informar e orientar a comunidade sobre as questões relevantes à resolução de seus problemas, bem como fornecer informações que visam satisfazer necessidades da comunidade.

Um dos serviços relacionados à função informativa que faz parte das bibliotecas públicas é o serviço de informação utilitária. De acordo com Suaiden (1995, p. 108), a informação utilitária, também chamada de “informação à comunidade”, é um serviço que pode ser prestado pela biblioteca pública, objetivando a disseminação de informações para que as pessoas possam resolver problemas diários

como tirar documentos, conseguir bolsas de estudos, matricular seus filhos na escola, conseguir emprego, saber a programação de cinema, teatro, televisão e outras atividades culturais, obter informações sobre as atividades do governo, etc. Criada nos Estados Unidos e na Inglaterra da década de 1960, a noção de informação utilitária na biblioteca visa transformar a relação da biblioteca com a população, tornando-a mais presente na vida em comunidade.

Suaiden (2000, p. 58) propôs modelos de informação utilitária para ajudar as pessoas a resolver os seus problemas diários: “à medida que a biblioteca [...] decida implantar um serviço de informação utilitária, dará um grande passo, contribuindo para a formação da cidadania, ela poderá se tornar um real centro disseminador da informação”. Polke, na década de 1970 (apud SUAIDEN, 1995, p.57), enfatizou os assuntos caracterizados como informação utilitária:

- a) *Saúde*: problemas de assistência médica e hospitalar, como, onde e a quem recorrer para a solução dos problemas referentes à saúde, planejamento familiar, prevenção de doenças, vacinação;
- b) *Emprego*: problemas para obter trabalho, estabilidade ou flutuação, agências, conciliação das atividades fora de casa com as tarefas domésticas;
- c) *Legislação*: problemas para a obtenção de documentos, conhecimento de direitos e deveres legais, assistência jurídica, existência de associações de moradores, aposentadoria e obtenção de benefícios;
- d) *Educação*: problemas de vagas escolares, abandono da escola, reprovação, alfabetização de adultos, formação profissional, obtenção de bolsas, orientação sexual, educação para adultos, (trabalhos manuais, artesanais);
- e) *Lazer*: problemas relacionados com o tempo livre, quais são os horários preferidos para

distração, obstáculos ao lazer, papel da televisão e do rádio, leitura para o lazer (o que, como e para que ler);

f) *Moradia*: problemas de posse da terra, aluguel, invasão de terras, serviços de água, esgoto e luz, condições da residência, vizinhança.

Esses serviços acima mencionados, quando desenvolvidos nas bibliotecas públicas, salientam a relação com o seu público alvo, reafirmando os compromissos da biblioteca com os cidadãos. E, quando as bibliotecas públicas não existem ou não prestam esses serviços à comunidade, seja pelo distanciamento físico ou pela ausência de investimentos na contextualização do acervo, devem-se buscar novas alternativas no campo social.

A partir dessa perspectiva, surgem, por exemplo, as “bibliotecas populares.” Uma vez estabelecidas, elas passam a constituir as funções da biblioteca pública, com diferenças muitas vezes tênues, que ficam apenas no campo semântico (MACHADO, 2008, p. 59).

No entanto, no Brasil, pesquisas recentes realizadas, como “Retratos da Leitura do Brasil” de 2008, destacam que o livro ainda não tem lugar assegurado entre os cidadãos, pois o acesso ainda não está garantido, seja pelo preço, seja pelo número restrito de bibliotecas no país (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008).

O Brasil possui 5.226 bibliotecas públicas cadastradas junto aos sistemas de bibliotecas públicas. Algumas destas bibliotecas encontram-se cadastradas apenas no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, outras apenas nos seus respectivos sistemas estaduais e/ou municipais de bibliotecas públicas. Algumas não estão cadastradas em nenhum dos sistemas e por isso não entram nas estatísticas. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2009).

De acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO (1994) são características da biblioteca pública: ter por princípio ser gratuita, financiada pelo governo federal e local, ser um componente essencial de estratégia em longo prazo para cultura, informação, alfabetização e educação.

A biblioteca pública é formada idealmente como um centro integrado de disseminação de informação, leitura e cultura, atuando para diminuir a exclusão social. O livro possibilita adentrar em domínios, até então inacessíveis a todos que se interessam, incluindo os demais suportes disponíveis atuais, como as tecnologias (ex: internet) (MARTINS, 1998). Na medida em que as tecnologias aumentam sua abrangência, os serviços e processos das bibliotecas evoluem e sofrem alterações, visando coletar, organizar para, assim, disponibilizar as diversas formas de informação com respaldo público.

A biblioteca pode ser um elo entre a necessidade de informação de um usuário e o recurso informacional; precisa se constituir em um ambiente público, de convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar idéias, discutir problemas, estudar, participar de atividades culturais e de lazer (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000).

Considerar as mencionadas bibliotecas é necessário perguntar: quantas bibliotecas seriam suficientes para o Brasil se tornar um país mundialmente competitivo? Para refletir sobre a causa e realizar uma projeção, fez-se uma análise considerando a população brasileira atual de 193.733.795 habitantes, dividindo-a pelo número de usuários de uma biblioteca comunitária ativa. Neste caso, tomou-se o público de 2.267 leitores cadastrados na biblioteca Barca dos Livros da Lagoa da

Conceição como referência. Com esse exercício, chega-se à conclusão de que seriam necessárias mais de 80.000 mil bibliotecas de acesso público para o Brasil se tornar um país competitivo no cenário econômico e político mundial. O número atual aproximado de bibliotecas públicas é de 5.226, ou seja, menos de 7%.

O bibliófilo José Mindlin abordou essa questão das bibliotecas, no Fórum Brasil em Questão – A Universidade e a Eleição Presidencial, que discutiu o tema Brasil – Nação de Não-letrados em 2006 na Universidade de Brasília (UnB), responsável pela promoção do encontro. Naquela oportunidade, afirmou: “O Brasil tem, atualmente, cinco mil bibliotecas registradas. Mas acredito que dessas, apenas mil funcionem plenamente. As demais são apenas ‘depósitos’ de livros sem qualquer estrutura para incentivar o hábito da leitura” (MINDLIN, 2006, p. 01). Portanto, na visão de Mindlin a “ampliação deve acontecer no patamar das ‘centenas de milhares’ e que precisa, necessariamente, ser acompanhada do treinamento de professores para incentivar o hábito de ler já nas crianças por meio de atividades atrativas a todas as faixas etárias”. Ou seja, um trabalho em conjunto entre a família (pai, mãe, filhos), escola (professores, bibliotecários, alunos, funcionários) e a sociedade em geral.

No Brasil, a primeira biblioteca pública foi criada em 1811, na Bahia, por Pedro Gomes Ferrão Castello Branco (SUAIDEN, 2000, p.1). No entanto, já haviam sido criadas nos século XVI bibliotecas para fins escolares nos colégios jesuíticos. A evolução da criação de bibliotecas públicas no Brasil tem sua expressividade a partir de 1937, quando foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), sob o regime ditatorial do presidente Getúlio Vargas, que entre suas competências

incluía a manutenção das bibliotecas públicas e seus livros, sendo estas bibliotecas apenas um local de depósito (ARAÚJO, 2002).

Em 1961, surge o Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB) com o objetivo de criar, organizar e estruturar bibliotecas públicas em todo o país. Estava dividido em quatro setores, sendo um para Catálogo Coletivo Nacional; Setor de Intercâmbio de Catalogação; Setor de Assistência Técnica e Biblioteca. Esta iniciativa terminou quando o SNB foi incorporado ao INL (CALDAS; TÁLAMO, 2005).

Na trajetória da biblioteca pública, destaca-se a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), instituído pelo Decreto Presidencial nº 520, de 13 de maio de 1992, com o objetivo de fortalecer as bibliotecas públicas do país. O SNBP assume, como pressuposto básico para o desenvolvimento de suas ações, a função social da biblioteca pública, coordenado pela Fundação Biblioteca Nacional. O SNBP tem como ações: a Assessoria Técnica, Capacitação e Seminários, Consórcio Eletrônico de Bibliotecas, Cadastro de Bibliotecas Públicas e o Programa Livro Aberto que realiza a implantação e modernização de Bibliotecas Públicas pelo país (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2009).

No âmbito do Ministério da Cultura (MinC), pasta à qual se vincula a FBN e ao SNBP, deve-se considerar a abertura de um edital em setembro de 2008, para apoiar a instalação de 600 bibliotecas comunitárias no país. A intenção era criar uma rede de bibliotecas de acesso público em níveis municipal, estadual e comunitário. Por meio de financiamentos, o governo daria preferência a instituições ou pessoas físicas com projetos de leitura, que estivessem em andamento há pelo menos um ano, para os 410 municípios considerados prioritários pelos

programas Território da Cidadania, do Ministério da Justiça, e Mais Cultura, do MinC. (BRASIL, 2008). Os objetivos desses programas são: promover o interesse nacional pela leitura e fortalecimento da cidadania, promover políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura, articular ações de incentivo, viabilizar realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita e incrementar o centro de referências sobre leitura. Este subsídio atua sobre três eixos: fomento e divulgação, formação continuada de promotores de leitura e a pesquisa e documentação.

No Estado de Santa Catarina, a primeira biblioteca pública foi inaugurada em 1855 e completou 154 anos no ano de 2009. Trata-se da atual Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC), com sede na cidade de Florianópolis, responsável pela conservação, gestão e disponibilização ao público do patrimônio bibliográfico e documental do estado.

A Biblioteca Pública do Estado funciona desde 1999 como Depósito Legal através da Lei nº 11.074 de 11 de Junho, que torna pública a obrigatoriedade de editoras e escritores catarinenses de doar um exemplar de cada obra impressa para o acervo da BPSC. O objetivo dessa lei é o de assegurar o registro e preservar, através da guarda de publicações, a memória do Estado de Santa Catarina.

Atualmente a Biblioteca conta com um acervo de mais de 115.000 volumes de todas as áreas do conhecimento e formas de produção literária, além de coleção de periódicos, audiovisuais, microfilmes e outros materiais informativos, que abrigam a memória bibliográfica e documentária de Santa Catarina.

Ela também tem por finalidade a prestação de serviços públicos de leitura, informação de boa qualidade a toda população, promovendo o

acesso amplo, democrático e universal aos registros de expressão humana em sua diversidade e popularidade. Com isso, estaria contribuindo para o desenvolvimento cultural e intelectual das comunidades e para o exercício da cidadania. Para cumprir sua finalidade, a Biblioteca Pública é aberta a todos os cidadãos, no campo das ciências, das artes, das letras e da cultura.

O Estado de Santa Catarina tem atualmente 293 municípios. De acordo com dados do Sistema de Bibliotecas Públicas (2009), de 2004 a 2007 foram implantadas 54 bibliotecas nos municípios catarinenses que não possuíam bibliotecas públicas, através do programa Livro Aberto, do governo federal, executado pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN). O “kit” era composto de uma coleção com cerca de 2.000 mil livros, oito estantes em aço, um computador com software especial para biblioteca, impressora, um aparelho de televisão, um aparelho de som, dois circuladores de ar, seis jogos de mesas e 24 cadeiras, uma mesa de trabalho e uma cadeira giratória com braço. Hoje, todos os municípios catarinenses contam com bibliotecas públicas vinculadas ao poder municipal (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2009).

É a partir deste contexto histórico da biblioteca pública e das bibliotecas públicas catarinenses que vamos delinear a trajetória das bibliotecas comunitárias.

2.1 As bibliotecas comunitárias

Esta revisão acerca das bibliotecas comunitárias está baseada em autores brasileiros e latino-americanos. Teve-se o cuidado, em função do idioma, na conceituação linguística de “populares”, pois no Brasil essa denominação fica, na maioria das vezes, no campo semântico

e não garante sua incorporação na prática; os termos comunitária e popular não cessam de ser definidos e articulados em diferentes épocas, dependendo do processo histórico. São termos utilizados para qualificar uma biblioteca, “em função do tempo, espaço e das ideologias, os grupos tendem a utilizar um ou outro termo qualificador” (MACHADO, 2008, p.62). Para melhor compreensão do tema, torna-se relevante relacionar as formas de organização das bibliotecas de outros países latino-americanos, o público a que se destinam e as formas de manutenção. Algumas aproximações foram estabelecidas entre as mesmas, como forma de problematizar a temática. Para tais, aproximações pode-se afirmar que a biblioteca comunitária é considerada um espaço de informação e comunicação, os agentes atuantes exercem um papel social em seu trabalho, voltado à organização, armazenamento e disseminação da informação e da leitura na comunidade para seus diferentes leitores.

Nesse sentido, os textos de Dobra e Ríos (1999); Kosachek (2006) e Jerez (2007) tratam das “bibliotecas populares” na Argentina e na Nicarágua. De acordo com estes autores, na prática são bibliotecas públicas, abertas a toda a comunidade. São criadas e administradas pela iniciativa organizada das pessoas do local (bairro). Estas bibliotecas têm um apoio financeiro de uma comissão subordinada ao governo, mas não dependem diretamente dessas entidades ligadas ao poder político. A administração das bibliotecas populares tem autonomia, presta todos os serviços de referência, consulta, leitura, empréstimos de obras em domicílio gratuitamente, realiza serviços de promoção da leitura, da cultura, de recreação e de informação em geral.

As atividades desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias, de forma similar ao descrito, são provenientes da organização local, que disponibiliza espaço no entorno da comunidade para a organização, armazenamento e disseminação dos materiais de informação, leitura e cultura para a população, sendo, então, incrementada com outros projetos de incentivo a leitura, como narração de histórias, saraus literários, apoio pedagógico e palestras com autores de livros. Dessa forma, as bibliotecas comunitárias se caracterizam como espaços indissociáveis do processo de inclusão e formação do cidadão leitor, ultrapassando a aquisição de informação e criando oportunidades para sua apropriação e ressignificação.

Stumpf (1988) apresenta uma definição aproximada do que seriam as bibliotecas comunitárias. Segundo a autora, “a biblioteca comunitária, é vista como um recurso de recreação, cultura e educação de agrupamentos sociais de uma área geográfica específica” (STUMPF, 1988, p.20 apud ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 69).

Em primeiro lugar, as bibliotecas comunitárias se diferenciam pela sua constituição: enquanto as bibliotecas públicas em geral se originam por iniciativas governamentais, a principal característica das bibliotecas comunitárias é surgir por iniciativa individual ou coletiva, tendo como público-alvo a mesma comunidade que organiza.

Em segundo lugar, pode-se destacar o compromisso desenvolvido pelas bibliotecas comunitárias em não se restringir apenas em garantir o acesso aos livros, mas também em desenvolver uma série de atividades, a fim de contribuir para a formação continuada dos indivíduos e para a valorização da comunidade local.

Outro aspecto importante são as contribuições que o chamado Terceiro Setor⁴, a partir de seu surgimento nas últimas décadas do século XX, tem feito no sentido de viabilizar as iniciativas aparentemente autônomas dessas comunidades (MACHADO, 2006). Carlos Montaña, em seu livro “Terceiro setor e questão social”, crítica o padrão emergente de intervenção social, detalha o equívoco teórico referente ao conceito de “terceiro setor” e aponta implicações políticas e também ideológicas nas questões sociais. O autor procura identificar os pressupostos para o terceiro setor. Questiona a delegação, por parte do Estado, de responsabilidades por intermédio das organizações não-governamentais (ONGs) ao trabalho de garantir os direitos de informação, educação, saúde, previdência social, trabalho aos indivíduos. Outro fator relevante que aparece de forma proclamada é a não-lucratividade, sendo que os investimentos realizados pelas empresas ainda que indiretamente demonstrem interesse na isenção de impostos e marketing. Outra característica tendenciosa refere-se ao próprio nome organização não-governamental, mas recebe apoio financeiro do governo. Nesse sentido, esses questionamentos levantados por Montaña permeiam o estudo das bibliotecas comunitárias em função das particularidades evidenciadas neste setor, pois podem caracterizar a existência de intermediários entre o Estado e o público, com

⁴ A origem do termo Terceiro Setor, cunhado por John D. Rockefeller III, deu-se nos Estados Unidos em 1978: O terceiro setor é o setor privado sem fins lucrativos. Inclui dezenas de milhares de instituições absolutamente indispensáveis à vida da comunidade, através da nação – igreja, hospitais, museus, bibliotecas, universidades e escolas privadas, grupos de teatro, orquestra sinfônicas, e organizações de assistência social de vários tipos. Todas elas dependem, para sua sobrevivência, de contribuições voluntárias de tempo e dinheiro por parte dos cidadãos (MONTAÑO, 2005, p.53).

financiamento do próprio estado gerando mais custo que benefícios sociais.

Machado (2008, p. 60-61), em sua tese de doutorado “Bibliotecas comunitárias: como prática social no Brasil”, afirma que as bibliotecas comunitárias se distinguem das bibliotecas públicas nos seguintes aspectos:

(...) a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; o processo de articulação local e o forte vínculo com a comunidade. (...) o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

A aplicação do termo “biblioteca comunitária” também traz implícita uma noção de comunidade, como um ambiente de constituição de ações participativas e solidárias. No dicionário crítico de sociologia, Boudon e Bourricaud (1993, p. 74) definem essa categoria da seguinte forma:

Uma relação social simples e primitiva. Ela é ao mesmo tempo complexa, uma vez que associa, de maneira muito frágil, sentimentos e atitudes heterogêneos, e aprendida, uma vez que somente graças a um processo de socialização, que, a rigor, nunca termina, aprendemos a participar de comunidades solidárias.

Nesse sentido, entre os objetivos das bibliotecas comunitárias está a preocupação em atender às demandas da comunidade a que se destinam. Portanto, esse tipo de biblioteca se destaca em função dos interesses dos cidadãos em conhecer, buscar informações para o desenvolvimento e domínio das habilidades de pensar, ler, escrever, e de

entrar em contato com textos escritos que estejam disponíveis em contextos motivadores da leitura.

A biblioteca comunitária estaria aberta para se relacionar, articular ações e trabalhar em parceria com as bibliotecas públicas e a biblioteca escolar do bairro, mas não é subordinada ao governo. Essa denominação estabelece também um sentido de maior vínculo entre a biblioteca e seu público, demonstrando que ela é parte integrante da comunidade (SILVA, 1989). Percebemos, desta forma, que ela poderia ser uma complementação da atuação da biblioteca pública nos bairros, visando prestar serviços à comunidade menos assistida e potencializar o encontro da informação e cultura. Para Jesus (2007, p. 2-3):

Bibliotecas comunitárias são instituições voltadas para disseminar informação e cultura em locais de carência econômica. Na chamada sociedade da informação, ainda existem pessoas desinformadas, não pela opção de não quererem fazer parte desse processo, mas porque se vêem privadas do direito de participação. Isso se deve ao fato de que a informação só está acessível a quem pode pagar por ela, pois a informação está contida em suportes informacionais como: Internet, livros, revistas, etc., cujo valor ultrapassa o poder aquisitivo de grande parcela da população.

A biblioteca comunitária tem como meta promover o acesso ao livro, o incentivo à leitura e à disseminação da informação. Com efeito, ao promover o acesso aos livros, essas organizações proporcionam a difusão da leitura e da cultura para a comunidade, pois são instituições culturais.

De acordo com Freire (2006, p. 33), a biblioteca pode ser entendida: “como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a

intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto.” Segundo essa idéia, o livro é compreendido como uma narrativa cultural da informação por estabelecer uma aliança de interação entre os cidadãos e o conhecimento, por meio da biblioteca.

Para Prado e Machado (2008, p. 3- 4), a relevância da biblioteca:

Não está apenas em ter um grande acervo de livros e documentos em seus diferentes suportes, mas, sim, no trabalho de organização, gestão e acesso democrático à leitura, à escrita, à informação e conseqüentemente ao conhecimento. Ou seja, a biblioteca comunitária deve imprimir uma dinâmica para transformar essas bibliotecas e centros de cultura em locais ou territórios com narrativas de memória sobre as diferentes experiências das comunidades.

Essa abordagem possibilita que a biblioteca saia do prédio fechado e chegue até as pessoas, no incentivo à leitura como forma de dinamizar o conhecimento armazenado aos cidadãos, influenciando-os também em seu desenvolvimento educacional. Nesse sentido, Morin (2005, p. 88), em “A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”, destaca que a relevância do conhecimento está em:

- a) que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes;
- b) que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões;
- c) que reconheça e trate as realidades, que são concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se

alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo os regula);
d) que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade.

Ao sugerir que se considere o conhecimento num todo e em partes, Morin alerta para a necessidade de respeitar o conjunto que compõe a realidade social, na qual o cidadão está inserido, de tal forma que, respeitando as diferenças, ainda assim não se compartimente o todo, mas que possa incentivar e desafiar os cidadãos à busca de novos saberes a partir do universo social em que vivem. Daí ser importante que, de alguma maneira, haja também a participação do Estado, definindo políticas públicas de educação para que a cultura e o conhecimento sejam acessíveis aos múltiplos cidadãos.

No Brasil, recentemente, o Ministério da Cultura (MinC) deu por criado, em setembro de 2002, o Cadastro Nacional de Bibliotecas, segundo a Portaria nº. 512, que incluiu as bibliotecas comunitárias. Essa portaria compreende dois tipos:

- a) Tipo A – são as bibliotecas escolares, vinculadas, portanto a escolas, e que prestam atendimento às comunidades;
- b) Tipo B – são as bibliotecas de organização de terceiro setor, espaço de leitura e disponibilização de informações oriundas de acervos próprios ou fontes diversas, priorizando aquelas voltadas para a promoção cultural e intelectual dos seus filiados, para subsidiar as ações próprias da organização e favorecimento do desenvolvimento social e comunitário (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2002).

Esta definição técnica do MinC apenas estabelece uma estratégia administrativa, pois uma biblioteca comunitária não é imposta a uma comunidade, mas criada por indivíduos residentes ou não no

bairro. No entanto, esses líderes têm como objetivo disponibilizar a cultura escrita aos moradores da região e seu entorno. Nessa perspectiva, tem-se a clareza de que as bibliotecas comunitárias não seguem um padrão único, pois atendem a demanda onde são estabelecidas, ajustando-se conforme as necessidades locais exigidas.

De acordo com Machado (2005, p. 116), a “biblioteca tem tudo para estar na vanguarda da luta contra a exclusão social se conseguirmos aliar o acesso a tecnologias da informação, o texto escrito e a comunicação a uma orientação voltada para o educativo, o organizativo e o produtivo.”

2.2 A formação de leitores e o incentivo à leitura

O exercício da leitura contribui para o alcance de melhor entendimento da realidade por estabelecer uma relação direta com o processo de construção de significados. Pode-se concluir dessa forma que: “Ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 1999, p. 33).

Para Freire (2006, p. 11), a leitura tem uma dimensão muito ampla, ela transcende à simples decodificação de símbolos. Para ele: “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” A relevância de ler não somente as palavras, mas também ler o mundo.

A leitura, portanto, se apresenta como prática social e cultural, abrindo um leque de oportunidades para o enriquecimento intelectual do indivíduo e da comunidade à qual ele pertence. Dessa forma, tal prática não está associada somente ao processo de ensino-aprendizagem, mas aos dispositivos que visam às mudanças e transformações sociais,

culturais e educacionais, permitindo que ocorra uma análise crítica de textos e contextos (BARROS, 2005).

Ser leitor é exercer a função social que habilita ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996). Na visão de Neves (1998), a leitura é uma questão pública, direito do cidadão, portanto um componente de ação social. Dessa forma, ela se torna um instrumento essencial para a participação organizada na sociedade.

As formas de expressão da compreensão do texto ajudam a sistematizar a leitura, entretanto a ênfase na sua legitimidade ultrapassa a simples transformação de palavras em idéias. A leitura propicia formas de conhecimento autônomo e crítico, estabelecendo representações com a realidade individual e instigando o leitor a pensar (FRAGOSO; DUARTE, 2004).

É justamente neste ponto que a leitura começa a cumprir seu papel. Inicialmente, vista como um simples meio de decodificar uma mensagem, a leitura tem seu significado ampliado para um componente importante no processo de formação de cidadãos ao possibilitar a aquisição de conhecimento, a formação de valores, a reflexão, o pensamento crítico e, além disso, a mediação no convívio em sociedade (SILVA, 1993).

A leitura, para Chartier (1999, p. 77), é sempre uma:

[...] apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou mesmo totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe,

em princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor, mas esta liberdade leitora é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura.

A interação do leitor com o autor na leitura exprime uma relação de aproximação, de estabelecimento de valores ou distanciamento. Neste contexto, existe uma atividade de compartilhamento, de socialização não só de informações, mas também de significados. De acordo com Manguel (1999, p. 36), a “história da leitura é a história de cada um dos leitores.”

Carvalho et al (2006) acrescentam que o processo da leitura é mediado pelos diversos suportes de texto: o livro, o periódico, a internet, a televisão, o mundo. Essa diversidade de suportes amplia o acesso à leitura. A leitura se apresenta, então, como passaporte para a sociedade da informação, envolvendo a maior parte das relações formais e institucionais do mundo contemporâneo, interconectado às habilidades do ato de ler e escrever.

De modo objetivo, a realidade mostra que há diferentes estilos de leitura para os diferentes leitores. Partindo-se desse entendimento, pode-se observar como essa idéia perpassa, direta ou indiretamente, as cinco Leis de Shiyali Ramamritam Ranganathan⁵ (1892-1972), que tratam da relação entre a Biblioteca e seus usuários. Em cada uma dessas leis, ou princípios orientadores da atuação das bibliotecas, estão

⁵ Foi considerado o pai da Biblioteconomia na Índia. Ranganathan teve oportunidade de visitar, em 1925, mais de 100 bibliotecas inglesas em estágio diferenciado de desenvolvimento. Durante essas visitas, observou que o trabalho nessas bibliotecas era realizado como “um agregado de diversas práticas sem uma relação integral.” Voltando para a Índia, foi professor de Biblioteconomia por aproximadamente 40 anos. No ano de 1928, idealizou as cinco leis da Biblioteconomia (RANGANATHAN apud FIGUEIREDO, 1999, p.123).

implícitas as noções de formação de leitores, incentivo à leitura e uso da biblioteca:

- a) A primeira lei – livros são para o uso – conduz a todos os cidadãos que freqüentam as bibliotecas.
- b) A segunda lei – a cada leitor, seu livro – propõe que as bibliotecas sirvam a todos, sem qualquer distinção.
- c) A terceira lei – a cada livro, seu leitor - determina que para cada livro exista um cidadão e que os livros devem estar expostos de maneira a atrair o leitor.
- d) A quarta lei – economize o tempo do leitor – enfatiza serviço eficiente, rápido, guias fáceis de acesso.
- e) A quinta lei – uma biblioteca é um organismo em crescimento – reconhece o crescimento das bibliotecas, implicando novos sistemas, novas práticas, acomodações físicas compatíveis, incluindo novos espaços, como as bibliotecas comunitárias (RANGANATHAN apud FIGUEIREDO, 1999).

Essas leis estão entrelaçadas: uma é continuação da outra. Além disso, são perfeitamente adaptáveis aos demais suportes de informação como a internet.

A antropóloga Petit, na sua pesquisa “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva” destaca que a leitura tem o poder de despertar regiões que estejam adormecidas pelo não uso, ela salienta em seu estudo, principalmente, para a leitura de livros que podem “ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou

paternalistas. Ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania” (PETIT, 2008, p. 19).

Com o papel de estimular a leitura em qualquer unidade de informação, no caso, as bibliotecas, o profissional da informação ou o agente, tem em mãos a capacidade e as ferramentas necessárias para a disseminação e maior atribuição de relevância da leitura. Este estabelece no ambiente a função mediadora entre o livro e o leitor, assinalando a existência de outros atores sociais que podem ser “um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário, até um amigo ou alguém com quem cruzamos” (PETIT, 2008, p.149). Essa ação mediadora pode ser feita por diferentes sujeitos, no sentido de despertar a valorização da leitura em qualquer espaço.

Trabalhar o fomento da leitura é um dos objetivos fundamentais das bibliotecas comunitárias, buscando nas práticas de leitura o princípio do prazer da decodificação das letras para formar cidadãos capazes de “ler o mundo” (FREIRE, 2006). Portanto, essas organizações oferecem um campo de possibilidades para a construção de uma percepção crítica do mundo.

No Brasil, pesquisas indicam que o número de analfabetos funcionais atinge 25% da população com mais de 15 anos, a exemplo da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008). Isso significa que quase um quarto da população brasileira total, quando a esses dados se somam também as estatísticas de oferta de bibliotecas nos estabelecimentos escolares da educação básica, possui habilidade de leitura e de escrita muito baixos.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgou resultados do:

Censo escolar [de] 2004 relativo às bibliotecas escolares: dos 58.659.503 alunos da educação básica e profissional, somente 52,8% contam com bibliotecas, sendo que 68,3% das escolas usam o espaço para fins pedagógicos, em menos da metade (48,7%) é usado por iniciativa dos alunos e em 10,6% por iniciativa da comunidade. Em 1,2% dos casos (o que totaliza 704 bibliotecas) o espaço existe, mas é solenemente ignorado (MARANHÃO, 2005, p.1).

Em geral, essa parcela de 25% da população com mais de 15 anos mal consegue identificar enunciados simples, sendo incapaz de interpretar um texto mais longo ou com alguma complexidade. A baixa competência em leitura não só influi negativamente no desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas como também, e até por isso, contribui decisivamente para ampliar o gigantesco fosso social existente em países como o Brasil, promovendo mais exclusão social e menos cidadania.

Pessoas que sequer dominam plenamente as habilidades da leitura e da escrita, com dificuldades de acesso às informações e para compreendê-las e interpretá-las, muito provavelmente não terão como fazer valer seus direitos de cidadão. Silva (1993, p. 51) comenta que:

Ler é um direito de todos e, ao mesmo tempo, um instrumento de combate à alienação e à ignorância. [...] o ato crítico de ler aparece como uma constelação de atos da consciência do leitor, que são acionados durante o encontro significativo desse leitor com uma mensagem escrita, ou seja, quando esse leitor se situa concreta e criticamente no ato de ler.

Nessa perspectiva, como afirma Manguel (1999) em “Uma história da leitura”, ler é poder. Poder exercer seus direitos, de acordo com o que a Declaração Universal dos Direitos Humanos prevê, em seu artigo XIX: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão. Este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (BRASIL, 1998).

No Brasil, destacam-se dois programas de incentivo à iniciativa ligada à leitura: o Programa Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e o Programa Nacional de incentivo à Leitura (PROLER).

O primeiro se apresenta como um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado, em âmbito federal, estadual, municipal e pela sociedade. Segundo informações obtidas no próprio site do Programa⁶, a intenção é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia-a-dia do brasileiro, sob quatro eixos fundamentais: democratização do acesso, fomento à leitura e formação de mediadores, valorização do livro e comunicação, desenvolvimento da economia do livro. O PNLL tem como objetivos principais: formar leitores, implantar bibliotecas em todos os municípios do país e estimular a criação de planos para a fomentação da leitura.

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), por sua vez, está vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), órgão do Ministério da Cultura e encontra-se sediado na Casa da Leitura no Rio de Janeiro. Segundo dados obtidos, o mesmo foi institucionalizado

⁶ Site do Programa Nacional do Livro e da Leitura: < <http://www.pnll.gov.br/>>

em 13 de maio de 1992, e, desde então, vem atuando com uma política de leitura que visa colaborar para qualificar as relações, através da formação de leitores conscientes e valorizadores do exercício da cidadania para interação crítica com o seu contexto⁷.

Ao entender que o acesso aos livros é uma condição necessária para a formação de uma comunidade efetivamente leitora no Brasil, acredita-se que essas iniciativas possam dar visibilidade e apoiar o desenvolvimento de futuros leitores de Norte a Sul do país.

Além disso, a capacidade de se comunicar e interagir são condições básicas para assegurar a diversidade cultural de um povo, isto é, torna-se caminho à formação de cidadãos e o acesso ao mundo escrito tem infinitas possibilidades e novidades, é trilha relevante ao crescimento intelectual, discernimento crítico e consciência mais nítida da amplitude da realidade.

Nesse sentido, a capacitação para o uso da informação registrada passa, necessariamente, pelo fortalecimento do papel do livro no contexto social e da biblioteca comunitária como canal representativo de acesso e uso da informação. É espaço privilegiado para a formação de leitores nas localidades onde há menos assistência do Estado.

Ser leitor não é um resultado natural. Para ser leitor é preciso, além da interferência educacional e cultural, contato permanente com o material escrito, variado e de qualidade, desde cedo, fruto de uma ação consciente de sua importância e função social, se possível, no ambiente de socialização primária (familiar) e institucional (escola).

No estudo “Economia da Cadeia Produtiva do Livro” de Earp e Konis (2005, p.14) destacam que estatísticas dos últimos anos sobre a

⁷ Site do Programa Nacional de Incentivo à Leitura: < <http://catalogos.bn.br/proler/Proler.htm>>

produção, venda e evolução do preço do livro no Brasil expõem como problema básico o “descompasso entre a imensa oferta global e a limitadíssima capacidade de absorção do consumidor individual.”

Esses mesmos autores realizam um diagnóstico afirmando:

Os dados de produção física apontam para um crescimento substancial entre os períodos de 1990/94 e 1995/98, quando houve um aumento de 54% no número de títulos e 49% no de exemplares. Ocorreu uma queda no período 1999/2003 – 11% em títulos e 13% em exemplares -, mas pouco expressiva diante dos resultados anteriores. O que nos livra de um diagnóstico animador é a queda da tiragem média – estamos diante de editoras que produzem mais livros, porém com menores tiragens. (EARP; KORNIS, 2005, p. 29).

Com as carências materiais da sociedade brasileira, comprar livros é uma das últimas prioridades na escala de importância de aquisição de bens. Isso pode ser visto quando se analisa os dados sobre o preço dos livros brasileiros que “são bastante caros, ficando em companhia dos alemães e belgas” (EARP; KORNIS, 2005, p. 64). Os autores citados afirmam que o livro é relativamente caro e fica fora do alcance das populações cuja renda é baixa, sendo que os países mais pobres, no caso o Brasil, só podem acessá-los através de transferência, ou seja, se pagos pelo governo ou por bibliotecas privadas.

Elaborada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), da Universidade de São Paulo (USP), a pesquisa “Produção e Vendas do Mercado Editorial Brasileiro 2008” foi realizada por iniciativa da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Em relação ao preço médio constante

do livro (todos os gêneros), por unidade vendida, variou de R\$ 8,58 em 2004 para R\$ 8,00 em 2008. A produção total caiu em 3,17%. Foram 340,2 milhões de exemplares produzidos em 2008 contra 351,4 milhões em 2007. Os títulos em 1ª edição cresceram 4,46%: em 2007, foram 18.356; em 2008, 19.174. Houve incremento de 15,91% de exemplares. O livro ficou mais caro com a mencionada queda do valor unitário médio.

Há uma desigual distribuição de renda no Brasil, aumentando cada vez mais a proporção das classes menos favorecidas; por isso, é fácil compreender que nessas classes o exercício de leitura e o desejo de frequentar bibliotecas não sejam comuns. A ausência de material escrito no dia-a-dia das pessoas, que instigue a leitura, é o empecilho mais concreto para a construção de uma sociedade leitora. Ser leitor não é uma questão de opção, mas sim de oportunidade.

A preocupação com o fomento à biblioteca comunitária é crescente e estimulado por iniciativas de promoção e incentivo à leitura nas diversas regiões do país. Um exemplo é o “II Fórum do Plano Nacional do Livro e da Leitura e o I Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias”, realizados conjuntamente em 2008 na cidade de São Paulo com o tema “Biblioteca Viva” (FÓRUM DO PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2008).

O Fórum foi uma ação conjunta da Coordenação Executiva do Plano Nacional do Livro e da Leitura (Ministério da Cultura) e da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. O objetivo deste evento foi possibilitar a integração de pessoas que têm como desafio disseminar a leitura no país. Nesse sentido, foram discutidas experiências nacionais e internacionais com a participação de países como Argentina, Chile,

Colômbia, para a promoção, mediação e incentivo à leitura, incluindo projetos de acessibilidade para pessoas com problemas de visão (FÓRUM DO PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2008).

O Instituto Ecofuturo, uma organização não-governamental criada em 1999, também tem um programa de incentivo à criação de bibliotecas comunitárias. O programa denominado “Biblioteca Comunitária Ler é Preciso”, realizado em parceria com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) visa incentivar o acesso ao livro e ao conhecimento, contribuindo para a formação de cidadãos e o desenvolvimento de competências de leitura e escrita. Atualmente, o Instituto conta com 76 Bibliotecas Comunitárias, implantadas em sete estados: Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo (INSTITUTO ECOFUTURO, 2008).

As bibliotecas do Instituto são implantadas, prioritariamente, em locais com baixo Índice de Desenvolvimento Humano⁸ (IDH) e altos índices de violência. Essas unidades de informação possibilitam o estabelecimento de parcerias, preferencialmente dentro de escolas públicas, com a condição de que sejam abertas à comunidade. O projeto do Instituto EcoFuturo também se destaca por oferecer para cada biblioteca um acervo de mil títulos, equipamentos de informática, curso

⁸ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) parte do pressuposto de que para aferir o avanço de uma população não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciem a qualidade de vida humana. É uma medida comparativa que engloba três dimensões: riqueza, educação e esperança de vida melhor. Foi desenvolvido em 1990 pelo economista paquistanês Mahlub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen. Esse índice de desenvolvimento é usado desde 1993 no relatório anual pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2009).

de formação para agentes promotores de leitura e auxiliares de biblioteca com o objetivo de disponibilizar informação para a implementação de ações de promoção da leitura (INSTITUTO ECOFUTURO, 2008).

Essas ações são veiculadas nos sites do governo brasileiro e das ONGs para promoção dos respectivos órgãos fomentadores. Relacionar tais iniciativas como parte do contexto brasileiro tem o sentido de evidenciar a existência desses programas, que, de alguma forma, fortalecem as práticas estabelecidas em cada comunidade no âmbito do acesso à leitura, informação e enriquecimento cultural. Entretanto, muitas destas ações, apesar de valiosas em si, costumam ser o resultado de esforços esporádicos que não têm continuidade no tempo, ou são desenvolvidas isoladamente, produzindo poucas mudanças efetivas para o incremento de comunidades leitoras.

Nesse sentido, pode-se identificar questionamentos relevantes, em relação à participação de organizações do “terceiro setor”, que viria suprir o que o estado supostamente não estaria realizando. A propósito, Machado (2008, p. 145) faz as seguintes considerações:

Apesar de reconhecermos o mérito de muitas das experiências capitaneadas pelo Terceiro Setor [...], ao analisar aquelas criadas a partir dos Programas Expedição Vaga-Lume, Programa Ler é Preciso, Projeto Casulo e Espaço Criança Esperança, não podemos ignorar os riscos que esse modelo carrega. Para nós, o maior deles é a valorização do “discurso neoliberal que preconiza a iniciativa individual e privada contra a ineficiência burocrática do Estado e a politização dos conflitos.”

Não basta citar as informações divulgadas por esses programas. É necessário considerar as práticas estabelecidas em cada comunidade e

tentar compreender as possibilidades de sua sustentação. É nessa perspectiva que este trabalho se insere. Dentre as atribuições da inserção de projetos na comunidade, o percurso não é a simples distribuição de livros e computadores para a formação de bibliotecas e a formação de leitores, fazem-se necessárias várias outras atividades, como uma organização dos processos na biblioteca, para manter a continuidade do desenvolvimento do trabalho nas comunidades, efetivando a prática bibliotecária e a consolidação do exercício de leitura.

Na sequência, expõe-se a fundamentação teórica e metodológica que sustentaram a pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Nesta pesquisa, considera-se a realidade social como um processo de construção, no qual ocorrem condições básicas de representações sociais. No contexto estudado, é por meio de representações que os diversos agentes envolvidos na organização e gestão de bibliotecas comunitárias expõem as idéias que têm sobre o seu papel social, sobre o espaço da biblioteca comunitária e sobre o público que a frequenta. Assim, nesta pesquisa se emprega os fundamentos do campo de estudos conhecido como Sociologia do Conhecimento que,

para os autores Berger e Luckmann, trata de uma disciplina dos fundamentos do conhecimento da vida diária, reconhecido por ocupar-se das relações entre pensamento e o contexto social na construção social da realidade.

As contribuições de Berger e Luckmann (1985) são importantes ao apontar a construção social da realidade a partir de uma perspectiva humanista que evidencia o papel do conhecimento na sociedade. Para esses autores, a realidade é construída socialmente – de forma objetiva e subjetiva – a partir de questões práticas do dia-a-dia, repletas de significações. As interações face a face representam a objetivação através da expressão e da linguagem como uma maneira de participar, de se localizar em meio ao conhecimento socialmente produzido (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Nessa perspectiva, o conhecimento pode ser definido como a interpretação que o indivíduo faz da sua realidade, isto é, da totalidade dos aspectos que ele pensa que compõem a realidade. Esta interpretação, por sua vez, também é produzida socialmente. Ou seja, o homem constrói e é construído pela sociedade.

Um entendimento útil para esta pesquisa sobre o que são a sociedade e o indivíduo reporta ao conceito dado por Elias, na obra “A sociedade dos indivíduos” (1994b). Para ele, a sociedade é uma estrutura como se esta tivesse sido planejada e constituída por formações institucionais, como polícia e parlamento, por exemplo. Entende o Estado como uma estrutura constituída para a manutenção da ordem, e a linguagem, como comunicação entre as pessoas, como se fossem criados com fins específicos por indivíduos isolados, seguindo um planejamento racional.

O indivíduo é concebido por Elias como uma entidade orgânica supra-individual que avança inelutavelmente para a morte, atravessando etapas de juventude, maturidade e velhice. Para ele, indivíduo e sociedade são dois lados constituintes da realidade que possuem afirmação simultânea de proposições. “Ninguém dúvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda a sociedade é uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994b, p. 16).

Pode-se dizer que indivíduos e sociedade fazem parte da mesma trama, tecida pelas relações sociais. “Não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que já existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social” (ELIAS, 1994b, p. 19).

A construção social da realidade, segundo Berger e Luckmann (1985), se dá em três níveis: o do indivíduo, o do grupo e o da sociedade. O indivíduo percebe os fatos, aplica nesses fatos os seus valores e obtém seu conhecimento, formando assim a sua ideologia individual, seus valores. Como esse indivíduo não existe sozinho, mas pertence a vários grupos, ou a uma classe, as suas idéias também ajudarão a formar a ideologia desses grupos juntamente com o contexto social no qual eles estão inseridos. Os vários valores, as várias idéias e concepções de mundo vão coexistir interagindo umas com as outras, formando e conformando o que pode ser chamado de “ideologia”: o conjunto de idéias da sociedade.

Nesse processo de construção da realidade social, o estudo das representações que uma coletividade elabora sobre suas práticas cotidianas torna-se fundamental para a compreensão do processo de construção de significados, que dará sentido a essa realidade. Isso

implica dizer que o indivíduo pode ser visto como uma subjetividade, por seus pensamentos, e como uma objetividade, por suas ações. Por isso, ele pode ser tomado, para estudo, tanto como um ser social quanto como um ser psicológico. Isso remete à necessidade de sua produção de realidade, construída a partir das interações comunicacionais, mas também pode ser estudada com teorias da psicologia social.

Para Moscovici (2004), numa abordagem da psicologia social, as representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação às situações nas quais estão envolvidos. Para este autor, não existe nada na representação que não esteja na realidade, pois as atitudes são definidas em estruturas cognitivas voltadas para valores e estados de disponibilidade organizados através da experiência.

Portanto, analisar as representações sobre as bibliotecas comunitárias é também analisar parte de sua construção social. E essa construção se manifesta ao longo de um tempo histórico, exibindo um processo complexo de avanços e recuos, constituintes da civilização humana.

Ao estudar o processo civilizador no ambiente europeu, como ocorreu desde o século XII, Elias formulou as bases de uma teoria que é de utilidade para ampliar a fundamentação desta pesquisa. De acordo com Elias (1994, p.09), as modificações ocorridas, ao longo da história no comportamento humano, aconteceram em função do processo civilizador, no “desenvolvimento dos modos de conduta, a “civilização dos costumes.” Este mesmo autor destaca as ligações da estrutura da sociedade com a ocorrência na estrutura do comportamento, culminando

as idéias expressas, os relacionamentos diante da descrição de processos históricos concretos na sociedade, que constituem transformações graduais.

Em seus estudos e na teoria que construiu, Elias tenta compreender e expor o conceito de “civilização” referindo-se a uma: “grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes” (ELIAS, 1994, p. 24).

As pessoas são constituídas pelas suas características individuais, assim como pelos padrões sociais. A sociedade formula uma estrutura de conjunto em rede das relações, isto é, uma dinâmica social. As concepções das funções em sociedade precisam ser pensadas no grupo para que haja interação com o meio:

Vamos imaginar, como símbolo da sociedade, um grupo de bailarinos que execute uma dança de salão, como a francesa ou a quadrilha, ou uma dança de roda do interior. Os passos e mesuras, os gestos e movimentos feitos por cada bailarino são todos inteiramente combinados e sincronizados com os dos demais bailarinos. Se qualquer dos indivíduos que dançam fosse considerado isoladamente, as funções de seus movimentos não poderiam ser entendidas. A maneira como o indivíduo se comporta nessa situação é determinada pelas relações dos bailarinos entre si. Dá-se algo semelhante com o comportamento dos indivíduos em geral. Quer se encontrem como amigos ou inimigos, pais ou filhos, marido e mulher, ou fidalgo e servo, rei e súdito, diretor e empregados, o modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas (ELIAS, 1994b, p. 25).

Este exemplo mostra a relevância de cada componente, em seus gestos individuais, mas relacionados para se constituir como membro de determinada organização em sociedade. Nesta perspectiva, constata-se que a inclinação para a inter-relação entre indivíduo e o coletivo é possível, pois existe uma interdependência entre essas categorias. Nesse sentido, o “tipo de autoconsciência corresponde à estrutura psicológica estabelecida em certos estágios de um processo civilizador” (ELIAS, 1994b, p. 32).

Para Elias (1993, p. 194), a mudança da estrutura psicológica dos indivíduos está associada às mudanças estruturais da organização social.

Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem “sui generis”, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador.

Os processos de institucionalização e legitimação abordam a sociedade como realidade objetiva, que se consolida como tal, e o processo de interiorização da realidade baseia-se na realidade subjetiva. Surgem como certa comodidade para as pessoas, contemplando atividades sujeitas aos hábitos, liberando o cidadão de certas decisões, economizando pensamentos psicológicos, baseados na compreensão da história. Estão conectadas às situações problemáticas da representação da linguagem, da teoria da ação e instituições sociais. O indivíduo é constituído a partir da sociedade como realidade objetiva. O ser humano

diferente de outros animais não nasce pronto, é determinando a partir do meio de convívio, submetido a uma contínua interferência, isto é, à medida que vai tendo o complemento do seu desenvolvimento orgânico, vai também sendo socialmente formado, estabelecido dentro de uma dada ordem social, um produto da criação humana, existindo a partir da atividade humana (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Outro aspecto relevante a ser mencionado é o dos papéis destinados aos indivíduos nas instituições; estes são estruturados a partir da ordem social vigente, que os instalam com a função de representar a instituição e credenciar esses agentes para serem referências no meio social, contemplando a divisão da atividade humana, perante a sociedade (BERGER; LUCKMANN, 1985).

A sociedade humana está sempre num processo de evolução e desenvolvimento. O historiador Coulanges (1998) na obra “A cidade antiga”, publicada pela 1ª vez em 1864, dá singular destaque, por exemplo, às crenças religiosas e seu papel ímpar como causa de um processo evolutivo ocorrido tanto em Roma quanto na Grécia. Assim o autor inicia sua explicação desta evolução a partir das instituições gregas e romanas. Comparando sua percepção com a noção de processo civilizador de Elias, embora Coulanges não trate nestes termos, é possível se estabelecer que se faz uma busca no passado para explicar o presente; nas suas palavras “o homem é o produto e o resumo de todas as suas épocas anteriores.” (COULANGES, 1998, p. 05). Observa-se que o autor desenvolve a obra no sentido de evidenciar as flutuações da representação humana, mostra o tempo todo como as concepções culturais do indivíduo se interligam e se refletem nas instituições sociais e políticas. Coulanges (1998, p. 02) atribui significativa relevância às

constituições e conjunto de leis: “Se as leis da associação humana já não são as mesmas das da antiguidade, o motivo está em que algo do próprio homem se transformou.”

A forma como os indivíduos expressam suas idéias, como produzem e reproduzem as representações da realidade, é objeto da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (2004). Duveen (2004, p. 08) sintetiza as representações como “sustentadas pelas influências sociais da comunicação [que] constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.”

Estas representações sociais “circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião em nosso mundo cotidiano” (DUVEEN, 2004, p. 10). Elas são fenômenos sociais que se manifestam à pesquisa científica embasada para a compreensão e desenvolvimento do indivíduo na sociedade.

A TRS tem sua concepção como aperfeiçoamento da noção de representação formulada por Durkheim, que utilizou o termo “representações coletivas” para referir-se ao fenômeno das representações. Moscovici a concebe como “representações sociais.” Assim, trabalha com discursos ou emissão de opiniões, onde estão as representações, e visa “explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas” (DUVEEN, 2004, p. 15).

A construção social se manifesta como resultado de um movimento coletivo, em que as mudanças sociais são fruto das minorias, ou seja, dão-se a partir de grupos de indivíduos, sendo eles as peças-chave para fazer funcionar e se alterar a sociedade. É possível, portanto,

explorar o pensamento coletivo através das minorias. Moscovici (2004, p. 353) destaca que:

[...] toda teoria científica ou filosófica tende a se tornar primeiro o senso comum de um grupo restrito, de uma minoria, que é então distribuído, em conexão com a vida prática, através da maioria da sociedade, onde ele se torna comum, com o conteúdo renovado e uma nova maneira de pensar.

Para o autor, o paradigma comunicativo busca compreender os significados das novas informações que levam a uma transformação de nossos valores, que, conseqüentemente, irão influenciar as diretrizes dos relacionamentos humanos, na forma como o indivíduo se percebe no mundo e com o outro. A influência das relações é uma “dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas [...] a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade” (MOSCOVICI, 2004, p. 55).

As representações sociais têm como uma de suas finalidades tornar familiar algo não-familiar, isto é, uma alternativa de classificação, categorização e nomeação de novos acontecimentos e idéias. Estas:

representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao

alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal [...] as imagens e idéias com as quais nós compreendemos o não-usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados. (MOSCOVICI, 2004, p. 58).

Visando compreender o tripé grupos/atos/idéias que constitui e transforma a sociedade, quando do resgate das representações sociais, realiza-se e operacionaliza-se o conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. A relação entre linguagem e representação ressalta a “premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis” (ARRUDA, 2002, p. 129). A autora diferencia a premissa consensual da científica; segundo ela: a primeira constitui principalmente a conversação informal na vida cotidiana, enquanto a científica se cristaliza no espaço acadêmico, com linguagem e hierarquia próprias.

A sociedade pensante, para Moscovici (2004, p.43), é uma “das circunstâncias em que grupos se comunicam, tomam decisões e procuram tanto revelar, como esconder algo e das suas ações e suas crenças, isto é, das suas ideologias, ciências e representações.” Entretanto, no universo consensual, os indivíduos estão mais livres, isto é, pressupõe competência em sociedade com “uma criação visível, contínua, permanente com sentido e finalidade, possuindo uma voz humana, de acordo com a existência humana e agindo tanto como reagindo, como um ser humano” (MOSCOVICI, 2004, p. 49).

Na construção da representação há dois aspectos envolvidos: a ancoragem e a objetivação. Pela ancoragem o sujeito classifica, “transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso

sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2004, p. 61). Pode integrar novas informações que o agente tem em sua bagagem de experiência anterior ou mesmo atribuir significados aos acontecimentos, a fatos sociais que constituem as relações sociais.

Já a objetivação é mais aprofundada, “une a idéia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (MOSCOVICI, 2004, p. 71). Consiste no processo de formação de um sentido coerente, de acordo com os padrões de relações estruturados. A discussão metodológica, relativa ao uso das representações mostra uma sociedade que se transforma.

Durkheim (2003), como pioneiro da idéia de representação, apresenta uma visão mais estática: afirma que, quando nascemos, crenças e práticas já se encontram prontas, independem de nós, porque existem antes de nós. Preocupa-se em analisar a maneira pela qual o meio social, através de aparelhos de coerção e da própria instituição educativa, contribui para regular, controlar e moldar permanentemente o comportamento individual, tornando os processos coletivos aparentemente harmônicos e estáveis.

Para Durkheim (2003, p. 06), desde o início da vida, num esforço contínuo impõe-se a criança maneiras e, “forçamo-las a comer, a beber, a dormir em horários regulares, forçamo-las à limpeza, à calma, à obediência; mais tarde, forçamo-las para que aprendam a levar em conta outrem, a respeitar os costumes, as conveniências, forçamo-las ao trabalho, etc., etc.”

Durkheim (2003) aponta como fato social os processos culturais, os hábitos e costumes coletivos de um determinado grupo de

indivíduos ou sociedade. Tais elementos conferem unidade e identidade ao grupo social, servem de controle e parâmetros às atividades individuais que, em princípio, não devem causar desarmonia, ou melhor, não produzem o afastamento da boa convivência oriunda das relações individuais. Nas palavras do autor:

É fato social toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 2003, p. 13).

Reconhece-se pelo poder de coerção externa que exerce e a presença desse poder se concentra pela existência de uma sanção determinada. Pode-se defini-lo, também, pela difusão que tem no interior do grupo, de acordo com as observações precedentes, desde que se tenha o cuidado de acrescentar que, em um ambiente complexo de pluralidade cultural, existe maior possibilidade de geração de conflitos originados de idéias antagônicas (DURKHEIM, 2003).

Para Durkheim (2003, p. xxiii), o conceito de representações coletivas representa noções de consciências associadas quando “traduzem o modo como o grupo se pensa em suas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo não é constituído da mesma maneira que o indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza.” Estas representações contemplam a forma pela qual o grupo desenvolve suas relações, utilizando-se da comunicação, dos universos simbólicos na cooperação do conhecimento. A sociedade é caracterizada por representações, sendo que elas permitem entender o comportamento e

ações de grupos sociais, como pensam, e, ainda, quais suas abordagens com os objetos que os envolvem.

Para Moscovici as representações são uma forma de interpretar e comunicar, mas também de produzir e elaborar conhecimentos. A propósito, as representações sociais utilizadas nas primeiras amostras de pesquisa de Moscovici (2004), baseadas nas conversações encontradas na sociedade e compartilhadas pelos indivíduos, formam os discursos, ou seja, as representações que podem ser alteradas no contexto em que são discutidas. Estas conversações possibilitam ser veiculadas por meio de diversos aparatos de comunicação, formando conjuntos de produção de comportamentos e de relações com o meio social, por intermédio de ações a determinados estímulos exteriores.

Para essa abordagem, isto é, apreender a realidade como manifestação de comunicação discursiva, tende a ser apropriado o uso de instrumento que permita a coleta e análise de dados discursivos, falados ou escritos. Tal procedimento, assim, deve facilitar a organização dos dados coletados, e se caracterizará como uma técnica de análise de discurso. Uma técnica de análise de discurso é adequada quando se pretende conhecer e examinar o “pensamento de uma comunidade sobre um dado tema [através de] uma pesquisa qualitativa já que, para serem acessados, os pensamentos, na qualidade de expressão da subjetividade humana, precisam passar, previamente, pela consciência humana” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 09).

Assim, dando continuidade a este estudo, no próximo capítulo buscar-se-á compreender e apresentar o macroambiente de realização da pesquisa e sua relação com os grupos de indivíduos ligados à organização das bibliotecas comunitárias em Florianópolis.

4 O MACROAMBIENTE DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresenta-se o macroambiente de realização da pesquisa. É contextualizado e justificado por ele que se revelarão as circunstâncias de um cotidiano que dá conta de fazer surgir e operar as bibliotecas comunitárias que constituem o campo empírico deste estudo. Revelar esse macroambiente tem como sentido expor a noção de que as bibliotecas estudadas fazem parte de um contexto que é formado por um quadro geográfico, humano, social, econômico, discursivo. É também o momento de expor onde irá incidir a fundamentação teórica e metodológica que se escolheu. Situar a pesquisa geograficamente é levar em conta o espaço em que vivem pessoas. Isso faz levar em conta o país Brasil, o estado Santa Catarina, a região metropolitana de Florianópolis, a cidade Florianópolis, os bairros onde estão sediadas as bibliotecas comunitárias. O Brasil, maior país da América do Sul, com vasta área de litoral, banhada pelo oceano Atlântico, é uma república federativa presidencialista, conta com 5.565 municípios, uma população de 193.733.795 habitantes e sua extensão territorial é de 8.514.876 quilômetros quadrados. O Estado de Santa Catarina situado na região do Brasil conta com um território de 95.346 quilômetros quadrados, é um dos menores estados brasileiros. Seu território equivale a 1,13% do território do país. Santa Catarina tem como vizinhos ao Norte o Estado do Paraná, ao Sul o Estado do Rio Grande do Sul. O limite a Oeste é com a Argentina e ao Leste é banhado pelo Oceano Atlântico. Santa Catarina é o 11º estado mais populoso do país com 5.948.536 habitantes em 293 municípios, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2007. Sua capital – Florianópolis é

formada pelos 424,4 quilômetros quadrados da Ilha de Santa Catarina e mais 12,1 quilômetros quadrados localizados no continente. Antes de apresentar o município de Florianópolis, apresenta-se a região metropolitana, que constitui a Grande Florianópolis (IBGE, 2009).

Apresenta-se o contexto geográfico da região metropolitana e do município de Florianópolis, os aspectos econômicos e políticos do município e sua inserção no Estado de Santa Catarina, sua vida cultural e recursos de educação escolar nos diferentes níveis de ensino, para, a seguir, situar as bibliotecas comunitárias selecionadas na pesquisa.

Estas informações são relevantes para esta pesquisa, pois compreende-se que os discursos coletados são um modo de interpretação destas condições locais; sendo assim, descrever tais aspectos irá apurar nossa forma de compreensão das representações coletadas.

4.1. A Região Metropolitana e o município de Florianópolis

A Região Metropolitana de Florianópolis é composta por 22 municípios, sendo que nove municípios pertencem ao núcleo metropolitano e 13 municípios à área de expansão. É polarizada por um “centro regional” e o município sede exerce a função de capital do Estado. Compõem o núcleo metropolitano: Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis (sede), Governador Celso Ramos, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, São José e São Pedro de Alcântara (HENRIQUE, 2007). No conjunto, caracterizam-se como rede urbana, sendo que este aglomerado de municípios apresenta alto grau de dependência econômica do município sede. Como aumento de particularidade geográfica, a maior porção do território de Florianópolis

está localizada na ilha, cujas únicas ligações rodoviárias, em funcionamento, são duas pontes.

De acordo com Alves e Baeninger (2005, p. 07) em “Região Metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana” em relação à participação dos municípios do núcleo metropolitano, na formação do PIB do estado de Santa Catarina em 2004 contribuíam com 10,24% [...]. Pode-se dizer que o “destaque desta região é o setor de serviços, no qual sua participação no PIB setorial catarinense alcançava cerca de 15% neste ano.” Essa relação é devida ao fato de Florianópolis ser a capital do Estado de Santa Catarina, aglomerando inúmeros centros administrativos, aliado ao crescimento das atividades ligadas ao turismo no decorrer das décadas recentes, que constituem os principais fatores responsáveis pelo dinamismo de seu setor serviços.

O município de Florianópolis situa-se no litoral catarinense, tem uma parte insular (Ilha de Santa Catarina) e outra parte continental incorporada à cidade em 1927. Tem uma população de 408.161 habitantes, sendo o segundo município mais populoso do Estado, atrás apenas do município de Joinville, no norte do Estado. A cidade, desde o início do século XX, teve muitas transformações, sendo que até então a capital e seu entorno permaneceram praticamente isolados das outras regiões do Estado e país. A construção civil fez-se um dos seus principais suportes econômicos, assim como a implantação das redes básicas de energia elétrica, do sistema de fornecimento de água e da rede de esgotos. A esta conjuntura somou-se a construção da ponte Hercílio Luz em 1926, que, ao estabelecer a ligação Ilha-Continente,

promoveu um grande processo de desenvolvimento urbano (CECCA, 1997).

A nova fisionomia da cidade integrava-se às cidades vizinhas e ao Estado pelo aumento das comunicações. Nas décadas de 60 e 70, do século XX, teve a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), a implementação gradativa da indústria do turismo, a transferência da sede da Eletrosul do Rio de Janeiro para o centro da ilha, com sede fixada no bairro Pantanal. Construíram-se duas novas pontes ligando a ilha ao continente: a ponte Colombo Salles inaugurada em 1975 e a ponte Pedro Ivo Campos, em 1991. Os nomes destas pontes homenageiam ex-governadores do estado.

A capital passou a ser a sede da Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), entre outras empresas estatais estaduais, como a Companhia Catarinense de Água e Saneamento (CASAN), a Empresa de Processamento de Dados de Santa Catarina (PRODASC) (CECCA, 1997). O fato de a capital, Florianópolis, acumular recursos e serviços para atender o Estado todo também contribui para uma intensa urbanização em função desse aglomerado de órgãos governamentais administrativos.

Fazem parte do município de Florianópolis os seguintes distritos: Sede, Barra da Lagoa, Cachoeira do Bom Jesus, Campeche, Canasvieiras, Ingleses do Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Pântano do Sul, Rationes, Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, São João do Rio Vermelho. O distrito Sede constitui-se pelos bairros de Agrônômica, Centro, Córrego Grande, Costeira do Pirajubaé, Itacorubi, João Paulo, José Mendes, Monte Verde, Saco Grande, Saco dos Limões, Santa

Mônica, Trindade e Pantanal. Na parte continental, há os bairros de Abraão, Balneário, Canto, Capoeiras, Coloninha, Coqueiros, Bom Abrigo, Estreito, Itaguaçu, Jardim Atlântico e Monte Cristo (IBGE, 2009).

Florianópolis tem sua economia alicerçada nas atividades do comércio, prestação de serviços públicos, indústria de transformação e turismo. Recentemente, a indústria do vestuário e a informática vêm se tornando também setores de grande desenvolvimento.

A renda per capita média do município de Florianópolis cresceu 46,46%, passando de R\$ 478,90 em 1991 para R\$ 701,42 em 2000. A pobreza (medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000) diminuiu 29,81%, passando de 10,7% em 1991 para 7,5% em 2000. A desigualdade cresceu - o Índice de Gini⁹ passou de 0,55 em 1991 para 0,57 em 2000 (ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2000).

Com relação à participação das capitais na economia brasileira, em 2006, Florianópolis era a única capital que não ocupava a primeira posição dentro do seu estado, onde o município de maior PIB em toda série foi Joinville. Santa Catarina era o estado menos dependente de sua capital, que contribuiu, em toda a série, com praticamente 7% do PIB do estado.

⁹ O Índice de Gini é comumente utilizado para calcular a desigualdade da distribuição de renda. Aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de “0 a 1”, onde o zero corresponde a completa igualdade de renda, ou seja, todos têm a mesma renda e 1 que corresponde à completa desigualdade, isto é, uma só pessoa detém toda riqueza, e as demais nada tem.

A Secretaria de Estado do Planejamento, em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgou em 2007 o relatório, em que informa que metade do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de Santa Catarina era agregado por 10 cidades catarinenses. Pela ordem, as cidades catarinenses que mais geram riqueza são Joinville (10.73%), *Florianópolis* (7.34%), Blumenau (6.47%), Itajaí (6.18%), Jaraguá do Sul (4.09%), Chapecó (3.39%), São José (3.06%), Criciúma (2.53%), São Francisco do Sul (2.26%) e Lages (2.07%). Estas dez cidades representam 3.41% dos municípios catarinenses e concentram 37.95% da população. Os demais municípios catarinenses distribuem entre si a geração dos outros 50% do PIB no Estado. Eles representam 96.59% dos municípios e concentram 62.05% da população estadual. O PIB catarinense somou R\$ 85.295 milhões na série 2002-2005 ocupando a 7ª posição entre as 27 unidades da Federação e participando com 4% do PIB nacional (SANTA CATARINA, 2007).

4.2 Entidades associativas e aspectos políticos de Florianópolis

Quanto às entidades associativas em Florianópolis, o Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICom), fundado em 25 de novembro de 2005, mapeou e mantém um banco de dados de organizações sem fins lucrativos (ONGs), associações e fundações. É um trabalho de articulação desenvolvido por um grupo de profissionais, líderes comunitários e empresários. Uma das principais estratégias desse Instituto é a criação de fundos de investimento social reunindo um ou mais investidores que compartilham o objetivo de promover o desenvolvimento social sustentável de sua comunidade. O instituto mobiliza, articula e qualifica investimentos sociais de diversos setores

da sociedade para a promoção do desenvolvimento social na região metropolitana de Florianópolis. Ao realizar este mapeamento, o ICom gera informação e promove o fortalecimento da rede social local. As organizações foram cadastradas em quatro categorias: ONGs ambientais, ONGs de assistência social, ONGs da saúde e ONGs de cultura, educação e defesa dos direitos. Segundo esse documento, as organizações classificadas na categoria da cultura são: Comuna visual; Associação de Moradores do Bairro José Mendes (AMORBAJOM); Grupo de Poetas Livres (GPL); Associação Literária Florianopolitana (ALIFLOR); Fundação Hassis; Música e Dinâmica como Auxílio Socioeducativo (MUDICASE); Fundação de Arte e Tecnologia (FUNDARTEC); Associação Vitor Meirelles; Escritório do Livro; Grupo Africatarina de Arte e Arte-Educação; Associação Balakubatuki - Arte e Cidadania e Associação Beneficente Amigos da Estação Dançar. (INSTITUTO COMUNITÁRIO GRANDE FLORIANÓPOLIS, 2007). A seguir quadro com perfil das ONGs:

ONGs	Quantidade	Porcentagem
Assistência social	80	45%
Meio ambiente	54	31%
Saúde	16	9%
Cultura	12	7%
Educação	10	6%
Defesa dos direitos	3	2%
TOTAL	175	100%

Quadro – 1 Perfil das ONGs

Fonte: ICom (2007)

A categoria que possui mais entidades é a de assistência social com 45%, depois a categoria do meio ambiente com 31% e a categoria da cultura tem 7%, a categoria da educação tem 6% e a categoria da defesa dos direitos tem apenas 2%.

Em Santa Catarina, o associativismo municipal, isto é, associações que congregam prefeitos municipais, surgiram no início dos anos 1960. O Estado conta com 20 associações cadastradas na Federação Catarinense de Municípios (FECAM) que atingem todas as regiões do território catarinense. A FECAM tem o intuito de atender os interesses comuns dos municípios de associar, integrar e representar os seus associados de acordo com os seguintes objetivos: a valorização e fortalecimento do municipalismo; consolidação e fortalecimento das associações de municípios e a colaboração com o Estado e a União. Esta entidade representa os 293 municípios catarinenses. Entre as entidades a ela filiadas está a Associação dos Municípios da Grande Florianópolis (GRANFPOLIS) composta pelos 22 municípios. A GRANFPOLIS iniciou sua atuação em 16 de outubro de 1968, com a assinatura da “Declaração de Florianópolis”, e traz em no seu bojo o objetivo de constituir a associação, visando promover o desenvolvimento integrado da região.

A Federação Catarinense de Municípios, ciente das dificuldades enfrentadas pelos municípios catarinenses e associações de municípios na busca de inovações tecnológicas para realizar suas atividades e responsabilidades administrativas, criou a Rede Catarinense de Informações Municipais (REDECIM), que visa criar uma rede tecnológica com as associações e municípios catarinenses através de portais institucionais conectados na rede mundial de computadores (Internet), que têm como objetivo divulgar as potencialidades dos municípios e regiões, e disponibilizar serviços e informações online aos cidadãos (FEDERAÇÃO CATARINENSE DE MUNICÍPIOS, 2009).

Em relação ao perfil político do município de Florianópolis, a Câmara Municipal de Florianópolis é o órgão do governo local que abriga o Poder Legislativo do Município e é composta de representantes do povo eleitos pelo sistema proporcional; atua na produção de leis e na fiscalização do Poder Executivo, com o objetivo de preservar o bem estar da comunidade. Em sua área de atuação, a Câmara Municipal propõe, delibera e vota Projetos de Leis, Projetos de Decretos Legislativos, Projetos de Resoluções e demais matérias afetas.

A administração da Câmara Municipal atua observando a Constituição Federal, a Constituição Estadual, a Lei Orgânica do Município, que lhe assegura autonomia política, administrativa e financeira. O seu Regimento Interno é o instrumento delineador das atribuições dos órgãos do Poder Legislativo e define suas funções legislativas, fiscalizadoras e administrativas, bem como suas atribuições. A Câmara Municipal de Florianópolis é composta por 16 vereadores eleitos pelo povo, em pleito regular direto, para uma legislatura de quatro anos.

Dentre as atribuições da Câmara Municipal, encontram-se a de controle e fiscalização dos atos do Executivo; julgamento de infrações político-administrativas do Prefeito e de seus pares; a prática de atos administrativos nos assuntos de sua economia interna; o exercício de atividade decorrente de disposições normativas (leis), deliberações administrativas (decretos legislativos, resoluções e outros atos), sugestões ao Executivo (indicações), e sobre qualquer assunto da competência local no que se refere à defesa dos interesses coletivos. O período de atividades da Câmara, compreendido desde a posse dos vereadores até o término de seus respectivos mandatos, que é de quatro

anos, se denomina Legislatura (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, 2009).

Em consulta junto à Câmara Municipal de Vereadores de Florianópolis, não foi encontrado nenhum projeto de lei nos últimos 10 anos apresentado pelos vereadores voltados à implantação de bibliotecas públicas no município de Florianópolis. Em relação a bibliotecas públicas, só foi encontrado a Lei nº 2858/1988 que cria a Biblioteca Pública Municipal. Em relação às condições de funcionamento, essa biblioteca possui um acervo de 63.623 documentos, conta com 664 usuários cadastrados, tem 15 funcionários sendo quatro bibliotecárias. Quanto aos serviços prestados, são de consulta local, empréstimo domiciliar e oferece diversas oficinas gratuitas à comunidade usuária. Trata-se da atual Biblioteca Pública Municipal fundada em 1956, e esta lei instituiu uma sede própria para a biblioteca com 1.092 m², na Rua João Evangelista da Costa, 1160 – Bairro de Fátima, vinculando-se à Secretaria Regional do Continente do município de Florianópolis. Este dado evidencia que o município de Florianópolis dispõe de um estabelecimento dessa natureza situado em sua parte continental. Nos distritos situados na parte insular, encontra-se a Casa da Memória no Centro de Florianópolis e a biblioteca do Centro Cultural Bento Silvério na Lagoa da Conceição, vinculadas à Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC), criada pela Lei nº 2647/87 de 29 de julho de 1987. Essa fundação surgiu da necessidade de uma ação cultural, mantém o compromisso de zelar pelo patrimônio cultural de Florianópolis por meio do estímulo ao resgate, preservação, promoção e divulgação das manifestações culturais tradicionais e contemporâneas. Após ocupar várias sedes, hoje a Fundação está instalada num imóvel

tombado como patrimônio histórico, o Forte de Santa Bárbara (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2009).

A Casa da Memória é um centro de documentação audiovisual e bibliográfico, atua nas áreas de conservação de acervos, pesquisa e documentação; também tem uma sala de consulta com dois terminais para pesquisas no banco de dados. Foi fundada em 29 de julho de 1987, tem um acervo de 3.917 documentos sobre a história de Florianópolis principalmente; o serviço de empréstimo é somente interno, o público em geral só tem acesso local. Conta com três bibliotecárias e dois profissionais de outras áreas (historiador e conservador). A finalidade do Centro de Documentação é resgatar a memória da cidade em fotos, em vídeo, som e em livros (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANOPOLIS, 2009).

O Centro Cultural Bento Silvério, o chamado Casarão da Lagoa, oferece cursos e oficinas de formação básica nas diversas áreas das artes e do artesanato, possibilitando o acesso de artistas e artesãos, tanto na condição de professor quanto na de aluno. Possui uma biblioteca com mais de 5.000 mil documentos (livros, gibis, mapas), sala de reuniões e exposições e espaço para oficinas de arte e de artesanato. Quanto aos serviços prestados pela biblioteca, são de consulta local e empréstimo domiciliar. Tem oito funcionários, sendo uma bibliotecária. O Centro Cultural Bento Silvério administra a Feira da Lagoa, uma das principais atividades de encontro e lazer da Lagoa da Conceição (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANOPOLIS, 2009).

4.3 Vida cultural e recursos de educação escolar nos diferentes níveis de ensino

Pode-se abordar a vida cultural de Florianópolis tomando as manifestações culturais do folclore catarinense como ponto inicial de contextualização. As tradições populares, as lendas, as crenças, as canções são múltiplas e variadas. Essa grande quantidade decorre do processo de colonização da Ilha que, ao lado das tradições de origem açoriana do litoral, tem outras tradições, vindas da Europa com misturas recentes. Essa mistura toda forma o folclore catarinense sendo um dos mais diversificados do Brasil. Entre elas, destacam-se a canção do boi-de-mamão, a dança do pau-de-fitas, a dança de rendas da ilha, a dança do violão e a dança da quadrilha.

Outro traço característico da personalidade popular, presente em Florianópolis, é a religiosidade nas denominações de povoados, por exemplo: Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, São Francisco de Paula de Canasvieiras, São João Batista do Rio Vermelho, São Miguel do Rio Tavares, Cachoeira do Bom Jesus, Vargem do Bom Jesus. Atualmente estes nomes de bairros foram simplificados, assim como a diminuição das manifestações nas festas do Divino e de outros santos, compondo expressivos complexos culturais, nos ternos de reis, nas procissões, na própria linguagem (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1993).

As festas populares integram as manifestações culturais presentes em Santa Catarina e repercutem Florianópolis com o Festival Nacional da Ostra e da Cultura Açoriana (FENAOSTRA), mostra Nacional de Dança em Florianópolis, assim como a festa de carnaval e a confecção de artesanato. No artesanato, as tradicionais rendas de bilro,

toalhas, guardanapos, cortinas e até vestidos são peças feitas à mão, não só de renda, mas também de crochê e tear confeccionadas pelos artesãos da ilha, tradição trazida pelos antepassados dos portugueses da Ilha dos Açores (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANOPOLIS, 2009).

A demanda de leitura e conhecimento como resultado e como recurso para essas manifestações é atendida por uma literatura em construção com material impresso sob a forma de livros, artigos de periódicos, trabalhos acadêmicos e também “online” na internet. Destacam-se alguns títulos como o livro *Vozes da Lagoa* (1995) das autoras Elaine Borges e Bebel Orofino Schaefer, os livros de Franklin Cascas, por exemplo, *o Fantástico na Ilha de Santa Catarina* (2003), *Festas Juninas* do mesmo autor (1978).

Florianópolis conta com várias instituições que vêm sendo constituídas para dar sustentação à sua vida cultural. Nas suas raízes, destaque para a Fundação Catarinense de Cultura que foi instituída em 24 de abril de 1979, e mantida pela Lei Estadual nº 9.831, de 17 de fevereiro de 1995. Tem sob sua responsabilidade o Teatro Álvaro de Carvalho, o Teatro Governador Pedro Ivo, o complexo cultural do Centro Integrado de Cultura que compreende o Teatro Ademar Rosa, o Museu de Arte de Santa Catarina, o Museu da Imagem e do Som, as Oficinas de Arte, a Escolinha de Artes e o Espaço Cultural Lindolf Bell. Administra também a Casa da Alfândega, a Biblioteca Pública de Santa Catarina, o Museu Histórico de Santa Catarina, o Museu Etnográfico Casa dos Açores em Biguaçu, o Museu Casa de Campo Governador Hercílio Luz em Rancho Queimado e o Museu Nacional do Mar em São Francisco do Sul (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANOPOLIS, 2009).

Os principais objetivos da Fundação Catarinense de Cultura são executar a política de apoio à cultura; formular, coordenar e executar programas de incentivo às manifestações artístico-culturais; estimular a pesquisa da arte e da cultura, apoiar instituições culturais públicas e privadas, incentivar a produção e a divulgação de eventos culturais e integrar a comunidade às atividades culturais (FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 2009).

Outro órgão catarinense que merece destaque por sua função cultural é a Academia Catarinense de Letras (ACL) lançada à idéia em 1912 por Othon Gama D'Eça; em 1920, José Artur Boiteux defendeu a criação dessa instituição de cultivo da língua e da literatura do estado brasileiro. Sediada em Florianópolis no Centro Integrado de Cultura (CIC), sua missão é fomentar a produção literária e congregar tanto homens como as mulheres do mundo das letras. Durante os primeiros anos, a Academia foi liderada por José Artur Boiteux. Após seu falecimento em 1934, entre períodos de hibernação destacou-se a liderança de Othon D'Eça até seu falecimento em 1965. Logo após processou-se ampla eleição de membros a fim de preencher todas as cadeiras (ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS, 2009).

Entre as instituições culturais mais antigas em atividade, há também o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), fundado em 1896, que se constitui como centro da memória catarinense, com uma biblioteca especializada em assuntos catarinenses, e ainda a fototeca e a mapoteca. O Instituto tem por objetivo pesquisar, interpretar e divulgar fatos históricos, geográficos, etnográficos, arqueológicos, genealógicos e das demais ciências e técnicas auxiliares relacionadas com o Estado de Santa Catarina. Na década de 1940, nasceu o Grupo

Sul, movimento cultural que expressava suas idéias pela Revista Sul. Foram seus fundadores os jovens intelectuais, animados pelo modernismo, entre eles: Aníbal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Walmor Cardoso da Silva, Salim Miguel e outros. Defendiam a discussão aberta e livre de todas as idéias. Na poesia catarinense cita-se João da Cruz e Souza, um dos maiores poetas do simbolismo. Suas principais obras foram: Missal, Broquéis, Evocações, Faróis, Últimos sonetos, Lítania dos pobres, Canção dos pobres, Canção negra (autobiografia). Quanto às obras sobre a história de Santa Catarina, cabe destacar as escritas por Oswaldo Rodrigues Cabral, Walter Fernando Piazza e textos de outros autores. Entre os artistas catarinenses – Victor Meirelles é o destaque com o quadro clássico da “Primeira Missa no Brasil” pertencente ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, 2009).

No tocante à educação escolar, as redes escolares em Florianópolis, segundo o IBGE (2008), compunham os seguintes dados:

Níveis da educação	Nº total de matrículas	Dependência administrativa			
		Municipal	Estadual	Federal	Particular
Ed. Infantil	8.177	4.408	524	138	3.107
Ensino Fundamental	49.756	15.668	20.763	644	12.681
Ensino Médio	15.965	-	10.068	507	5.390
Total	73.898	20.076	31.355	1.289	21.178

Quadro 2 – Demonstrativo de matrículas nas redes escolares de Florianópolis
Fonte: IBGE – 2008

O maior número de matrículas se encontra na rede pública estadual no ensino fundamental com mais de 20 mil; na rede municipal também o ensino fundamental tem mais de 15 mil matrículas. É preciso considerar o aspecto que se refere ao ensino fundamental, confirmado

como obrigatório e gratuito pela legislação vigente - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) lei 9.394 1996 (BRASIL, 1996).

Quanto à escolarização da população de Florianópolis, os indivíduos de cinco anos ou mais de idade, de acordo com o censo de 2000, quando a população totalizava 316.885 habitantes, 299.253 eram alfabetizados e 17.253 não eram alfabetizados.

A população adulta de Florianópolis em 2000 tinha em média 9,2 anos de estudos. De acordo com a Secretaria Estadual de Educação, em 2007 Florianópolis possuía 260 estabelecimentos de ensino, sendo três de dependência administrativa federal, 58 estaduais, 98 municipais e 101 particulares (SANTA CATARINA, 2008).

No âmbito da educação escolar de Florianópolis, há uma rede de bibliotecas na Secretaria Municipal de Educação (SME), que é gerenciada pela Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (CBEC). Essa iniciativa da criação de um sistema integrado de bibliotecas escolares e comunitárias deu-se em 02 de março de 1984 quando o Chefe do Gabinete Municipal envia um ofício à Secretaria do Ensino de 1º e 2º grau do Ministério da Educação (MEC). Em janeiro de 1988, sob a Lei nº 2825, é criada a Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DMC), estando ligada à Divisão de Ensino. Em Lei complementar de 04 de julho de 2002 – que altera a estrutura administrativa da SME – é criado o cargo de Coordenador de Bibliotecas. Este cargo, mesmo estando instituído, vinha sendo incorporado pela chefia do DMC. No ano de 2005, é que efetivamente um coordenador assume este cargo, um bibliotecário (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2006).

Essa rede é composta de 38 bibliotecas, uma localizada no Centro de Educação Continuada da própria Secretaria e 37 nas Escolas do Ensino Fundamental, designadas Bibliotecas Escolares e Comunitárias, que atendem o público escolar (alunos, professores, equipe pedagógica, diretores e demais funcionários), como também a comunidade onde estão inseridas nos diversos bairros do município.

As escolas da rede pública municipal atendem alunos do 1º ao 4º ano (Escolas Desdobradas) e do 1º ao 9º ano (Escolas Básicas), contendo a maior delas, aproximadamente, 1.200 alunos. As bibliotecas têm espaços físicos, acervo diversificado, com livros, sendo a maioria de literatura, contém obras de referência, periódicos, materiais cartográficos e audiovisuais. O quadro de pessoal das bibliotecas é composto por profissionais bibliotecários, auxiliares de biblioteca (profissionais readaptados) e estagiários. A rede foi informatizada em 2008 com o sistema Pergamum e no processamento técnico utiliza-se a Classificação Decimal de Dewey (CDD), Tabela Cutter Sanborn e o Código de Catalogação Anglo-Americano - AACR2. Entre as atividades realizadas pelos profissionais, destacam-se algumas delas: difundir a importância da leitura e os seus benefícios, orientar o usuário para a leitura e pesquisa, preservar e disseminar a informação, planejar ações para os serviços da biblioteca, realizar o empréstimo e reserva do acervo (SILVA; ALVES; VIAPIANA, 2008).

O ensino superior também está presente em Florianópolis, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) são as instituições mais antigas; oferecem uma série de cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, tanto presenciais quanto a distância, nas diversas áreas do

conhecimento. Nessas instituições são preparados os recursos humanos para os sistemas educacionais e mercado de trabalho em geral. Cabe destaque para a população de estudantes de graduação e de pós-graduação que habita na cidade de Florianópolis, pois representa um contingente de mais de 40.000 mil moradores. Ressalta-se que essas universidades recebem e formam este contingente de alunos em todas as áreas, incluídos os cursos de pedagogia e licenciatura, isto é, de formação de professores.

Em relação à educação escolar, as redes escolares situadas nos quatro bairros onde estão sediadas as bibliotecas comunitárias que atuam os agentes pesquisados em Florianópolis, segundo a Secretaria Estadual de Santa Catarina (2008), compunham os seguintes dados:

Níveis da educação	Nº total de estabelecimentos	Bairros			
		Barra da Lagoa	Campeche	Centro	Lagoa da Conceição
Ed. Infantil	29	02	04	20	03
Ensino Fundamental	18	01	03	11	03
Ensino Médio	15	01	-	12	02
Total	62	04	07	43	08

Quadro 3 – Demonstrativo de estabelecimentos escolares públicos de quatro bairros de Florianópolis

Fonte: Secretaria Estadual de Santa Catarina - 2008

Quanto aos estabelecimentos que compõem as redes públicas municipal, estadual, federal e particular, tem-se um total de 62 escolas nos quatro bairros estudados. A maior concentração de escolas está no Centro com 43 estabelecimentos; dessas, 20 pertencem à educação infantil. No bairro do Campeche, nos dados acima não se encontrou registro da existência de estabelecimentos que oferecesse ensino médio.

E, neste bairro, há uma biblioteca comunitária, que será apresentada adiante neste trabalho.

No próximo capítulo, estarão descritos os procedimentos e a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo de Lefèvre e Lefèvre, que foram empregados no estudo.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

Para analisar as representações ou o pensamento do grupo de agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias sobre a relevância das mesmas para a sociedade, adotou-se como fundamentação Metodológica a Teoria da Representação Social de Serge Moscovici, apresentada no capítulo três, junto com a revisão teórica, por sua articulação com a construção social, o processo histórico, a comunicação e a interação. Como recurso metodológico para orientação e organização do processo de coleta dos discursos, bem como para a sua tabulação e análise, foi empregada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) construída por Lefèvre e Lefèvre, que será descrita mais adiante neste capítulo.

Esta diretriz de procedimento vem da idéia de que a realização de um estudo científico deve observar certos critérios sistemáticos de investigação, que, por sua direção, permitem a compreensão dos fenômenos manifestados pelos indivíduos, os quais constroem de modo coletivo e consensual uma visão da realidade. Esta idéia é expressa pelos discursos proferidos, na interação social, no modo de ver a realidade e suas representações. A seguir, apresentam-se os aspectos metodológicos desta pesquisa.

5.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que se preocupa com o nível de representação da realidade que não pode ser quantificado, elaborada a partir de fatores não apenas objetivos ligados ao intelecto do indivíduo. Minayo (1994) aprofunda a caracterização da pesquisa qualitativa, afirmando que “ela trabalha com o universo de

significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.21-22).

Laperrière (2008, p. 410), no texto “Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos”, chama atenção para as tarefas que se vinculam às metodologias tradicionais de pesquisa, visando estabelecer o valor de seus resultados; neste sentido é necessário:

Verificar a exatidão dos resultados de pesquisa (critério de validade interna), especificar os limites de sua possível generalização (critério de validade externa), e, por fim, garantir que os resultados não estejam ligados a circunstâncias acidentais, e que outros pesquisadores, empregando os mesmos procedimentos junto a populações similares, chegassem às mesmas conclusões (critério de confiabilidade).

A abordagem qualitativa refere-se em termos gerais ao “valor de verdade, a aplicabilidade, à coerência e à neutralidade”, buscando com isso abstrair o pesquisador de posições pessoais, objetivando uma pesquisa reflexiva de interação entre os participantes e o pesquisador, mantendo constantemente registros escritos e suas diversas formas de análise. Consiste em representar as idéias básicas, que contribuem para o desenvolvimento do procedimento metodológico apropriado ao estudo qualitativo (LAPERRIÈRE, 2008).

Desse modo, o uso de tal abordagem se justifica por sua coerência com os objetivos desta pesquisa que pretende aprofundar a compreensão do universo de significados dos agentes pesquisados, por meio do pensamento dos mesmos, sobre a relevância da participação das

bibliotecas comunitárias na sociedade.

Para Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 30), “conceber as representações sociais consiste em entendê-las como a expressão do que pensa ou acha determinada população sobre determinado tema.” Nesse sentido, é que se buscou registrar o pensamento dos agentes que constituem o grupo de informantes adiante caracterizado, sobre o seu cotidiano, visando colher sua concepção sobre a biblioteca comunitária.

5.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no mês de setembro de 2009. Antes de iniciar a coleta de dados, tinham sido realizadas várias outras visitas às organizações envolvidas nesta pesquisa, em função de que a autora trabalhava em uma das organizações e nas demais fez visitas, em 2008, em virtude da elaboração do projeto para a realização desta pesquisa.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados envolveram: questionários, entrevistas e um caderno de anotações semelhante a um diário de campo, principal instrumento de coleta de dados na pesquisa antropológica, pesquisas essas que visam à observação das comunidades, tendo como objeto de estudo o conhecimento dos fatos sociais (MAUSS, 1993).

Durante as entrevistas, foi utilizado o caderno como instrumento complementar para a anotação dos registros referentes ao ambiente, assim como outros elementos significativos para complementar este estudo. Nesse caderno, procurou-se anotar informações úteis que pudessem auxiliar no tratamento dos discursos dos informantes. Dados levantados como: o tempo de realização de cada

entrevista, local e horário em que foi realizada cada entrevista, as condições do ambiente da entrevista e em volta dele (o contexto), dias do mês e semana em que as entrevistas foram realizadas, e qualquer outro elemento que se julgasse relevante para enriquecer a pesquisa.

Para Poupart (2008, p. 215), em “A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas” este instrumento constitui “uma porta de acesso às realidades sociais apostando na capacidade de entrar em relação com as outras.” Nestas entrevistas, três argumentos se destacam: a de ordem epistemológica tem uma exploração em profundidade da perspectiva dos atores sociais, considerada indispensável para uma exata apreensão e compreensão das condutas sociais. A de ordem ética e política abriria a possibilidade de compreender e conhecer internamente os dilemas e questões enfrentados pelos atores sociais. E a de ordem metodológica, não menos relevante, impor-se-ia entre as “ferramentas de informações” capazes de elucidar as realidades sociais, mas, principalmente, como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores (POUPART, 2008). A entrevista é assim um meio que suscita a investigação de processos da realidade de ações individuais ou grupais, e o pesquisador busca informações na fala dos agentes pesquisados. Busca também obter os pontos de vista subjetivos, nos discursos orais dos informantes, viabilizada pela interação face a face. Segundo Minayo (1994, p. 57) a entrevista:

[...] busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está

sendo focalizada.

As entrevistas foram realizadas com o suporte de um roteiro semi-estruturado (ver APÊNDICE D), permitindo a obtenção de informações. Considerando que seriam mais adiante tratadas e analisadas com a técnica do DSC, levou-se em conta também certas observações dos autores da técnica, isto é, Lefèvre e Lefèvre. Para Lefèvre e Lefèvre (2003, p.15), é preciso: “[...] fazer perguntas abertas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativos dessa coletividade e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, ou seja, produzam discursos.”

Para a caracterização dos agentes informantes, utilizou-se o questionário (ver APÊNDICE C) que foi respondido antes da realização das entrevistas, com a intenção de responder ao primeiro objetivo específico, verificando as características pessoais dos agentes participantes como escolarização, profissão, experiência social. E também para selecionar os participantes que foram entrevistados. A elaboração de alguns critérios de seleção teve como objetivo obter uma amostra de qualidade, adequando aos objetivos da pesquisa. Para isso, foram definidos os seguintes filtros, quantos aos participantes:

- a) os coordenadores ou responsáveis diretos pela existência das bibliotecas comunitárias;
- b) os agentes que estivessem trabalhando na biblioteca comunitária há mais de um ano;
- c) os agentes que trabalham no mínimo duas vezes por semana na biblioteca.

O universo de agentes atuantes que participaram da coleta de dados soma 22 indivíduos. Em relação ao roteiro de entrevistas, este foi

submetido a uma aplicação piloto, com dois participantes que atuam nas organizações, mas não se encaixavam nos filtros acima exigidos. Após as entrevistas-piloto, alterou-se a ordem da questão de número cinco do roteiro semi-estruturado, porque a questão gerou dúvida: “o que é um espaço social?”, visando, com isso, deixar clara e objetiva a questão. Dessa forma, chegou-se ao roteiro semi-estruturado de entrevistas (ver APÊNDICE D).

A primeira entrevista-piloto foi realizada¹⁰ em 04 de setembro de 2009, às 10:00 horas, sendo desenvolvida num tempo aproximado de 18 minutos. Com a permissão do entrevistado, utilizou-se um gravador de voz para registro de suas falas.

A segunda entrevista-piloto foi realizada na sala de leitura da biblioteca em 04 de setembro de 2009 às 15:00 horas; o ambiente recebia influência de ruídos diversos: da aula de inglês que acontecia na sala ao lado, usuários entrando e saindo da biblioteca e o barulho da rua, sendo desenvolvida num tempo aproximado de oito minutos. Com a permissão do entrevistado, utilizou-se um gravador digital de áudio, para registro de suas falas.

A coleta definitiva de dados aconteceu sem imprevistos nas bibliotecas visitadas. As entrevistas foram marcadas por telefone, e-mail e pessoalmente, agendando encontros nos dias e horários estabelecidos pelos participantes.

5.3 Caracterização do campo

As bibliotecas comunitárias, nas quais atuam os agentes

¹⁰ Na casa da autora.

entrevistados, neste estudo, estão situadas em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina – Brasil, na parte insular de seu território. As atividades se desenvolvem em torno de práticas bibliotecárias de âmbito comunitário, ou seja, em espaços físicos que disponibilizam livros para pesquisa e empréstimo domiciliar, revistas, jornais, realizam diversos eventos e atividades junto à comunidade.

Cada uma das organizações pesquisadas apresenta especificidades por atenderem as necessidades de cada comunidade. Porém, é possível delinear algumas generalizações, a partir das manifestações dos agentes atuantes. De modo geral, ao entrar no espaço em que se encontra sediada cada biblioteca comunitária, é possível identificar características próprias. Em relação ao mobiliário das organizações, em geral, são provenientes de doações dos colaboradores.

Em relação ao ambiente físico, mostra-se com uma grande quantidade de acervo, sendo que a maioria delas está pautada em uma política de seleção para receber doações de materiais e realização de doações a outras instituições, pois o espaço disponível é pequeno para tantos livros. Os acervos são compostos na sua maioria de obras de literatura, sendo os livros de vestibulares, principalmente das universidades públicas, os mais procurados pelos leitores, e livros diversos de cultura geral. Vale destacar que uma biblioteca tem na sua composição um acervo de literatura infantil e infanto-juvenil de livros vindos direto das editoras, em função da coordenadora da biblioteca fazer parte, como votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), sendo que as editoras enviam os livros para concorrerem aos prêmios anuais que a Fundação oferece.

Quanto à organização desses acervos, duas organizações

estudadas adotaram o Sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD), realizado por processo informatizado. Nas outras duas, a organização do acervo é feita não sistematicamente por assuntos e coleções. O serviço de empréstimo é realizado em três bibliotecas, de forma manual e apenas a quarta possui o serviço informatizado.

Dentre os serviços prestados, observou-se que na maioria são oferecidos serviços tradicionais, como espaço para leitura, pesquisa, empréstimo. As bibliotecas comunitárias estão investindo em atividades que podem ser realizadas nas próprias instalações: cursos de contação de história, aulas de idiomas, artesanato, artes plásticas, saraus literários, oficinas para valorização da cultura local, palestras, lançamento de livros, conversas com autores. O público infantil tem um espaço reservado em todas as organizações, com contação de história, para o incentivo da leitura.

5.3.1 Bibliotecas selecionadas e suas comunidades

As bibliotecas selecionadas nesta pesquisa estão localizadas em ambientes agradáveis e com objetivos não didáticos. Com agentes atuantes que se apresentam como leitores, as características de funcionamento são flexíveis, com articulação local. Mantém horários diferenciados e a presença de voluntários. Seu foco maior está em disponibilizar os materiais para a população, com mais ênfase do que os serviços de organização e tratamento da informação.

Para a realização deste estudo, foram selecionadas: a Biblioteca Barca dos Livros, da Lagoa da Conceição; a Biblioteca Livre do Campeche (Bilica); a Biblioteca Comunitária Vidal Ramos, do centro e a Biblioteca Comunitária da Barra da Lagoa, a partir dos seguintes

critérios: a) estar sediada em Florianópolis; b) ser um espaço da comunidade; c) não ter fins lucrativos; d) ser de livre acesso; e) ter atividades de incentivo à leitura; f) abrir o espaço para atividades culturais e g) ter ao menos um coordenador no local. A seguir, apresenta-se a localidade e a biblioteca comunitária:

a) Lagoa da Conceição

A colonização na Lagoa da Conceição teve início em 1750 com a fundação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição. O turismo movimentou a economia, principalmente no verão assim como os demais serviços permanentes de comércio e prestação de serviços. A localidade apresenta características marcantes, como afirma a psicóloga Kuhnen (2002, p. 18), de ser um “local privilegiado quanto aos recursos naturais, item que se apresenta como fundamental para os que aí residem, seja pela paisagem, pela oportunidade profissional ou a sobrevivência através da pesca.”

Do distrito da Lagoa da Conceição fazem parte as seguintes localidades: Costa da Lagoa, Praia e Parque da Galheta, Praia da Joaquina, Lagoa da Conceição, Canto da Lagoa, Retiro da Lagoa, Praia Mole e Porto da Lagoa. A população residente mais a população flutuante¹¹ do distrito somam 27.718 habitantes. De acordo com dados da Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina (2008), há escolas dos três níveis de educação: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (SANTA CATARINA, 2008).

¹¹ Designa-se como população flutuante aquela composta por turistas e veranistas.

Quanto às atividades culturais mais expressivas, tem-se a preservação do folclore que está entre as atividades da comunidade local, concentrando-se no Centro Cultural Bento Silvério (antiga Estação Rádio Telegráfica) e neste espaço os grupos apresentam terno de reis, ratoeira, cantoria do Divino, pau-de-fita e boi de mamão. Histórias de bruxas, feiticeiras, lobisomem e boitatá fazem parte da tradição dos que moram na Lagoa. Além da cultura bruxólica, a confecção das rendas de bilro também é passada de mãe para filha. Atualmente, a Lagoa representa um dos mais importantes centros turísticos de Florianópolis. Os recursos de transportes públicos envolvem os ônibus coletivos e o barco-ônibus que transporta pessoas e produtos para a Costa da Lagoa, uma vila existente nas margens da Lagoa da Conceição, que pode ser visitada por trilhas e de barco.

Em relação à renda da população no censo de 2000¹² para o bairro da Lagoa da Conceição: apontava mais de 390 famílias que tinham uma renda entre dois e cinco salários mínimos e para outras 380 famílias que possuíam uma renda de cinco a 10 salários mínimos. Essa estimativa do IBGE do censo de 2000 para as 390 famílias que possuíam uma renda mensal entre dois e cinco salários mínimos, considerando o salário de R\$ 151,00. Ao correlacionar os dados de renda com os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2002-2003¹³ da Região Sul, na área urbana e multiplicar o valor do salário

¹² Para a caracterização econômica das localidades onde se situam as Bibliotecas Comunitárias nas quais se fez a coleta de entrevistas, foram utilizados dados do censo econômico do ano de 2000 a fim de compor a renda da população, em função da não existência de dados estatísticos mais recentes por bairros.

¹³ Tendo em vista a falta de instrumento estatístico recente, foi utilizada a POF de 2002-2003 para estabelecer dados aproximados em relação à parte da renda gasta por família no quesito educação.

mínimo vigente pelo número médio correspondente da renda mensal recebida por uma família, que ficaria em uma faixa de R\$ 400,00 a 600,00, uma família poderia gastar R\$ 7,00 no quesito educação por mês. Uma família teria condição de gastar R\$ 84,00 por ano em educação.

E para as outras 380 famílias que tinham uma renda mensal de cinco a 10 salários mínimos, considerando o salário de R\$ 151,00, é possível realizar a mesma estimativa dos dados de renda com os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2002-2003 da Região Sul, na área urbana e multiplicar o valor do salário mínimo vigente pelo número médio correspondente da renda mensal recebida por uma família, que ficaria em uma faixa de R\$ 600,00 a 1.000,00, uma família poderia gastar R\$ 12,00 no quesito educação por mês. Uma família teria condição de gastar R\$ 144,00 por ano em educação.

É nesse ambiente sócio-econômico que está à *biblioteca Barca dos Livros*. Ela é mantida pela “Sociedade Amantes da Leitura”, formada por um grupo de pessoas que reconhecem a importância da atividade de leitura para o desenvolvimento comunitário e individual. É uma associação civil sem fins lucrativos e de interesse público, criada em 2003 em Florianópolis. É reconhecida como entidade de Utilidade Pública Municipal¹⁴ (Lei n.º. 11.403 - 12/07/2005 e Utilidade Pública Estadual¹⁵ Lei n.º. 13.590 - 29/11/2005).

¹⁴ São declaradas de Utilidade Pública em Florianópolis, de acordo com a Lei Municipal n.º 7798/2008, Art. 1º: As entidades de promoção educacional, científica, cultural, artística, esportiva, social ou filantrópica que sirvam ao interesse da coletividade, com fins não-econômicos, poderão ser declaradas de utilidade pública municipal por iniciativa de qualquer membro da Câmara Municipal de Florianópolis. Parágrafo único. As entidades deverão prestar serviços de natureza relevante e de notório caráter comunitário e social, concorrentes com aqueles prestados pelo Estado (CÂMARA MUNICIPAL, 2008).

A idéia inicial do projeto “Biblioteca Barca dos Livros” foi construir uma biblioteca na Costa da Lagoa, uma vila com um núcleo de pescadores e rendeiras, que pode ser visitada só por trilhas ou de barco, para a população carente daquela região. Em função das dificuldades impostas pela distância de cinco quilômetros da Lagoa da Conceição até a Costa da Lagoa, pois o acesso é restrito por trilhas de sete quilômetros ou pelo mar, no caso de carregar algum tipo de produto, no caso, levar os materiais escritos (livros, revistas, jornais), o plano precisou ser modificado; em fevereiro de 2007, foi inaugurada a biblioteca em uma casa alugada na Lagoa da Conceição. Esta unidade contém 8.404 documentos. Atende em média 1.000 leitores por mês. Desenvolve atividades como leitura, exposições, conversa com autores, contação de histórias, cursos, palestras e empréstimo de livros. Conta com o trabalho de uma equipe de profissionais das mais diferentes áreas (professores, arte-educadores, bibliotecários, jornalistas, comunicadores, contadores de histórias, músico, pedagogos). Nessa equipe de profissionais atuantes há o trabalho de um coordenador geral (coordenação do Projeto), quatro bibliotecários (biblioteca e atendimento), um gestor de cultura (gestão do projeto), um advogado (administrativo e jurídico), um assessor de imprensa (comunicação), um design gráfico (web design e design gráfico). Todos os profissionais são remunerados (prestadores de serviço). O Projeto é financiado por iniciativas privadas – empresas (via Lei Rouanet), convênios Municipais (subvenções) e Estaduais do Fundo

¹⁵ São declaradas de Utilidade Pública Estadual em Santa Catarina, de acordo com a Lei nº 10.436, Art. 1º: As entidades de promoção educacional, científica, cultural, artística, esportiva, social ou filantrópica que sirvam desinteressadamente à coletividade, sem fins lucrativos, poderão ser declaradas de utilidade Pública Estadual, por iniciativa de qualquer membro da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1997).

de Incentivo à Cultura (FUNCULTURAL), doações de pessoas físicas e sócios da ONG e apoios culturais. Os demais agentes (contadores de história, professoras, aposentados) trabalham voluntariamente (SOCIEDADE AMANTES DA LEITURA, 2009).

b) Campeche

É um bairro e distrito do município de Florianópolis, antigamente chamado de Vila do Pontal, também desmembrado da Lagoa da Conceição. Do distrito do Campeche fazem parte as seguintes localidades: Morro das Pedras, Praia do Campeche, Campeche e Rio Tavares. A população residente mais a população flutuante do distrito somam 35.201 habitantes. Nele destacam-se duas reservas ecológicas tombadas pelo Município: a Lagoinha da Chica e a Lagoinha Pequena, que se situam na planície sedimentar do Campeche, barradas no lado leste por uma faixa de dunas fixas que se estende ao longo da praia. Cabe destacar, no acervo histórico-arquitetônico da localidade, os marcos fundacionais representados pelo conjunto formado pela Igreja de São Sebastião, o teatro do Divino Espírito Santo e Santa Cruz, que remontam a meados do século XIX e traduzem a origem luso-açoriana do povoamento local. Os recursos de transportes públicos são os ônibus coletivos.

Quanto à renda média da população do Campeche, o valor é de R\$ 800,00 (OLIVEIRA, 2003). Ao relacionar esta renda estimada com os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2002-2003 da Região Sul, na área urbana, observa-se que nesta faixa de R\$ 600,00 a 1.000,00, uma família poderia gastar R\$ 12,00 no quesito educação por mês. Uma família teria condição de gastar R\$ 144,00 por ano em educação.

As atividades econômicas em desenvolvimento são mais evidentes no setor da construção civil, na rede de serviços relacionada ao turismo e, em menor escala, os serviços de tecnologia de automação e comunicação. Há escolas de dois níveis de educação: educação infantil e ensino fundamental de acordo com dados da Secretaria Estadual de Educação (SANTA CATARINA, 2008).

O Campeche é dividido em quatro regiões: Campeche Central, Campeche Norte Campeche Sul e o Campeche Leste. Pelo mapa, a biblioteca em que se fez o estudo está localizada no Campeche Norte, mas os moradores do Campeche não usam estas denominações, isto é, a biblioteca fica próximo à Capela São Sebastião e à Associação do BESC.

A biblioteca Livre do Campeche (Bilica) é uma biblioteca comunitária sem fins lucrativos e foi fundada, mediante doações de particulares, na sua maioria professores de diversas áreas e instituições, em 11 de agosto de 2007. O projeto visa disseminar a vivência com livros e com a leitura, como elementos essenciais na formação da cidadania, através da consolidação de uma biblioteca comunitária de atendimento localizado.

As atividades realizadas por esta unidade de informação são: contação de histórias, cursos de espanhol e outros. Tem como princípio o trabalho voluntário, o acesso livre e a valorização da cultura e da informação. Os recursos para a manutenção da biblioteca são obtidos de forma cooperativa. Conta com uma equipe de aproximadamente nove agentes frequentemente atuantes, entre outros que atuam esporadicamente de várias profissões (professores, artesãos, secretárias). Todos trabalham como voluntários.

Funciona na Avenida Campeche, 2157, próximo à Associação do BESC, está situada em ponto privilegiado do Campeche, em sala alugada e mantida pelos voluntários que a idealizaram. Conta com estantes e móveis adquiridos de forma cooperativa, necessitando, no entanto de uma melhoria na sua qualidade. Um dos objetivos em médio prazo é a mudança da sede para outro local mais amplo devido à necessidade de espaço para os livros.

Desde sua fundação esta a biblioteca recebeu, exclusivamente através de doações de particulares, mais de 10.000 mil documentos e cadastrou em torno de 900 usuários, com uma frequência mensal de 100 leitores. A maior parte de seu público é infantil, porém recebe pessoas de todas as idades. A biblioteca fica aberta ao público em dois períodos (manhã e tarde), contando com um número bastante assíduo de usuários.

Para utilizar a biblioteca são exigidos apenas alguns dados pessoais como nome, endereço, telefone, idade, profissão e escola em caso de estudantes, bem como autorização dos responsáveis para menores de 12 anos. Não há cobrança de multas ou taxas de adesão ou empréstimo. Cada usuário pode emprestar três títulos por 15 dias, renováveis indefinidamente.

c) Centro da cidade de Florianópolis

A região central de Florianópolis está situada na Ilha de Santa Catarina, nela se concentra a maior parte dos órgãos do Governo Estadual e Municipal. Tem o maior número de pontos turísticos não-naturais da cidade. Ali estão desde conhecidos cartões postais, como a Ponte Hercílio Luz e o Mercado Público Municipal e outras como praças, passando por museus, igrejas e teatros. O centro de Florianópolis

detém ainda hoje certo ar de Capital de Província, representado nos conjuntos arquitetônicos de seus bairros mais característicos consolidados no século XIX. Além dos monumentos isolados, a cidade preserva como acervo histórico de valor cultural e paisagístico os conjuntos arquitetônicos presentes em suas ruas e praças mais antigas, e parte da malha viária dos séculos XVIII e XIX.

A população residente mais a população flutuante do distrito somam 188.999 habitantes. As atividades econômicas desenvolvidas no setor de serviço somam o volume mais expressivo, pois integram as sedes do governo estadual e das representações de órgãos e entidades federais, englobam um centro comercial e de serviços bastante desenvolvido e diversificado; especialmente nas atividades bancárias, educacionais e de saúde, não deixando de enfatizar o segmento do turismo, realizado com maior ênfase de janeiro a março e o turismo de evento desenvolvido no período de inverno. Há escolas dos três níveis de educação: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio de acordo com dados da Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina (2008). E o nível superior também está presente neste local, por sediar as universidades Estadual e Federal de Santa Catarina.

Quanto à renda média da população do centro, no ano 2000, o valor era de R\$ 2.140,00 aproximadamente, se relacionarmos esta renda estimada com os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2002-2003 da Região Sul, na área urbana em uma faixa de R\$ 2.000 a 3.000, uma família gastaria R\$ 85,00 no quesito educação mensal e teria condição de gastar R\$ 920,00 por ano em educação.

É nesse distrito que se encontra a *biblioteca comunitária da Fundação Vidal Ramos*. Criada em três de maio de 1958, ela presta

serviços à comunidade a partir da instalação e manutenção da Faculdade de Serviço Social, então sob a direção e coordenação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, convidadas a integrar-se ao ambicioso projeto pelo criador da instituição, Sr. Celso Ramos, detentor de uma visão das necessidades sociais de seu estado, as quais, somente através de investimentos na área educacional poderiam ser minimizadas. Prestou os serviços para a qual foi instituída, mas em 1983 passou por mudança de rumos, quando a Faculdade de Serviço Social dela desligou-se e foi incorporada à Universidade Federal de Santa Catarina, levando no seu bojo seu pessoal docente e administrativo.

No decorrer daqueles anos, conforme sua proposta estatutária, a Fundação Vidal Ramos empenhou-se na atuação em empreendimentos destacadamente voltados às populações menos favorecidas possibilitando-lhes o desenvolvimento na área educacional, oferecendo a alunas da Faculdade de Serviço Social num alojamento condigno, em prédio adequadamente construído, condições de frequentarem, na capital, um curso de terceiro grau. Atualmente, ainda acolhe pelo Projeto Moradia Estudantil, 22 alunos do sexo masculino cursando ensino técnico ou de 2º e 3º graus, provenientes de famílias com baixo poder aquisitivo, oriundos do interior de Santa Catarina ou de outros Estados.

Com a transferência da faculdade para a UFSC, a Fundação Vidal Ramos buscou proporcionar a menores trabalhadores de rua a frequência a uma Escola Alternativa de 1º grau, que funcionou de 1985 a 1990, experiência pedagógica exitosa que, apesar de seu bom desempenho, foi encerrada em dezembro de 1990 em virtude da suspensão dos recursos advindos de convênio com o governo do Estado.

Desde 1990 até os dias atuais, desenvolve ação de Apoio Sócio Educativo em Meio aberto, atendendo, diariamente, 110 crianças e adolescentes que ainda são beneficiadas com duas refeições diárias. Desde 1998, oferece um grande espaço de suas instalações para preparo profissionalizante de portadores de deficiência mental. Em 1999, marcou o início do sistema de Telecurso 2000 – educação de jovens e adultos no sistema supletivo de 1º e 2º graus, formando e qualificando um total de 360 alunos em parceria com a Secretaria de Educação do Governo do Estado. Desenvolve atividades com a colaboração do Instituto Girassol, pela divulgação junto à Escola de Ensino Fundamental Antonieta de Barros e às demais escolas do Maciço do Morro da Cruz.

Assim, inseriu, entre os projetos já em execução, o Projeto Casa Brasil mediante compromisso assumido com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), oferecendo instalações compatíveis e perfeitamente adaptadas à execução do plano e seu gerenciamento administrativo, o que estenderá, aproximadamente, a mais 400 indivíduos, que se beneficiarão gratuitamente de acesso irrestrito ao desenvolvimento e universalização das tecnologias e informação e comunicação pela sua consequente inclusão social e digital (FUNDAÇÃO VIDAL RAMOS, 2008).

A unidade Casa Brasil Vidal Ramos, instalada na Fundação localizada no centro de Florianópolis, atende à comunidade do Maciço do Morro da Cruz - um grande morro de granito situado no sentido norte-sul, na parte central do lado oeste da Ilha de Santa Catarina. Os assentamentos que ocupam o Maciço Central do Morro da Cruz são: Morro do Mocotó, Morro da Caixa D'Água, Penhasco, Pedra do

Paraíso, Tico-tico, Chapecó, Morro do Céu, Serrinha, Carvoeira, Caieira da Vila Operária, Horácio, Marinha, Nova Descoberta, além de parte dos bairros do Centro, Prainha, José Mendes, Saco dos Limões, Trindade, Agrônômica e Pedra Grande. Por apresentar-se como um limite natural à expansão horizontal do Centro de Florianópolis, grande parte da população do Maciço é de baixa renda, reside em pequenas e precárias casas, em áreas de altas declividades, caracterizadas pela falta de elementos básicos de infra-estrutura, como sistema viário, saneamento e de recolhimento regular de lixo junto aos domicílios, entre outros (HUBNER; DAL SANTO; OLIVEIRA, 2004).

A biblioteca comunitária pertence à Fundação e está aberta à população de Florianópolis. A biblioteca foi implantada no mesmo ano da criação da Fundação. Tem um acervo de 8.000 documentos. Trabalha na unidade um coordenador geral remunerado pela fundação e dois bolsistas, que trabalham 20 horas semanais e são remunerados pelo Projeto Casa Brasil, atendendo em média 200 leitores por mês.

As atividades realizadas por esta unidade de informação são: consulta local e empréstimo de livros e revistas. Os recursos para a manutenção da biblioteca são obtidos junto à fundação e aos programas federais existentes. Conta com estantes, mesas e cadeiras para uso dos frequentadores. A maior parte do seu acervo é composta por doações feitas pela comunidade. Seu principal público são as crianças, e jovens que frequentam os cursos oferecidos na fundação. A biblioteca fica aberta ao público de segunda-feira a sexta-feira no horário das 8:00 às 12:00 e das 13:30 às 17:00 horas. Para utilizar a biblioteca são exigidos apenas dados pessoais como: nome, endereço, telefone, idade, profissão. Não há cobrança de multas ou taxas.

d) Barra da Lagoa

Esse distrito, desmembrado do distrito da Lagoa da Conceição, fica junto ao canal que liga a Lagoa da Conceição ao mar, tem as mesmas características da Lagoa, seguida da praia, muito frequentada pelos turistas.

No Distrito da Barra da Lagoa, tem-se a localidade da Fortaleza, caracterizada pela ocupação com um núcleo de pescadores que se concentrou ao longo do canal de comunicação da Lagoa com o Oceano. A população residente mais a população flutuante do distrito somam 13.972 habitantes. Os recursos de transportes públicos são os ônibus coletivos. Há escolas dos três níveis de educação: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio de acordo com dados da Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina (2008).

A Barra da Lagoa vincula-se ao distrito da Lagoa da Conceição por via rodoviária desde 1847, data da construção da primeira ponte sobre um canal natural que liga a Lagoa ao mar. Faz parte dos atrativos culturais da Barra um sítio arqueológico de grande relevância, são oficinas líticas que se destacam nas pedras do canal da Barra. Essas superfícies côncavas com alisamentos na forma de pratos, feitas sobre blocos de granito semi-enterrados na areia, localizados junto à boca do rio “Canal da Barra”, comprovam que a região foi ocupada por ancestrais indígenas há milhões de anos. Nessas oficinas líticas os instrumentos de caça, pesca e coleta eram polidos.

A atividade da pesca artesanal ainda é bastante forte, gerando abundância de pescado que pode ser consumido no local, nos muitos restaurantes e em bares especializados nessa gastronomia. A praia tem

intenso movimento turístico, pela qualidade de suas águas e exuberância da paisagem, especialmente junto ao canal sangrador das águas da Lagoa. A Barra ainda apresenta forte herança das suas raízes culturais nas feições do povo, no linguajar, nas atividades tradicionais tais como a produção de trançados - renda e tarrafa - e na gastronomia oferecida. As atividades econômicas desenvolvidas giram em torno da pesca artesanal.

Em relação à renda da população no censo de 2000 para o bairro da Barra da Lagoa: apontava mais de 390 famílias que tinham uma renda entre dois e cinco salários mínimos e para outras 270 famílias que possuíam uma renda de cinco a 10 salários mínimos. Essa é a estimativa do IBGE do censo de 2000 para as 390 famílias que possuíam uma renda mensal entre dois e cinco salários mínimos, considerando o salário de R\$ 151,00. É possível realizar a mesma estimativa da Lagoa da Conceição. Com os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2002-2003 da Região Sul, na área urbana, multiplicando-se o valor do salário mínimo vigente pelo número médio correspondente da renda mensal recebida por uma família, que ficaria em uma faixa de R\$ 400,00 a 600,00, uma família poderia gastar R\$ 7,00 no quesito educação por mês. Uma família teria condição de gastar R\$ 84,00 por ano em educação.

As demais 270 famílias tinham uma renda mensal de cinco a 10 salários mínimos, considerando o salário de R\$ 151,00. Também realizando-se a mesma estimativa dos dados de renda com os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2002-2003 da Região Sul, na área urbana e multiplicando-se o valor do salário mínimo vigente pelo número médio correspondente à renda mensal recebida por uma família, que ficaria em uma faixa de R\$ 1.200,00 a 1.600,00, uma família

poderia gastar R\$ 32,00 no quesito educação por mês e teria condição de gastar R\$ 384,00 por ano em educação.

A *Biblioteca comunitária Barra da Lagoa*, foi fundada em 29 de março de 2005 com a iniciativa de um garoto de 12 anos. Nos primeiros tempos, ele expunha seus livros (cerca de 40, do próprio acervo) na área da frente de sua casa. E passava as tardes lá – o menino estudava, isto é, frequentava a escola municipal no turno da manhã e cursava a 8ª série. Ele emprestava gibis e livros de aventuras para moradores do bairro, principalmente para crianças da vizinhança.

O menino pediu permissão para usar o bar da família, na estrada geral da Barra da Lagoa. E é lá que, hoje, ele expõe sua coleção de livros e gibis. A biblioteca recebe doações de livros, têm aproximadamente 2.000 livros e 100 gibis. A população, que frequenta o espaço na busca por literatura, inclui adultos, adolescentes e crianças em busca de suporte para a realização dos trabalhos de escola. Faz empréstimo à comunidade por uma semana, que pode ser renovado para mais uma, caso necessário. As prateleiras estão abarrotadas de troféus do Beira-Rio, um time amador de futebol, que também usa o bar como sede. Os livros se misturam junto aos engradados de bebidas e nas três mesas, cadeiras e banquinhos.

5.4 Caracterização dos agentes entrevistados

Os agentes selecionados para a realização das entrevistas compõem um grupo de 12 participantes das bibliotecas comunitárias descritas acima de um total de 22 agentes. Sua presença está relacionada ao fato de tais bibliotecas comunitárias estarem sediadas na capital do

Estado de Santa Catarina, Florianópolis, que apresenta um índice populacional elevado¹⁶. Tais bibliotecas são entidades de efetiva utilização e prestam um significativo atendimento à população de um município que dispõe apenas de *uma* biblioteca pública instituída e mantida com recursos do governo municipal: a Biblioteca Pública Municipal Professor Barreiros filho, no território continental. Fundada em 10 de setembro de 1956, pela Lei Municipal nº 238, essa Biblioteca começou a funcionar, efetivamente, em novembro do mesmo ano no bairro Estreito.

Para a realização deste estudo, foram contactados todos os agentes atuantes independente da função em que ocupavam na biblioteca comunitária, entre eles: bibliotecários, professores, contadores de histórias, voluntários, aposentados, músicos, jornalistas, estudantes, entre outros.

No caso dos informantes, embora cada um tenha um universo próprio, estes possuem características e partilham de universos comuns, todos atuam em bibliotecas comunitárias. As informações obtidas dos questionários, para fins de caracterização dos informantes, são descritas em formato de texto e quadros a seguir.

Em relação à identificação quanto ao sexo, têm-se sete participantes masculinos e 15 participantes femininos. Quanto à faixa etária dos informantes, oito participantes estão na faixa dos 16 a 40 anos; quatro participantes estão na faixa dos 41 a 61 anos; seis participantes estão na faixa dos 62 a 74 anos e quatro participantes não responderam.

¹⁶ De acordo com IBGE (2009) a população de Florianópolis é de 408.161 habitantes, segundo município mais populoso do Estado, ficando atrás apenas de Joinville com 497.331 habitantes.

No perfil de escolaridade é possível destacar o alto nível de escolaridade entre os agentes atuantes: cinco estão em nível de Mestrado, e dois, em nível de Doutorado.

Grau de instrução	Nº de participantes
Ensino Fundamental	1
Ensino Médio	5
Graduação em Biblioteconomia	3
Graduação	4
Especialização	2
Mestrado	5
Doutorado	2

Quadro 4 - Perfil – Escolaridade dos agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias

Fonte: elaborado pela autora (2009)

Na questão da profissão, são variadas suas origens: três bibliotecárias, uma contadora de história, uma gestora cultural, uma advogada, um design, uma artesã, três estudantes do ensino superior, uma coordenadora de projetos, 10 aposentados.

Uma característica das bibliotecas comunitárias é essa diversidade de pessoas de diferentes origens profissionais atuando nessas organizações; 16 participantes não possuem conhecimento técnico em biblioteconomia e seis participantes vêm desse campo de atuação.

Nove dos entrevistados possuem experiência anterior com trabalho social, os mais variados: na extensão universitária (organização de biblioteca); projeto de intercâmbio cultural entre Alemanha e América Latina; criação de biblioteca (acervo); assistência a imigrantes e idosos na Alemanha; trabalho comunitário; trabalho no Serviço Social

do Comércio (SESC); grupo de escotismo; proteção a animais de rua; aula de hip-hop.

Entre os agentes atuantes, em relação ao tempo trabalhado na biblioteca: oito participantes trabalham na biblioteca há menos de um ano, 11 trabalham de 1 a 3 anos e três trabalham há mais de 3 anos. Quanto ao número de vezes que trabalham por semana, seis participantes trabalham uma vez por semana, quatro duas vezes por semana e 11 três vezes por semana ou mais.

Em relação à carga horária semanal na biblioteca, 10 participantes têm carga horária entre 20 e 40 horas, três participantes têm carga horária entre 09 e 15 horas por semana e nove participantes têm carga horária entre 03 e 06 horas por semana.

Considerando que uma pessoa pode exercer mais de uma função na biblioteca comunitária, seis realizam outras atividades como: jurídico, cursos para adultos e crianças, planejamento, comunicação e gestão do projeto, seleção e coordenação de estantes, organização de eventos e serviços gerais.

Atividades	Nº de participantes
Atendimento ao público	17
Serviços técnicos	8
Contação de histórias	7
Serviços administrativos	6
Coordenação da biblioteca	4
Outras	6

Quadro 5 - Atividades exercidas na biblioteca comunitária pelos agentes
Fonte: elaborado pela autora (2009)

5.5 Cuidados éticos

No que diz respeito aos cuidados éticos, foi seguido o Regimento do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade. Este comitê foi constituído em 1997, sendo registrado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisas (CONEP/MS), em cumprimento às Resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

As organizações nas quais estão atuando os entrevistados foram consultadas e receberam a Carta de Apresentação (modelo em APÊNDICE A). Os entrevistados, na condição de informantes, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (modelo em APÊNDICE B) e sua identidade individual foi preservada. Tais entrevistados foram informados sobre os objetivos do estudo. Destacou-se a disposição de apresentar os resultados da pesquisa, caso interessasse, às organizações e/ou aos próprios participantes.

5.6 Condições motivacionais de realização e transcrição das entrevistas

Visitas foram feitas anteriormente às organizações envolvidas na pesquisa, para apresentar a proposta de estudo e buscar autorizações para a realização de coleta de dados. Em todas as bibliotecas, os coordenadores acolheram a realização da pesquisa, colocando-se à disposição no mesmo momento para contribuir com o estudo em

questão. Aconteceu sempre uma receptividade positiva ao estudo e à autora¹⁷.

Em uma das visitas para a realização das entrevistas, quando o voluntário abriu a biblioteca e entramos (eu e os demais usuários que aguardavam a biblioteca abrir), para nossa surpresa o espaço da biblioteca estava alagado, pois na noite anterior tinha chovido muito, e de forma muito simples o agente logo procurou vassoura e panos para secar o chão e no mesmo instante todos ali presentes formaram uma espécie de mutirão para secar a água e a biblioteca voltar a funcionar normalmente. Característica predominante em um espaço realmente comunitário.

Nas quatro organizações, todos os agentes atuantes concordaram em fornecer as informações necessárias à pesquisa; normalmente, as entrevistas iniciavam em meio à timidez, em função da gravação, mas, como já estavam assegurados quanto à preservação da não-identificação pessoal, e que o uso do gravador era apenas para fins de transcrição da mesma, a conversa fluiu sem maiores problemas.

Em relação ao andamento das entrevistas, cabe destacar que em apenas dois casos não havia a presença de terceiros próximos, nas demais entrevistas sempre havia a presença de várias pessoas circulando ao redor, realizando atividades diversas, conversando; por ser espaço com muito barulho, houve dificuldade no entendimento de algumas palavras durante transcrição, sendo necessária a repetição por muitas vezes. Em dois casos, houve a interrupção momentânea da entrevista quando usuários chegaram à biblioteca.

¹⁷ Em todas as bibliotecas comunitárias a autora cadastrou-se e retirou material.

Um ponto que merece destaque foi quando alguns participantes deram a impressão de que aquela entrevista significava algo relevante, merecedor de atenção, em função de futuramente estar divulgando o trabalho realizado pelas bibliotecas comunitárias, junto às comunidades. E uma das participantes revelou que gostaria de ver um exemplar do trabalho final naquela biblioteca.

Em um caso, após a realização da entrevista, quando o gravador já estava desligado, num diálogo final, a informante destacou que a autora tinha solicitado junto ao coordenador da biblioteca a possibilidade de utilizar o nome original da organização em sua pesquisa. A partir disso, a informante passou a falar de diversos problemas acontecidos com pesquisa com a técnica de entrevista, pois a mesma também trabalha com pesquisas. Algumas dessas questões, inclusive passíveis de reflexão, quanto à questão ética em relação ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que é um contrato entre o pesquisador e o pesquisado, acaba protegendo muito mais a Universidade e o pesquisador do que o próprio pesquisado; em alguns casos, é claro. Mas a informante queria esclarecer à proponente que ela precisaria ponderar os discursos dos informantes enquanto pesquisadora que conhecia a realidade das organizações, com seus pontos positivos e negativos. E principalmente porque todos concordaram em fornecer os dados para que a pesquisa acontecesse de forma natural; então, os participantes voluntários à pesquisa contavam com uma relação de confiança na proponente e, considerando que muitos agentes atuantes vão ler o trabalho final, ou seja, a dissertação.

5.7 Tabulação, análise e interpretação dos resultados

A organização e análise do material visam oferecer argumentos em torno dos objetivos da pesquisa e material para a interpretação do pesquisador, tudo em vista dos quesitos iniciais. Para o tratamento e análise dos dados, nesta pesquisa utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), por ser uma técnica que se adequa aos objetivos deste estudo, pois requer material obtido em interação/comunicação direta com os informantes. Com a obtenção dos discursos individuais deve-se chegar ao discurso coletivo.

A elaboração do DSC, para Lefèvre e Lefèvre (2003), baseada no discurso oral, consiste na utilização de procedimentos que servem para análise da compreensão das falas individuais. Os autores consideram a discursividade uma “característica própria e indissociável do pensamento coletivo, buscando preservá-la em todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração das perguntas, passando pela coleta e pelo processamento dos dados até culminar com a apresentação dos resultados” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p.11). Os autores descrevem as seguintes figuras metodológicas como partes do processo de confecção do discurso coletivo:

a) Expressões-chave (ECH) – são pedaços, trechos ou transcrições literais dos discursos, que revelam a essência do depoimento ou, mais precisamente, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento. As expressões-chave são uma prova do discursivo-empírico da verdade das idéias centrais.

b) Idéias centrais (IC) – compreendem uma descrição sintética de um depoimento, resgatam, através de descrições indiretas, as idéias que revelam o tema do depoimento.

c) Ancoragem (AC) – é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença. Essa figura metodológica permite conhecer as referências para um determinado discurso.

d) Discurso do sujeito coletivo (DSC) – é um discurso-síntese regido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC ou AC. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17-18). Destaca-se que o sujeito coletivo é representado por uma fórmula verbal em que o discurso está apresentado na primeira pessoa do singular “eu” que, ao mesmo tempo em que representa um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse “eu” fala pela ou em nome de uma coletividade. “Esse discurso coletivo expressa um sujeito coletivo, que viabiliza um pensamento social” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 16).

Após a coleta das entrevistas, procedeu-se à transcrição do material gravado, de forma minuciosa, voltando muitas vezes para ouvir novamente a fala dos entrevistados. Em um segundo momento, realizou-se uma revisão suprimindo os nomes que identificavam as organizações, locais e o nome dos participantes, além de expressões próprias da oralidade como: eu acho, né, não tem, entendeu, entre outros, necessários para a organização da escrita e entendimento, bem como algumas palavras acrescentadas pela pesquisadora entre colchetes [] para a leitura fluir da melhor maneira possível.

A elaboração do DSC partiu de um processo em que, após a transcrição, realizou-se a tabulação em planilhas, para cada uma das questões feitas aos agentes atuantes entrevistados, identificando-se as Expressões-Chave e a partir de então, as idéias centrais. Foi elaborado o DSC com as falas dos agentes, juntamente com a organização das idéias

centrais das questões que se referenciam especificamente à temática em estudo.

Nesta pesquisa, os resultados são apresentados como DSC no capítulo seis, um discurso do coletivo, que será interpretado visando à discussão das representações sociais das bibliotecas comunitárias e sua relevância para a sociedade. Priorizou-se a manifestação do coletivo, examinando a dimensão de articulação humana na construção social do conhecimento em sociedade.

6 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Neste capítulo está contido na seção 6.1 o DSC obtido após a análise das entrevistas, e na seção 6.2 a apresentação das representações identificadas nesse DSC, com a interpretação de seus significados.

6.1 DSC final

Em relação aos públicos alvo, a idéia inicial é de que seriam os nossos filhos, os vizinhos. Começa com a questão basicamente da ênfase nas crianças especialmente, mas depois isso se amplia para adolescentes, jovens, adultos, ou seja, moradores aqui da região, com foco nas pessoas que residem mais próximo. O público que vive em torno da biblioteca, um público bem diversificado, varia bastante de idade, de nível social entre os moradores do bairro. Tem também os jovens das escolas públicas da região e os adultos que fazem supletivo. Os públicos que frequentam atualmente a biblioteca são compostos de um forte público de crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas de todas as idades. Entre esses grupos tem-se o público escolar da região, pais e mães que trazem seus filhos, avós e netos. Adultos que vem de outros municípios, professores universitários, pessoas com menos instrução, de todas as camadas sociais, ou seja, é um público heterogêneo. Diferenciam-se pelas atividades desenvolvidas pela biblioteca, mas são famílias moradoras do bairro, ou dos arredores que moram próximo à biblioteca. Há contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público; ela possibilita o acesso ao livro, à revista, ao material escrito,

e principalmente à leitura literária. Permite que as pessoas tenham acesso aos livros, que elas não teriam sem a biblioteca; possibilita que elas possam ler, fazer uso desse bem cultural (livro) tão caro. Oferece atividades de incentivo à leitura como a contação de história provocando a curiosidade, a inquietação. Tem a possibilidade de ter oficinas de leitura com estímulo ao ato de ler e o cuidado com o livro, pois a leitura se faz pela prática da leitura, só se torna leitor praticando a leitura. Faz-se a realização de atividades (filmes, palestras, conversas) para seduzir o leitor ou para despertá-lo para a leitura, com oferecimento de serviços, eventos que tentam envolver ou sensibilizar os leitores. Na formação de um público leitor, na busca ao leitor no sentido em que oferece oportunidade para esse leitor e ainda não leitor. O setor de referência faz indicação de obras para leitura. Proporciona conhecimento, habilidades de aprimoramento de compreensão do texto, ficou mais prático e mais perto de casa. Foi ao encontro do que as pessoas queriam e precisavam. As pessoas vêm à biblioteca porque ler é prazeroso, gostoso, bom. A biblioteca também funciona como um centro cultural com oficinas diversificadas. Os frequentadores vêm aqui por prazer, eles melhoram a leitura, tornam-se independentes. Para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade, é prioritária a sua existência, ela tem que existir, estar disponível dentro daquilo que a sociedade quer para ser reconhecida. A biblioteca precisa ir ao encontro do leitor, fazer com que se sinta acolhido, fazendo outras atividades, além das tradicionais de uma biblioteca, oferecer não só livros, aulas também. Fazer outras atividades na biblioteca, que as pessoas vejam que a biblioteca não é estática, é esse envolvimento com a comunidade; estar articulada com as coisas que estão acontecendo no

entorno e não só com as coisas ligadas à leitura especificamente. Com acesso livre, gratuito, acervo de qualidade, atividade de formação com o leitor. Desenvolver ações amplas ao acesso à leitura, a cultura, ao lazer com livros atualizados. Servir como meio de comunicação através dos livros e ter a participação de um profissional da área de Biblioteconomia, levar cultura e lazer. Ter um espaço para que as pessoas venham cantar, falar sua história, espaço aberto e público para atividades que congreguem a comunidade. O espaço social da biblioteca comunitária tem pouco espaço em Florianópolis, faltam políticas públicas que incentivem por parte do Estado; a biblioteca faz parte da construção da cidadania. A existência de outras bibliotecas comunitárias, apoiadas, reconhecidas, torna-se um espaço social para toda a comunidade, essa é a possibilidade das pessoas terem acesso ao livro, mesmo com as muitas dificuldades para manter. É um espaço muito conhecido para doações de livros, mas pouco frequentado, poderia ser mais utilizado. A biblioteca comunitária é um espaço de convívio social que tem normas, regras, respeito; estas coisas se aprendem e se ensinam. É um processo em construção que está crescendo, se expandindo, formando uma rede de bibliotecas comunitárias, pois existe um público real. Ela fica mais próxima do público, os leitores se sentem confortáveis; atendem as necessidades dos mesmos, os horários de funcionamento facilitam. A biblioteca tem que existir para ser valorizada, para realmente ser um espaço de cultura e de formação. Na biblioteca comunitária, o papel como um agente social é ser desde o idealizador, o inventor, o agente trabalhador profissional ou voluntário, que contribui com seu papel de cidadão engajado na inclusão cultural e social, de gestor de processos, de

orientador, mediador, de atendimento ao público, de contador de histórias, aconselhador, ou seja, ser o intermediador entre o livro e o leitor. Papel de organizar, de liderar, pensar como melhorar a relação com o público, facilitar o uso para as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos na biblioteca. Perceber as necessidades do leitor, na busca da melhor forma de atender; estabelecer o desenvolvimento de articulação entre as bibliotecas no papel de agente cultural, possibilitando um espaço de encontro, de troca, de socialização das pessoas, caracterizando a representação da biblioteca junto à sociedade na função de coordenação.

6.2 As representações contidas no discurso do sujeito coletivo: interpretações de seus significados

As representações foram reunidas, a partir dos discursos manifestados pelos entrevistados, no âmbito de sua atuação, e organizadas a partir da metodologia proposta por Lefèvre e Lefèvre (2003), portanto são as representações sociais do grupo de agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias pesquisadas, organizados e apresentados na primeira pessoa, configurando o discurso de um sujeito coletivo¹⁸. Destaca-se um aspecto relevante que Moscovici (2004) apresenta sobre a Representação Social (RS) como uma expressão do pensamento elaborado como pensamento de senso comum. Como os agentes têm funções e origens diferentes, o que lhes dá identidade discursiva é pensar a partir do senso comum ou geral (SOUZA, 2008). As representações fornecem marcas de cada indivíduo, sendo assim

¹⁸Neste item, os trechos destacados em itálico referem-se à fala dos entrevistados, ou seja, no DSC geral sobre as bibliotecas comunitárias, com adaptações.

trazem características próprias de ideologia, autonomia, valores, capazes de construir e reconstruir comportamentos e pensamentos que são expressos pelo indivíduo no grupo. Na sequência de apresentação deste DSC, inicia-se a análise das representações identificadas nos discursos.

a) Biblioteca para os filhos e vizinhos

Os agentes pesquisados expressam a idéia de público primeiramente como filhos e vizinhos. A comunidade em geral, basicamente as crianças, mas depois isso se amplia para os adolescentes, jovens, adultos, idosos, incluindo os alunos das escolas públicas da região, o pessoal que vive em torno das bibliotecas, um público bem diversificado. Tal consideração nos remete ao diagnóstico de que as bibliotecas comunitárias não têm um público específico, elas atendem a população onde estão inseridas, seja uma comunidade de pescadores ou um grupo escolar.

A biblioteca comunitária participa dos processos sociais, formando uma “rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de indicar as compulsões que as conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares” (ELIAS, 1993, p.38). Esse público que frequenta a biblioteca, faz parte automaticamente da “rede” de indivíduos, o que as liga a um grupo, que por sua vez tem relação entre as pessoas para a formação da sociedade.

b) Bibliotecas para todas as idades

O público que atualmente frequenta as bibliotecas comunitárias é formado por um número alto de *crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas de todas as idades. Entre esses grupos tem-se o*

público escolar da região, pais e mães que trazem seus filhos, avós e netos. Adultos que vêm de outros municípios, professores universitários, pessoas com menos instrução, de todas as camadas sociais, ou seja, um público heterogêneo, conjunto que forma o tecido social da comunidade, sendo possível caracterizar a ausência de bibliotecas oficiais sejam elas escolares, públicas que estejam qualificadas no atendimento da demanda no contexto de Florianópolis e de outras cidades brasileiras. Berger e Luckmann (1985) afirmam que a socialização do indivíduo ocorre em dois níveis: o primário e o secundário, sendo este último aquele no qual agem as instituições, como escola e igreja. A biblioteca estaria incluída na socialização secundária da pessoa, com a função educativa primeiramente; num segundo momento histórico, aprimorar, estimular, coordenar a leitura, passando a função cultural, recreativa e informacional. Estas finalidades permeiam os textos referentes à biblioteca pública e escolar. Através deste processo de socialização descrito pelos autores citados acima, a interação dos indivíduos com os grupos sociais e organizações (bibliotecas) oriundos da sociedade, a que pertencem, constitui sua formação de conceitos e idéias sendo incorporada nas atitudes, comportamento e ideologia.

c) Bibliotecas para acesso aos livros, incentivo a leitura e satisfação da curiosidade

Possibilita em um primeiro momento *o acesso ao livro, à revista, ao jornal, ao material escrito*, e principalmente à leitura de obras literárias. Permite que os indivíduos tenham *acesso aos livros, que eles não teriam sem a biblioteca, que eles possam ler e fazer uso desse bem cultural (livro) tão caro*, o que contribui para facilitar o acesso à

cultura escrita. Oferecer atividades de *incentivo à leitura como a contação de história provocando a curiosidade, as inquietações*; possibilitar *as oficinas de leitura* como um estímulo ao ato de ler e o *cuidado com o livro*. A realização de atividades (filmes, palestras, conversas) para seduzir o leitor ou para despertá-lo para a leitura, com oferecimento de serviços, eventos que tentem envolver ou sensibilizar os leitores.

O serviço de atendimento direto nas bibliotecas comunitárias tem duas funções essenciais: a de acolhimento do indivíduo e também a função de indicar/sugerir títulos para leitura, no sentido de encaminhar o leitor para as fontes adequadas e capazes de satisfazerem uma determinada necessidade informacional (ALMEIDA JÚNIOR, 1997).

As pessoas vêm à biblioteca porque ler é prazeroso. E a biblioteca também funciona como um *centro cultural com oficinas diversificadas*. A respeito do conceito de biblioteca como Centro Cultural, deixando de ser considerada apenas como memória do passado e arquivo permanente, passam a ser organizações educativas, informativas, de lazer e, como tais, favorecem a formação intelectual e o desenvolvimento pessoal e profissional, pois os indivíduos *melhoram a leitura, tornam-se independentes*. Para Milanesi (1997, p. 108): “O usuário com interesse num determinado tema pode obter informações utilizando diferentes meios.”

A biblioteca pode-se constituir em um espaço privilegiado para o conhecimento, associar o exercício da leitura, do debate, da pesquisa, da troca de informações no desenvolvimento da comunidade. Um espaço para a busca e produção de novos conteúdos informacionais para aperfeiçoar o já existente, visando ao bem estar dos indivíduos

conciliando o armazenamento, a seleção, a organização e a disseminação da leitura com os instrumentos tecnológicos, no sentido de aprimorar e oferecer novos insumos para aos leitores.

d) Biblioteca comunitária como reforço de qualificação para o trabalho

Indivíduos, que buscam aperfeiçoamento através de forma autônoma nos diversos materiais disponíveis nas bibliotecas, para estudo de concursos públicos e vestibulares, almejam, assim, uma melhor qualificação na busca de trabalho. Há exemplos que podem ser caracterizados como a leitura de jornal, gratuitamente na biblioteca em busca de emprego. A biblioteca para Battles (2003, p. 11-12) “não é um mero repositório de curiosidades. É um mundo a um só tempo completo e incompletável, cheio de segredos. Ela está submetida a um regime de mudanças e ciclos que contrastam com a permanência insinuada por suas longas fileiras ordenadas de livros.”

Cada indivíduo leva seu desejo à biblioteca e junto aos livros, revistas, jornais, estes são traduzidos em realidade. De acordo com um dos agentes entrevistados a biblioteca “*é fundamental, pois comprar um livro custa R\$ 30.00, 40.00 ou até 50.00 reais, então a (biblioteca) permite que as pessoas tenham acesso a muito mais livros, que elas não teriam sem a biblioteca. Torna-se essencial para esse desenvolvimento o ato do prazer da leitura, mesmo para possibilitar o acesso à leitura.*”

e) Biblioteca comunitária como reforço na formação do leitor

Em relação aos serviços oferecidos, é desencadeado nas bibliotecas o reforço na *formação de um público leitor, onde as pessoas têm acesso ao livro, à literatura e contam com programas de incentivo à*

leitura (passeio de barco, contação de história, leitura de crônicas, saraus, encontro com autor). As atividades de promoção da leitura envolvem projetos cujo objetivo é desenvolver e cultivar as habilidades da leitura em crianças e jovens. Como aponta Manguel (1997, p. 20), “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.” As possibilidades de interação pelo indivíduo no processo da leitura, necessariamente, perpassam sua bagagem de conhecimento para que o texto tenha sentido e novas informações possam ser produzidas.

f) Biblioteca como lugar de todos

A biblioteca na sociedade contemporânea está mudando seu perfil, de forma lenta, mas está saindo de suas paredes, considerando aqui também o contexto da Internet que possibilitou com os instrumentos tecnológicos essa transposição e também participando das discussões do seu entorno, das questões pertinentes à comunidade onde está inserida, de maneira presente a contribuir no cotidiano dos indivíduos.

Um espaço privilegiado para a preservação da memória local, social e difusão de valores históricos culturais que possam estar a serviço da comunidade, cumprindo seu papel de espaço comunitário a serviço de todos os cidadãos. A oportunidade de acesso às informações permite ao indivíduo entrar em contato com o mundo da escrita, ressaltando a possibilidade de novos caminhos para o crescimento intelectual, discernimento crítico e o exercício da cidadania.

g) Biblioteca como lugar de encontros

A biblioteca comunitária *tem que existir estar disponível dentro daquilo que a sociedade quer para ser reconhecida. A biblioteca precisa ir ao encontro do leitor.* Segundo Milanesi (1997, p. 211), a “dinamização das bibliotecas e a construção de novas incorporando as exigências do tempo só poderão apontar para espaços polivalentes que respondam com mais eficiência à necessidade de instituir ações alternativas de acesso ao conhecimento e à criação de novos.”

A realização de outras atividades, além das tradicionais de uma biblioteca como *oferecer não só livros, aulas de idiomas*, por exemplo, que *as pessoas vejam que a biblioteca não é estática, é esse envolvimento com a comunidade, estar articulada com as coisas que estão acontecendo no entorno e não só coisas ligadas à leitura especificamente.* Nas palavras de Jovchelovitch (2008, p. 70), a biblioteca como um ambiente que existe em “função da pluralidade humana, como um espaço que se sustenta em função da diversidade humana, como o espaço que introduz a noção de transparência e [...] um espaço que encontra sua forma de expressão no diálogo e na ação comunicativa.” A articulação com a comunidade, como processos de constituição simbólica, nos quais os leitores sentem-se incluídos, permeados pela comunicação através dos livros.

Com acesso livre, gratuito, acervo de qualidade, atividade de formação com o leitor. Desenvolver ações amplas ao acesso à leitura, à cultura, ao lazer com *livros atualizados.* Ampliar as atividades, indo além de sua rotina milenar de biblioteca, sendo que as mudanças estão ocorrendo devagar e localizada (MILANESI, 1997). Norbert Elias

(1994), em sua análise sobre o que chamou de processo civilizador, afirma que tal processo está permanentemente sendo reproduzido, renovado e recriado durante os séculos que nos antecederam, e continuará após o nosso tempo, dependendo de como se organizam os grupos socialmente e politicamente em sociedade. *Ser um espaço para que as pessoas venham cantar, falar sua história, espaço aberto e público para atividades que congreguem a comunidade e as transformações aconteçam.*

A participação de um profissional da área de biblioteconomia.

No que se refere ao profissional, neste caso, à profissão bibliotecária, compartilha-se da idéia de Targino (1997, p. 30) quando assinala a necessidade deste “desprender-se de suas tendências tecnicistas, sem negar a qualidade dos sistemas de informação resultante do emprego das novas tecnologias de informação e de comunicação, revelar a função social das bibliotecas.” Nesse sentido, destacamos o árduo trabalho que vem sendo desempenhando em algumas cidades brasileiras para implantar e consolidar a prática, o acesso e o uso das bibliotecas comunitárias.

A profissão bibliotecária na biblioteca comunitária potencialmente possibilita a integração dos demais profissionais que atuam na mesma junto à comunidade, o trabalho realizado focalizando o indivíduo e não o acervo. Os profissionais tornam-se responsáveis e são os pilares junto ao ensino, à leitura, ao entretenimento, à informação e à cultura.

h) Biblioteca comunitária como supridora da ausência do estado e colaboradora da construção da cidadania

A biblioteca comunitária hoje, no Brasil, está suprimindo a ausência das bibliotecas públicas na sociedade. Nas poucas bibliotecas públicas existentes, falta orçamento para o funcionamento adequado, como aponta Suaiden (2000) com o descaso de recursos para a manutenção e compra de acervo, falta funcionário qualificado, infraestrutura precária, devido à ineficácia e à burocracia do estado.

É possível visualizar a biblioteca comunitária como denúncia do pouco interesse estatal pela cidadania. Pois ela está desempenhando de forma criativa e diversificada gama de atividades e ações permanentes e esporádicas na comunidade, desenvolve a função de disponibilizar livros para consulta local e empréstimo, assim como o oferecimento de oficinas diversas. *A biblioteca serve como meio de comunicação através dos livros na construção da cidadania. Oferece acesso livre e gratuito, tem livros atualizados.* Também não se pode ignorar que essas bibliotecas onde se aplicou o estudo, surgem dentro de uma política que transfere ao indivíduo a responsabilidade social do incentivo e desenvolvimento pleno do cidadão.

i) Lugar de acesso flexível e aberto

O espaço social da biblioteca comunitária é formada na construção lenta e prolongada do próprio homem; na afirmação de Elias (1993, p. 09), “se não articulamos cada elemento da cultura humana, se não engatamos o que à primeira vista aparece descontínuo e mesmo, com frequência, estranho, absurdo, jamais entenderemos o que os homens produzem e como eles vivem.” Hoje trabalhamos a partir das aparências que as coisas possuem e também sobre a forma como estas são manifestadas na *falta de políticas públicas que incentivem por parte*

do estado a biblioteca, considerando que a mesma faz parte da construção da cidadania.

Na clássica concepção do sociólogo inglês Thomas Humphrey Marshall, que generalizou a noção de cidadania em “Cidadania, classe social e status”, se apresenta três elementos: civis, políticos e sociais. O elemento civil é composto dos direitos necessários à liberdade individual, o elemento político autoriza o direito de participar no exercício do poder político e o elemento social refere-se a todos os direitos de uma vida digna de participar da sociedade. A cidadania permite a abertura de espaços de participação, relação e representação social. A conquista da cidadania passa pelo acesso à informação e à leitura.

A existência de outras bibliotecas comunitárias, apoiadas, reconhecidas, torna-se um espaço social para toda a comunidade, essa é a possibilidade das pessoas terem acesso ao livro, mesmo com as muitas dificuldades para manter. Para Berger e Luckmann (2005, p. 120), a socialização se define: “antes de tudo, pela imersão dos indivíduos no que ele denomina “mundo vivido”, que é ao mesmo tempo um “universo simbólico e cultural” e um “saber sobre esse mundo.” O indivíduo, a partir do aprendizado primário da linguagem, passa a constituir a socialização subjetiva com o mundo, ou seja, a consolidação dos papéis sociais, definidas pelos autores citados acima de “tipificações de condutas socialmente objetivadas”, permitindo a elaboração das relações com o contexto. Sendo a biblioteca comunitária um *espaço muito conhecido para doações de livros*, paradoxalmente *poderia ser mais utilizada.* A biblioteca comunitária é um espaço de

convívio social que tem normas, regras, comportamentos e formas que se aprendem e se ensinam.

As bibliotecas comunitárias estão em *processo de construção e crescimento, expandindo-se*, para que futuramente formem uma *rede de bibliotecas comunitárias, pois, existe um público real. Elas ficam mais próximas desse público, os leitores se sentem confortáveis, os horários de funcionamento facilitam*, são horários flexíveis, incluindo finais de semana, feriados. *A biblioteca tem que existir para ser valorizada, para realmente ser um espaço de cultura e de formação. O estímulo à leitura para a criatividade, desenvolver a compreensão e interferir no aprimoramento do ser humano, possibilita a tomada de decisão crítica, auxiliando o indivíduo nas adversidades, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de trilhar seus próprios caminhos com acesso à leitura com qualidade. Segundo Milanese (2002, p. 35):*

Não basta, pois, ser alfabetizado e ter vontade de ler. É preciso que existam livros, revistas e jornais para que sejam lidos. Há, enfim, um caminho longo entre o homem e as circunstâncias onde vive. Se o meio for generoso e oferecer oportunidades, o indivíduo poderá, com a educação formal, com as leituras e demais fontes de informação ter mais autonomia para pensar e agir.

O acesso a uma biblioteca que desenvolve oficinas, palestras, mini-cursos para seus frequentadores é um espaço aberto, dinâmico, agradável que proporciona, além de entretenimento, um espaço de interação sócio-cultural na comunidade. Manguel (2006, p. 241), afirma que a identidade de uma biblioteca está na sua “variedade e complexidade, [que possa] reflita integralmente o leitor que somos.” Desta forma, a identidade de uma sociedade pode “ser espelhada por

uma biblioteca, por uma reunião de títulos que, em termos práticos ou simbólicos, faça às vezes de definição coletiva.”

j) O voluntário da biblioteca comunitária como promotor de inclusão social e cultural

O papel como um agente social, na biblioteca comunitária, é ser desde o *idealizador, o inventor, o agente trabalhador profissional ou voluntário, que contribui com seu papel de cidadão engajado na inclusão cultural e social*. Ser o *gestor de processos*, de orientar a leitura, mediar as informações, de atender ao público, de contar histórias, aconselhar, ou seja, ser o intermediador entre o livro e o leitor. *Papel de organizar, de liderar, pensar como melhorar a relação com os leitores ou futuros leitores, facilitar o uso da biblioteca e seus materiais para as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos na biblioteca*. Segundo Jodelet (2001, p. 21), as representações sociais formam um:

[...] sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encadernadas por imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações [...]. Finalmente, por meio dessas várias significações, as representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado.

São sistemas de interpretação que regem as relações, além de orientarem nossa conduta. É uma maneira de saber prático que une o papel de agente social com a biblioteca comunitária e, por outro lado, uma construção e expressão do agente que liga sua participação ao social e cultural. Neste sentido, as influências ou até mesmo as manipulações das relações sociais modificam as formas de perceber o

mundo e agir sobre ele. Perceber as *necessidades do leitor, na busca da melhor forma de atender, estabelecendo o desenvolvimento de articulação entre as bibliotecas no papel de agente cultural possibilitando um espaço de encontro, de troca, de socialização das pessoas*, das informações, dos livros, *caracterizando a representação política da biblioteca junto à sociedade na função de coordenação*. Assim, percebe-se que existem meios que contribuem na significação das alianças com idéias e valores, na disseminação da informação, da leitura, do conhecimento, para promover a transformação da sociedade e de suas representações, de acordo com princípios pré-estabelecidos e também a partir da atuação e vivência na comunidade.

A relevância dos agentes na biblioteca comunitária pode ser caracterizada pelo trabalho desenvolvido em conjunto entre eles e com a sociedade, no âmbito de promover maior acesso à informação e à leitura, estimulando o senso crítico que cada indivíduo pode exercer. Nesta tendência de compartilhar as informações, os acervos, na medida em que se pretende disponibilizar os recursos informacionais para a globalização e a inclusão social no que tange os aspectos educacionais e culturais, os agentes atuantes podem posicionar-se como agentes sociais de incentivo à formação de indivíduos.

No próximo capítulo, expõe-se como considerações finais para este trabalho de pesquisa, a percepção da pesquisadora, com base na noção de construção social e de processualismo, para afirmar a compreensão que foi possível construir no diálogo com os agentes atuantes nessas bibliotecas e tendo em vista o contexto em que estão situados: agentes, comunidades atendidas e bibliotecas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de desenvolvimento e construção desta pesquisa, questionou-se a relevância da atuação das bibliotecas comunitárias em um município como Florianópolis, considerado com um bom poder aquisitivo no aspecto econômico, social, cultural. E ainda se fez outro questionamento: há lugar para bibliotecas comunitárias em Florianópolis?

Diante destes questionamentos, primeiro é preciso esclarecer que a preocupação da pesquisa foi conhecer as manifestações discursivas de pessoas que se afirmam atuantes em bibliotecas comunitárias. Portanto, o que esses agentes pensam sobre o que é biblioteca comunitária e sobre sua atuação. Conhecer a relação entre o que os indivíduos manifestam discursivamente e considerar a realidade propriamente dita de Florianópolis.

Foi possível constatar que nas quatro organizações onde se encontram as pessoas estudadas, existem características próprias, e, também, elas diferem de outras bibliotecas comunitárias, organizadas em outras regiões do país, em função de não estarem localizadas em bairros periféricos e terem o envolvimento de grupos ou pessoas de bom nível de escolaridade inclusive.

As bibliotecas comunitárias onde se acham as pessoas estudadas estão situadas em bairros onde a maioria da população é constituída por profissionais liberais, pessoas ligadas a instituições acadêmicas, empresários. O que impulsiona esses agentes a organizarem e manterem uma biblioteca comunitária, e buscarem a participação da comunidade?

O que justifica alguns agentes do município de Florianópolis a criar, organizar, disponibilizar livros, revistas, aulas, palestras, filmes, contação de histórias, saraus para atrair a comunidade local e seu entorno? Qual a representação que esses agentes têm da leitura, informação, comunicação e cultura escrita?

Se envolver na montagem de uma biblioteca comunitária significa, no município de Florianópolis, na maioria dos casos, já ter contato com a cultura escrita, por se tratar de agentes com boa escolaridade. Pensar nessa biblioteca comunitária como espaço para encontros entre seus amigos, parentes, companheiros de trabalho, para a realização de leituras e discussão de textos clássicos e ou contemporâneos, com o objetivo de ampliar o conhecimento, discutirem esses temas com os amigos, faz parte de suas idéias.

Dessa forma, se estabelece um ambiente que socializa o acesso aos bens culturais e informacionais, assim como congrega o entretenimento de caráter solidário. Adicionalmente fortalece a base educacional, através de portais de conhecimento, baseado na leitura para todas as idades, com a literatura e também assuntos ligado a arte, cultura e a informação utilitária (saúde, emprego, legislação, educação, lazer, moradia).

Outro fato que liga os agentes às bibliotecas comunitárias é a propensão fundamental da natureza dessas, que proporciona uma impressão adequada de relevância nas relações entre as pessoas para a composição do indivíduo, em constituir promoção individual e social, como meio de melhorar a qualidade de vida, através do desenvolvimento com a leitura.

Esses agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias querem pensar politicamente, no bem comum, pela denuncia da falta de efetivação das bibliotecas oficiais junto à população, pois mesmo com poucos recursos, realizam o estímulo e a articulação no sentido de criar mecanismos que garantam as portas da biblioteca abertas ao público, oferecendo a oportunidade da comunicação com os materiais disponíveis, sejam estes, livros, revistas ou eventos.

De outro lado há uma vontade pessoal de ser útil vindo da experiência vivenciada por estes agentes atuantes que trabalhavam ou ainda trabalham no campo educacional, em relação ao estabelecer uma ruptura com a exclusão social, preservando os direitos de: acesso, uso, pesquisa, leitura, informação, comunicação, encontro, auto-formação. Direitos esses de igualdade para todos os cidadãos, através do “pensar diferente”, pensar no outro.

Acreditam que por meio da leitura será possível transformar a postura de outro cidadão; sem esse conteúdo, nunca haverá formação, nem compreensão do mundo dos livros e da realidade em volta, que permita dizer: conheço minha cidade, isto é, sou cidadão! Para isso, é necessária a leitura, não somente dos livros ou de qualquer tipo de redação (qualquer ato de escrever), mas de todo o contexto de vida, com o qual se vive e nas relações decorrentes deste processo de interação.

O papel exercido por estes agentes nas bibliotecas que eles veem como comunitárias pode ser caracterizado de “agente para a transformação”, contribuindo para que todos os cidadãos tenham oportunidades iguais de acesso a informação, leitura e o pleno exercício da cidadania.

Esses agentes atuantes em bibliotecas comunitárias de Florianópolis estão construindo sua história social e ao mesmo tempo alterando a história da comunidade local, em função de promover um ambiente de cultivo à cultura escrita.

Considerando os objetivos específicos deste estudo, pode-se avaliar que as representações dos agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias se voltam mais para uma preocupação com o gosto pela leitura e seu acesso em todas as camadas sociais.

As limitações estruturais, financeiras e de pessoal que há nestas bibliotecas são superadas, pois os agentes que atuam justificam-nas em função do público presente e da ausência de bibliotecas públicas. É preciso ressaltar que as bibliotecas comunitárias onde os agentes foram estudados, são organizadas por pessoas e grupos da própria comunidade, onde estão inseridas, mantidas com escassos recursos subsidiados e o esforço da própria comunidade, para a manutenção e o atendimento ao público, bem como as atividades desenvolvidas em cada unidade.

É necessário salientar que há adaptações no local, onde será montado o espaço para leitura, informação, socialização entre os indivíduos, mas o núcleo da idéia segue um planejamento estabelecido levando em conta aquela determinada comunidade em especial. Trata-se de um espaço de liberdade para discussões, encontros, superando a mera ordem dos códigos e normas, considerando a biblioteca como núcleo de encontro, de informação, de leitura e de cultura.

É possível estabelecer criticamente a expressão dos agentes atuantes no potencial da biblioteca comunitária, quando possibilita um diálogo com a comunidade, participando dos acontecimentos, compartilhando da linguagem natural dos usuários para a perspectiva de

compreensão da intersubjetividade. As atividades culturais promovidas nas bibliotecas comunitárias fazem parte da sua missão auto-atribuída expressando significado e sentido para sua existência, suprindo a necessidade informacional do usuário-cidadão-vizinho.

As bibliotecas comunitárias são constituídas por seus agentes como organizações de promoção de leitura, e, ao promover contação de histórias, encenações, músicas, permitem o contato com a magia e a profundidade dos textos, na busca de despertar em cada indivíduo o gosto e o prazer da leitura. Ao proporcionar palestras e debates a partir de temas da comunidade, desencadeiam um processo reflexivo para uma ação qualificada e articulada com o comprometimento social. A participação em eventos e atividades temáticas junto à comunidade, nas iniciativas do processo reformulador com a biblioteca. Salienta-se que se a biblioteca fosse somente acervo não seria suficiente para promover mudanças; essa forma contribui para a reflexão crítica, dinamizada pelos agentes

Estas bibliotecas possuem potencial estimulador, pois congregam grupos com interesses comuns que visam à melhoria da estrutura da comunidade local, primeiramente no âmbito da leitura, mas para o futuro elas poderão representar um espaço de reuniões e reflexões para a discussão de problemas da comunidade. É possível pensar também que, caso esse espaço da biblioteca não tivesse se constituído no bairro, muitos indivíduos não entrariam em uma biblioteca.

É possível afirmar que para seus agentes as bibliotecas comunitárias são bibliotecas ativas, e possuem um riquíssimo acervo, principalmente de literatura; desenvolvem oficinas, palestras e minicursos para seus frequentadores. Um espaço aberto, dinâmico, agradável

que proporciona, além de entretenimento, um espaço de interação sócio-cultural para a comunidade e seu entorno.

Para finalizar, a mobilização de pessoas, de agentes em torno das bibliotecas comunitárias, cada vez mais, promove a organização e manutenção dessas pela sociedade civil. Então, cabem questionamentos: quando o governo incentiva a organização de bibliotecas comunitárias, não está promovendo uma transferência de responsabilidade social? E ainda, as bibliotecas comunitárias, futuramente, não irão complementar cada vez mais as bibliotecas escolares nos bairros?

REFERÊNCIAS

- ACADAMIA CATARINENSE DE LETRAS. Florianópolis, 2009.
Disponível em: <<http://www.aclsc.ufsc.br>>. Acesso em 30 nov. 2009.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL: 1997.
- ALVES, Pedro Assumpção; BAENINGER, Rosana Aparecida. Região Metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16., 2008, Caxambú - MG: ABEP. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso em 13 nov. 2009.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. **A palavra e o silêncio: biblioteca pública e Estado autoritário no Brasil**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2002.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil municipal**. 2000. Florianópolis.
- ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, nov. p. 127-147, 2002.
Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 19 jul. 2009.
- BARROS, Flávia Roberta dos Santos de. Bibliotecário e o compromisso social: quais as possibilidades para a realização desse encontro? In: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O profissional da informação em tempos de mudança**. São Paulo: Alínea, 2005. cap. 4. p.69-82.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- BARROS, Paulo. **A biblioteca pública e sua contribuição social para a educação do cidadão**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do Conhecimento. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. Socialização secundária e transformação social. In: DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: M. Fontes, 2005. p. 120-131.

BORGES, Elaine; SCHAEFER, Bebel Orofino. **Vozes da Lagoa**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes: Fundação Banco do Brasil, 1995.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.

BRASIL. **Leis**. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Justiça, 1998.

BRASIL. Ministério da Cultura. Portaria n. 520, de 11 de setembro de 2002.

Criação do Cadastro Nacional de Bibliotecas.

BRASIL. **Ministério da Cultura**. 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/11/10/i-concurso-pontos-de-leitura-2/>>. Acesso em: 21 nov. 2008.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 9.394/1996**. Brasília, 1996.

CALDAS, Elaine Formentini; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Biblioteca pública no Brasil: políticas de incentivo à leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>>. Acesso em: 20 out. 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.cmf.sc.gov.br/>>. Acesso em 13 nov. 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES. **Lei n. 7798/2008**. Florianópolis, 2010.

CAMPBELL JEREZ, James. El rol de las bibliotecas públicas comunitarias en el desarrollo socio-económico de Nicaragua. **Biblios**, n.28, p.1-23. abr. 2007. Disponível em: <<http://www.revistabiblios.com/ojs/index.php/biblios/article/view/2>>. Acesso em: 27 out. 2009.

CARVALHO, Lafaiete da Silva et al. A leitura na sociedade do conhecimento. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n. 1, p.19-27, jan./jul. 2006. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/archive.php>>. Acesso em 01 maio 2008.

CASCAES, Franklin. **Festas juninas**. Florianópolis: Museu de Antropologia da UFSC, 1978.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. 5. ed. rev. e acrescida de introdução, glossário Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

CECCA. **Uma cidade numa ilha**: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. 2. ed. Florianópolis: Insular, 1997.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. 4. ed São Paulo: M. Fontes, 1998.

DOBRA, Ana; RÍOS, Daniel. Las Bibliotecas populares argentinas. **Métodos de Información**, v.6, n. 32-33, p. 37-53, set. 1999. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/1648/1/1999-32-37.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2009.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUVEEN, Gerard. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 07-28.

EARP, Fabio Sá; KORNIS, George. **Cadeia produtiva do livro**. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDS, 2005. Disponível em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/ebook/ebook.pdf>. Acesso em 22 jul. 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1994. v. 1

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1993. v. 2

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994b.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE MUNICÍPIOS. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.fecam.org.br>>. Acesso em 13 nov. 2009.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Paradigmas modernos da ciência da informação**. São Paulo: Polis: Apb, 1999.

FÓRUM DO PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA, 2., 2008, São Paulo. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS 1., 2008, São Paulo. **Proceedings...** São Paulo: Biblioteca Viva, 2008. 1 CD-ROM.

FRAGOSO, Graça Maria; DUARTE, Rogério. Livro, leitura, biblioteca... Uma história sem fim. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 166 -170, 2004. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro, 2000.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.bn.br/snbp/>>. Acesso em 28 out. 2009.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/>>. Acesso em 06 nov. 2009.

FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES. **Florianópolis: uma síntese histórica**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes: Secretaria Municipal de Educação, 1993. (Cadernos de cultura e educação; 01)

FUNDAÇÃO VIDAL RAMOS. **Biblioteca Comunitária**. Florianópolis. 2008. (Textos não publicados).

HENRIQUE, Wendel. A recente metropolização em Santa Catarina: processo geográfico-territorial ou apenas um limite político-administrativo? **GeoTextos**, Bahia , v. 3, n. 1, p. 47-65, 2007. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/>>. Acesso em 13 nov. 2009.

HUBNER, Cleice Edinara; DAL SANTO, Mariane Alves; OLIVEIRA, Francisco Henrique de. Diagnostico da ocupação de encostas do Maciço Central do Morro da Cruz – Florianópolis - SC. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESASTRES NATURAIS, 1., 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: GEDN/UFSC, 2004. p. 379-391. (CD-ROM).

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

IBGE. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 02 out. 2009.

IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003**. 2.ed. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**. Uma análise das condições de vida da população brasileira, 2008. Estudos e Pesquisas Informação demográfica e socioeconômica, n. 23. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 21 jul. 2009.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da biblioteca pública**. [Brasília], 1994. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2008.

INSTITUTO COMUNITÁRIO GRANDE FLORIANÓPOLIS. **1º Guia das ONGs de Florianópolis**. Florianópolis, 2006.

INSTITUTO ECO FUTURO. **Uma proposta para o presente: bibliotecas comunitárias**. Disponível em: <<http://www.ecofuturo.org.br>>. Acesso em: 29 set. 2008.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.ihgsc.org.br>>. Acesso em 30 nov. 2009.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO [2008], **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br>>. Acesso em: 06 dez. 2008.

JESUS, Maria. Implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios do Estado da Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 7., 2007, Salvador . **Anais eletrônicos...** Salvador: CIFORM, 2007. Disponível em: <<http://www.cinform.ufba.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2008.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.). **Textos em representações sociais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.63-85. (Coleção Psicologia Social).

KOSACHEK, Luis. Las bibliotecas populares en Argentina : una forma concreta de voluntariado para la promoción educativa y cultural. **Revista TK**, n.18, p. 91-94, dez. 2006. Disponível em: <http://www.asnabi.com/TK_archivos/TK_18/19kosacher.pdf>. Acesso em: 27 out. 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAPERRIÈRE, Anne. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 410-436.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo, 2008.

MACHADO, Elisa Campos. Identidade cultural de Heliópolis: biblioteca comunitária. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.15, n.2, p. 113-125, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br>. Acesso em: 09 dez. 2008.

MACHADO, Elisa Campos. O papel do bibliotecário na construção de políticas públicas para a biblioteca pública. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECANOMIA, 4., 2006, Rio de Janeiro: 2006.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARANHÃO, Magno de Aguiar. **Novos dados reiteram a pobreza da formação escolar**. Edição 46, 2005. Disponível em: <http://www.gestauniversitaria.com.br/edicoes/43-46/209-novos-dados-reiteram-a-pobreza-da-formacao-escolar.html>. Acesso em 21 jul. 2009.

MARIÓ, Estanislao Gacitúa; WOOLCOCK, Michael (Org.). **Exclusão social e mobilidade no Brasil**. Brasília: IPEA, 2005.

MARSHALL, T. H. (Thomas Humphrey). **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3. ed. rev. ampl. São Caetano do Sul: Atelie, 1997.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINDLIN, José. Brasil precisa de mais bibliotecas. In: FÓRUM BRASIL EM QUESTÃO, 1., 2006. Brasília. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/brasilemquestao/educacao6.htm>>. Acesso em 04 dez. 2009.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de funções e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.13, n.1, p.7-54, mar. 1984.

NEVES, Rogério Xavier. A leitura e o estudante de biblioteconomia: um instrumento para sua formação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v.3, n.6, 1998. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br>> Acesso em: 01 maio 2009.

OLIVEIRA, Maria Conceição de. **Representações sociais do turismo na Praia do Campeche - Ilha de Santa Catarina**: por uma abordagem interdisciplinar. 379 f. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/index.html>>. Acesso em: 22 out. 2009.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social**: teoria, método e prática. Petrópolis: Vozes, 2001.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215- 253.

PRADO, Geraldo Moreira. Da história latente à história verdadeira: uma experiência piloto com a biblioteca comunitária. In: FORO SOCIAL DE INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y BIBLIOTECAS, 1., 2004, Buenos Aires. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.inforosocial.net/ponencias/eje04/30.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2009.

PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. Disponível

em: <<http://www.enancib2008.com.br/cd/biblioteca.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br>>. Acesso em 01 out. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Fundação Franklin Cascaes**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/portal/franklin/>>. Acesso em 04 dez. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Plano Diretor Participativo**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br>>. Acesso em 28 out. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Mídia e Conhecimento. **Projeto Político Pedagógico - Departamento de Mídia e Conhecimento**. Florianópolis. 2006. Acesso em: <www.pmf.sc.gov.br/educa/dmc/ppp.pdf>. Acesso em 13 nov. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Sistema municipal de bibliotecas**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/>>. Acesso em: 27 out. 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>>. Acesso em 13 nov. 2009.

SANTA CATARINA. **Lei n. 10436/1997**. Florianópolis, 1997.

SANTA CATARINA. **Lei n. 2858/1988**. Florianópolis, 1988.

SANTA CATARINA. **Secretaria de Estado do Planejamento**. Florianópolis, 2007. Disponível em: <www.spg.sc.gov.br>. Acesso em 07 nov. 2009.

SANTA CATARINA. **Secretaria Estadual de Educação**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br>>. Acesso em 01 dez. 2009.

SERVIÇO DE EDUCAÇÃO POPULAR. **Capitalismo e classe operária no Brasil**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: SEP, 1981.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

SILVA, Fernanda Cláudia Luckmann da; ALVES, Gisele; VIAPIANA, Noeli. Informatização da rede de bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.13, n.1, p.211-222, jan./jun., 2008. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br>>. Acesso em 13 nov. 2009.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Biblioteca e estudo de comunidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v.18, n.2, p.151-154, jul./dez. 1989.

SOCIEDADE AMANTES DA LEITURA. **Biblioteca Barca dos Livros**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.amantesdaleitura.org>>. Acesso em: 29 abr. 2009.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A teoria das representações sociais na pesquisa educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo. (Org.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Papirus, 2008. p. 205-220.

SUAIDEN, Emir. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v.29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global. 1995.

TARGINO, Maria das Graças. Biblioteconomia, informação e cidadania. **Revista de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v.20, n.2, p.149-160, jul./dez. 1991. Semestral.

TARGINO, Maria das Graças. Práxis bibliotecária. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.7, n.1, p.26-33, jan./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br>>. Acesso em: 08 out. 2009.

VIEIRA, Heloisa Maria. **Bibliotecas comunitárias em Belo Horizonte: atores em cena.** 2007. 211f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

APÊNDICES

Apêndice A - Carta de Apresentação (CA)

Ilmo (a) Sr. (a)

Nome do (a) coordenador (a)

Prezado (a) Sr. (a)

ROSANGELA MADELLA, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), vinculada ao programa através da matrícula 200804138, sob minha orientação de pesquisa, dirige-se a essa instituição com o intuito de realizar num primeiro momento, a coleta de dados utilizando questionário e, a seguir realizar a entrevista junto aos agentes que nela atuam sobre a temática proposta no seu projeto de pesquisa **“BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: SUA RELEVÂNCIA PARA O FUNCIONAMENTO DA SOCIEDADE”**.

Atenciosamente,

Local e data

Francisco das Chagas de Souza
Doutor em Educação (PGCIN/UFSC)
Orientador

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Rosangela Madella, aluna do Programa de Mestrado em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), matrícula 200804138, estou desenvolvendo a pesquisa **“Bibliotecas comunitárias: sua relevância para o funcionamento da sociedade”** com o objetivo de analisar as

representações sociais que os diversos agentes envolvidos na organização e gestão de bibliotecas comunitárias constroem sobre a relevância da participação desta no funcionamento da sociedade. Para participar da pesquisa foram selecionados os agentes que atuam nas bibliotecas comunitárias de Florianópolis e V. Sa. foi um dos agentes selecionados. Neste momento, em que ocorre a formalização deste aceite, informo que a sua participação nesta pesquisa será por meio de entrevista gravada e que os colaboradores não serão, nela identificados, por seus nomes. Após a defesa da dissertação resultante desta pesquisa estou disposta a apresentar o conjunto desses dados. Os fundamentos deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) estão estabelecidos e garantidos na Resolução 196, de 10 de outubro de 1996¹⁹, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentares de pesquisas envolvendo seres humanos, e normas complementares.

Pesquisadora

Orientador

Eu _____

_____,
Fui esclarecido (a) sobre a pesquisa **“BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: SUA RELEVÂNCIA PARA O FUNCIONAMENTO DA SOCIEDADE”**, e concordo que o conteúdo de minha entrevista seja utilizado para a realização deste estudo.

¹⁹ Texto integral disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>>. Acesso em: 18 jul. 2009.

Local e data.

Assinatura e RG.

Apêndice C - Questionário**A. Dados de identificação**

Sexo: () Feminino () Masculino () Idade: _____

B. Perfil – Escolaridade

() Ensino fundamental

() Ensino Médio

() Graduação () Biblioteconomia

() Outro curso de graduação.

Qual? _____

() Especialização

() Mestrado

() Doutorado.

C. Profissão: _____**D. Possui algum conhecimento técnico de Biblioteconomia?**

() Sim

() Não

E. Possui experiência anterior com trabalho social?

Qual? _____

F. Há quanto tempo trabalha na biblioteca comunitária?

() Há menos de um ano

() De 1 a 3 anos

() Há mais de 3 anos

G. Quantas vezes por semana trabalha na biblioteca comunitária?

() Uma vez por semana.

() Duas vezes por semana.

() Três vezes por semana ou mais.

H. Qual sua carga horária semanal na biblioteca?

I. Atividade (s) que exercem na biblioteca comunitária:

- Atendimento ao público
- Serviços técnicos
- Contação de histórias
- Serviços administrativos
- Coordenação da biblioteca
- Outra. Qual? _____.

Apêndice D - Roteiro semi-estruturado de entrevistas

A. Sobre Bibliotecas Comunitárias: sua relevância para o funcionamento da sociedade

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária em Florianópolis.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Apêndice E - Entrevistas

Neste item, são apresentadas as entrevistas realizadas com 14 agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias. As omissões são apresentadas entre colchetes e as palavras acrescentadas pela pesquisadora estão entre parênteses. A entrevista 1 e 2 tratam-se do pré-teste, com as entrevistas piloto foi modificado a formulação da questão 5.

Entrevista Piloto 01

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Bom, na verdade a idéia inicial era atender a comunidade da Costa da Lagoa, que digamos é um pessoal que não tem muito acesso a bibliotecas, que tem o problema, não que seja um problema, mas essa característica de não chegar carros, só tem o transporte marítimo, eu não sei dizer a porcentagem do público da Costa da Lagoa, que frequenta a Barca, mas o maior público é da Lagoa mesmo e dos bairros do entorno: Canto, Rio Tavares, Campeche. (Existe) uma abertura maior, ou tem essa idéia de atingir o maior público possível de outros bairros, na verdade qualquer pessoa pode se cadastra na biblioteca, até a Palhoça, ou seja, o limite seria a Palhoça (rsrs). Mas, quem frequenta mesmo são pessoas do entorno, [...] mesmo.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Então como já tinha falado, na verdade no surgimento, a princípio o público seria a Costa da Lagoa, mas o que vejo é isso o público da Lagoa e do seu entorno.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

A (biblioteca) tem uma contribuição bem grande, eu não conheço outra biblioteca na cidade que tem um acervo de tanta qualidade, especialmente em literatura infantil e infanto-juvenil, essa questão da qualidade é um ponto muito forte. Além disso, a (biblioteca) oferece

muitas atividades literárias, quintas literárias, leitura em grupo, os saraus de história, lançamento de livros, a maioria das coisas [...], a contação de história, elas são na maioria são gratuitas ou com preços acessíveis, razoáveis, então (a biblioteca) tem um papel bem importante, por faltarem outros espaços na cidade, alternativas que atendam esse público, de qualquer maneira a maioria das pessoas que frequentam a (biblioteca) já tem outras experiências, são pessoas que costumam ir a livrarias, que compram livros, que tem livros em casa, são pessoas que já estão nesse mundo. E a (biblioteca) preenche um espaço que não tem na cidade, mas atende poucas as pessoas que não tem esse contato com isso (livro) [...], até tem uma preocupação em envolver os alunos do EJA, das escolas públicas [...], mas esse não é o público que frequenta a (biblioteca). O público que vai ouvir histórias, já vive nesse mundo, da leitura, da literatura, são pessoas que tem essa formação, tem isso bem presente em sua vida, claro também é um espaço (dedicado a leitura) não to dizendo que não existam pessoas (que estão iniciando o gosto pela leitura), mas a maioria do público já tem esse contato por outros meios, quero dizer, as crianças que participam das oficinas de contação de história, estudam em escolas particulares, escolas que já tem um trabalho bem grande com a contação de história, com vivências e experiência, nenhuma ou quase nenhuma criança que vai para as oficinas de contação de histórias ou vai ouvir histórias [...] ou na biblioteca, já escutam história na escola, em casa.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Necessário, [...] que ela tem que estar bem inserida na comunidade, um bom horário de funcionamento, (a biblioteca) é excelente nesse sentido, estando aberta aos sábados e domingos, ela realmente possibilita. (A biblioteca) tem várias características, a localização, ser um lugar agradável, bonito, com pessoas qualificadas para atender o público, essa inserção na comunidade, qualidade de acervo, horário de funcionamento.

5 Fale sobre a biblioteca comunitária como um espaço social em Florianópolis.

Existe sim um espaço comunitário, mas, especialmente dentro da Lagoa da Conceição. É porque [...] nos outros bairros, tem muita gente que não conhece a (biblioteca), nesse sentido ela tem mais relevância dentro da comunidade da Lagoa.

Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Bom, eu vou falar da contação de história de maneira geral. [...] a contação de história está eu acredito que ela seja um espaço de encontro, de valorização da identidade, das origens. Quando falo encontro, falo de encontro consigo mesmo e com o outro, nesse sentido de olhar para o outro e perceber que o outro é diferente, poder valorizar isso, [...] contar história, (por exemplo), as crianças ouvindo histórias, vai trabalhar uma série de coisas: de aprender a escutar, melhorar a expressão verbal na medida em que elas escutam uma história que tem uma estrutura narrativa, tem início, meio e fim, tem uma sequência de ações, tem uma coerência, que tem uma coesão. [...] isso melhora a expressão verbal no sentido que elas percebam que quando ela vão contar uma história elas precisam criar argumentos, tem que ter coerência, tem que ter sentido. [...] ouvir histórias ajuda na produção textual, incentiva a leitura na medida em que as crianças enfim as pessoas que sabem que uma história foi retirada de um livro, um caminho natural, eles procurarem o livro ou outros livros, ter essa referência que o livro e a leitura poder ser uma experiência prazerosa. [...] a experiência da contação de história deve ser natural, não deve ser uma experiência didática, de obrigações, ela por si só é bastante rica para trabalhar. Eu vejo que o objetivo da contação de história não é um objetivo direto, [...] é um caminho natural, é excelente assim ter uma contação de história num espaço como a biblioteca, mesmo é um caminho natural, mas talvez se fosse pensar em leitura enquanto objeto físico de livro (nome da pessoa que fala) a leitura de um livro é mais eficaz, porque a contação de história você está trabalhando a oralidade, claro que é uma oralidade que partiu dos livros, porque os contadores de história hoje em sua maioria baseiam-se em textos escritos, não somente em orais, ou seja, um caminho natural, mas não com objetivo explícito, eu conto histórias com esse objetivo.

Entrevista Piloto 02

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Seriam em função de idade mais juvenil e adultos e de condição econômica seriam o pessoal de classe menos favorecida.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Hoje, além daqueles que eu falei, tem também o pessoal com poder aquisitivo maior, mas no total são moradores da região, que, aliás, é um dos objetivos da biblioteca é atender os moradores da região.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

[...] a habilidade de leitura eu não sei se existe alguma, eu acredito na habilidade de desenvolver o conhecimento, [...] o acervo cultural, então [...] esse objetivo se cumpre, a biblioteca faz isso, porque a maioria do público não tem poder aquisitivo tão bom, eles teriam dificuldades em ler bons livros e nós temos bons livros aqui, então um objetivo seria melhorar a cultura, gerar o conhecimento geral.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Olha a biblioteca em si faz o que pode, mas, eu acredito que a relevância mais seria se o público procurasse mais, porque a biblioteca está de portas abertas, ela tem seu orçamento limitado prá fazer propaganda, ou coisas assim, então acredito mais que o público está em falta com a biblioteca, talvez por falta do público querer aprender alguma coisa. O público não tendo interesse, você pode estar com as portas abertas que não adianta nada. Então a biblioteca está fazendo a parte dela e espera que o público tenha interesse.

5 Fale sobre a biblioteca comunitária como um espaço social em Florianópolis.

Eu não tenho conhecimento assim. Porque olha, biblioteca comunitária, eu conheço a do centro da cidade que é a Biblioteca Estadual, que fica na Rua Tenente Silveira, [...] que é uma biblioteca muito pobre, pela posição dela, então seria uma biblioteca que teria que ter um bom acervo, e é um acervo pobre, eu já frequentei essa biblioteca. Conheço também a de Capoeiras, a (Barreiros Filho) exatamente, ela [...] para a região é muito boa, na época em que eu frequentava tinha um bom acervo. Hoje não sei como está, faz anos que não vou mais lá, na época que eu frequentei, eu gostava muito, e essa daqui ta bem dimensionada, eu creio que o que falta mesmo, é o pessoal ver aqui.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Olha o meu papel aqui dentro é atender a comunidade, fazer o trabalho de cadastramento da biblioteca, organizar o acervo sob orientação, organizar as prateleiras.

Agente (A1)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Seriam as crianças, jovens, adultos, na verdade seria todo mundo. A gente quer atender a comunidade inteira.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Por enquanto são só as crianças, jovens, um pouco de adultos, alguns estudantes de universidades.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

O conhecimento. A gente leva de modo geral o conhecimento para as pessoas da comunidade porque tem gente que não sabe ler, são analfabetos, não sabem nem escrever o próprio nome. A gente quer levar o conhecimento, dar algumas aulas para eles.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

A gente serve como meio de comunicação através dos livros e também podemos estar passando os conhecimentos que as pessoas não conhecem, estamos aí para ensinar.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária em Florianópolis.

Eu não conheço muito bem. [...] como já existem várias bibliotecas comunitárias já apoiadas, são reconhecidas por muitas pessoas, de modo geral muitas pessoas nos procuram. Turistas (também vem) para ler e levar emprestado nossos livros no período em que estão aqui.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

O meu papel é indicar os livros, uma pessoa que está em dúvida em qual livro levar eu indico um livro para ela levar. Às vezes conto histórias clássicas, dos tempos antigos para as crianças da primeira série que não sabem ler, todas adoram.

Agente (A2)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Quando a gente pensou (a biblioteca, pensamos) em primeiro lugar na gente mesmo, ou seja, as pessoas que pensaram a Bíblica são moradores do Campeche, então a gente fez pensando em nos mesmos, em algo que nos desse prazer em fazer, não é uma coisa que a gente ta fazendo pros outros somente, mas para nós, para nossos filhos, vizinhos. A gente gosta de ler, começamos doando nossos próprios livros (rsrsrs). Se você começar a olhar (os livros) vai ver que tem vários livros que eram meus, dos meus filhos, isso é bem interessante, existe uma relação afetiva com os livros, em primeiro lugar era isso, e nós queríamos atingir as pessoas do bairro, mas de uma forma bem democrática, muito aberta, não pensamos assim, nós só queremos (atingir) as crianças, não, desde o início a gente pensou em algo que fosse bem aberto, que se possível, qualquer um que entrar aqui, encontre alguma coisa que lhe interesse.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

[...] o público [...] é bem heterogêneo, a gente tem crianças que frequentam, tem pessoas mais velhas e tem jovens, adultos, um público bem aberto. [...] o público de adolescentes é um pouco pequeno em relação aos outros, a não (ser) em atividades, oficinas que acaba chamando um público mais jovem. Os adolescentes é um público difícil de a gente atingir, as meninas ainda aparecem, elas lêem, mas os meninos “parece que não pega bem ler” (rsrsrs). Mas, não sei. Temos um público grande de crianças, de várias etapas, desde pequenininhos, um pouco maiores, mas quando chega (à) adolescência é mais difícil. E os adultos têm uma boa frequência e pessoas mais velhas à chamada “terceira idade” (rsrsrs).

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

[...] é fundamental porque hoje se você comprar um livro custa R\$ 30.00, 40.00 ou até 50.00 reais (rsrsrs), então a (biblioteca) permite que as pessoas tenham acesso a muito mais livros, que elas teriam sem a biblioteca. As crianças, a maioria delas ainda na escola tem algum tipo de biblioteca, teria acesso a algum tipo de livro, mas para os adultos especialmente isso implicaria em custo muito alto, então [...] a biblioteca é essencial para esse desenvolvimento, o ato do prazer da leitura, mesmo para possibilitar o acesso à leitura. Ter disponível uma biblioteca permite com que as pessoas leiam, ou seja, que sem essa

biblioteca, a pessoa teria que pegar um ônibus ir até o centro da cidade para frequentar a biblioteca pública. Quem é que faz isso? E mesmo no caso das crianças as bibliotecas nas escolas, existem muitas limitações de horários e nas escolas elas não tem a mesma liberdade que tem aqui, para mexer, escolher alguma coisa que lhe seja atraente, então essa seria a contribuição da biblioteca, além disso, temos feito algumas atividades especiais e principalmente, no ano que vem, porque foi aprovado nosso projeto do Ponto de Cultura [...] então a gente espera poder proporcionar mais alguns momentos de contação de histórias, oficinas que associem a leitura com um momento mais lúdico, que possam ajudar a criar esse a hábito de leitura principalmente voltado as crianças.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Para ela ter relevância, ela precisa estar dentro daquilo que a sociedade quer dentro daquilo que a sociedade espera, para ser reconhecida. Essa relevância seria o reconhecimento da biblioteca. [...] temos esse reconhecimento desde o início fomos muito bem recebidos. Não temo uma pessoa que entre pela primeira vez na biblioteca que não diga: “que coisa boa, olha só.” Eu acho isso, a biblioteca tem sido reconhecida, as pessoas acham bom, interessante, uma biblioteca de acesso livre, que não cobra nada. A biblioteca tem alguns princípios, quando criamos estabelecemos três princípios: o acesso livre, a valorização a cultura e o trabalho voluntário. Então não se permite nada que seja cobrado, todas as oficinas são oferecidas voluntariamente ou elas podem ser, por exemplo, alguém pode ganhar de alguma entidade e oferecer gratuitamente, mas não cobramos a presença de ninguém. É um princípio que estabelecemos não cobrar nenhuma atividade. A única coisa que fizemos paga foi para arrecadar fundos para a reforma da sala de oficinas da biblioteca, que não tínhamos dinheiro. Mas, foi realizando um jantar fora da biblioteca. Aqui é um espaço público.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

É um espaço social dum grupo, de uma comunidade que abrimos para todos, mas a gente faz reuniões com o grupo (que coordena e trabalha) e estabelece como vai ser feito o trabalho. A comunidade não tem tanta ingerência, sobre o espaço. Temos um regulamento. Em Florianópolis, sim é uma coisa que sentimos falta, agora acho que tem uma na Lagoa, uma no Campeche, deve ter outras, ouvi falar que Santo Antônio estão organizando uma (biblioteca), tem vários lugares onde está se

organizando espaço de cultura, onde estão disponíveis os livros, acho que isso fazia muita falta em Florianópolis, porque durante toda a minha infância, a gente não tinha. Tenha a biblioteca pública, no meu caso eu morava na Trindade, [...] tinha a biblioteca da universidade que usávamos, mas até certo ponto porque não podíamos tirar os livros, ou a biblioteca das escolas. É uma coisa que faz falta na cidade, essa é a possibilidade das pessoas terem esse acesso ao bem cultural que é o livro, um bem cultural tão importante para nossa cultura.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Eu vejo assim, por um lado, quando montamos a biblioteca pensamos nessa idéia de agente social, porque éramos um grupo de amigos que já tínhamos (participado) do movimento estudantil na universidade, várias experiências, então se reuníamos e ficávamos conversando e falando que isso estava errado, que aquilo tinha que mudar (na sociedade). Então um dia, pensamos vamos fazer alguma coisa, o que a gente pode fazer que não dependa dos outros, que dependa somente da gente, e então surgiu a idéia da biblioteca, que era uma coisa que podíamos fazer não que não dependemos de outras pessoas, além daquele grupinho, mas graças a Deus conseguimos ter a participação de várias pessoas, que permitem que a biblioteca fique aberta todos os dias, que ela funcione. Mas, foi uma coisa de testar essa possibilidade de agente social. Até que ponto pode fazer alguma coisa realmente, que a gente acredite, que podemos interferir nesta sociedade de alguma maneira, nem que seja de maneira simples, muito singela. E através da biblioteca veio essa perspectiva de agência, de agir socialmente nessa comunidade, onde a gente vive.

Agente (A3)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

O nosso principal foco são as crianças e os adolescentes que estão diariamente aqui com nós de segunda a sexta-feira. E [...] tem um público bem grande que faz supletivo, então eles acabam também utilizando a biblioteca como uma fonte de leitura, tem muitos que ficam interessados nos livros, não por causa dos vestibulares, mas estão criando o hábito, é gostoso de ver hoje, tanto as crianças como os adultos procurarem a biblioteca para levarem livros principalmente no final de semana, como trabalhamos com um público carente, eles não tem televisão, essas coisas em casa, uma realidade totalmente diferente da nossa, então limitávamos o numero de livros por pessoas, mas eles

querem levar cinco ou seis livrinhos infantis, os mais fininhos, querem levar para ler no final de semana, é tudo o que a gente queria, então acabamos liberando uma quantidade maior para eles levarem, os adultos principalmente quando eles ficam esperando, por causa dos horários de locomoção, como eles vem de ônibus, acabam aproveitando esse tempo para tarem lendo e depois aqui mesmo enquanto esperam o professor chegar. A biblioteca tem uma utilização bem grande, não é focado na pesquisa, mas pela questão da leitura.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Os públicos são os mesmos que frequentam: crianças, adolescentes e adultos em geral.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

Se pudéssemos ter oficinas de leitura, que hoje não tem, atividades de leitura como a hora do conto para as crianças, por mais que o professor faça aquele horinha em sala de aula, não é a mesma coisa quando isso é feito por um profissional especializado, mas a minha preocupação é porque é a única forma de eles ter esse acesso, senão eles vão ficar somente folhando as páginas, mas é diferente quando a pessoa tem aquele dom, domina as técnicas para fazer a contação de história, que estimule mais a criança. Hoje não existem oficinas, não existe releitura, hora do conto, técnicas de redação, falta profissionais capacitados para a função.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Principalmente livros mais atualizados, a nossa dificuldade. Agora tivemos uma verba para adquirirmos 200 exemplares de literatura, divididos para crianças, jovens e adultos. Agora os livros não param nas prateleiras. A linguagem literária atual é mais gostosa de ler do que os livros clássicos da minha época. Essa nova geração, ta mais adequada, desperta a curiosidade. Não estamos olhando muito o conteúdo, só o fato de eles estarem com um livro embaixo do braço, já vale, o livro da Poli que é uma princesa que mora em um castelo, as nossas crianças tem essas curiosidades de saber o que a Poli está fazendo. Temos várias coleções antigas da Ilha Perdida, ficam todos na prateleira, ninguém pega para ler, aqueles livros não chamam a atenção.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária em Florianópolis.

Ele é bem pouco explorado, ele é muito conhecido para doações, mas é pouco freqüentado pelas pessoas, poderia ser mais utilizado. Hoje atendemos praticamente 90% do público interno que está desenvolvendo alguma atividade nossa, sendo que podíamos estar atendendo mais outras pessoas. A falta de tempo hoje em dia, das pessoas, é um motivo da não frequência nas bibliotecas, porque nossa biblioteca é feita de doações, então as pessoas conhecem o espaço. Então também falta interesse das pessoas em frequentar a biblioteca. É meio contraditório termos mais de 8.000 exemplares que vem de doações e na hora de utilizar, não utiliza, quem utiliza são as pessoas que estão dentro dos projetos. Hoje com o convênio com a Universidade Federal, temos cursos de idiomas com o Pet Letras, tem inglês, espanhol, francês e italiano, quatro idiomas e a estante de literatura estrangeira é muito utilizada tanto por professores como pelos alunos, senão seria uma estante parada.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Hoje eu acabo trabalhando como uma articuladora nessa parte da biblioteca pela região, nesse sentido de doações, porque é complicado você explicar para uma pessoa que quer doar seu acervo, que nem todos os livros que a pessoa tem são interessantes para a nossa biblioteca. Acabamos aceitando tudo, mas nem sempre tudo é utilizado e da mesma forma oferecemos para outras bibliotecas, ou centros que estão iniciando bibliotecas para virem aqui escolher e levar o que estão precisando. Acabamos sendo articuladores nesse sentido. Antes do meu trabalho a (organização) não tinha essa visão, o acervo não tinha essa rotatividade de materiais, como a gente doa estamos abrindo espaço para novos. É um trabalho de rede, na figura de rede a partir do momento em que recebemos doações e também doamos, somos conhecidos na comunidade. Temos um acervo fixo na biblioteca de obras raras, denominadas abaixo de 1960 de literatura, queremos fazer um resgate histórico, com já temos 51 anos de fundação.

Agente (A4)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Em princípio todas as faixas etárias, mas nossa ênfase é nas crianças. O público são as crianças, as atividades que temos são para as crianças.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Nós temos uma frequência bastante grande e muito variada, tem pessoas com menos instrução, professores universitários, estudantes e muitas crianças. As crianças já se sentem bem à vontade, se sentem em casa, eles vêm, tem o cantinho deles, sabem que podem mexer nos livros, vem por iniciativa própria, ficam lendo, ou ficam brincando, também oferecemos papel e lápis de cor para eles desenharem e quando vão embora, levam livrinhos para lerem em casa. Então temos muitas crianças cadastradas, eles têm seu próprio cartão de usuário. Eles acham o máximo, eles criam mais responsabilidade para saber que precisam devolver o livro antes de pegar outro, nesse ponto é muito bom.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

É fundamental, o pessoal vem meio tímido leva um e gosta, começa a procura, temos uma menina, que começou a pegar livros, ela é novinha, tem uns 13 anos, começou pegando livros infanto-juvenis, agora ela já vai direto à estante de literatura mesmo, agora ela é uma exceção pela idade. Mas, é bem importante, a gente nota que eles estão cada vez se interessando mais, inclusive vem fazer perguntas para a gente. O que você acha deste, ou daquele livro? Posso levar? Será que é interessante? Faz dois anos que a biblioteca existe, aumentou bastante, estamos tendo aproximadamente um número de 500 empréstimos por mês. Temos mais de 1.000 pessoas cadastradas. E sempre tem alguém que não se cadastrou. Começa assim: a pessoa começa pegando livros na ficha da irmã, então (incentivamos) para fazer uma ficha própria, para emprestar os livros. E as crianças também (perguntam) eu só tenho seis anos posso fazer minha carteirinha? Pode. Se a mãe estiver junto e se responsabiliza pode sim. Então anotamos o nome da mãe e a criança fica com a ficha, e eles acham um máximo isso. Estimula bastante as possibilidades de devolução, de cuidado (com o livro).

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

[...] importante oferecer atividades não só livros, que é o que a gente vem fazendo, temos aula de inglês, espanhol, tem um grupo de conversação de inglês, já teve um grupo de conversação de italiano, que acabo, mas estão querendo começar de novo. Tem uma professora de Frances se oferecendo para dar aulas, já estamos fazendo a lista de alunos interessados. Isso tudo é gratuito, quem da essa aula é uma

doação voluntária, ninguém recebe nada, ninguém paga nada, essa biblioteca é livre para quem quiser usufruir dela, inclusive os cursos. Nos sábados à tarde, temos atividades para as crianças. No primeiro semestre teve uma moça que estava se formando em Artes Plásticas, que dava reciclagem, desenho, atividades de artesanato, de escolinha de artes para as crianças, contação de história, entre outras atividades. Bem interessante isso congrega mais a comunidade, eles vem procurando esse tipo de atividade e depois a biblioteca em si, porque ele oferece vários tipos de livros e não cobra nada, nenhuma taxa, nada. É uma biblioteca para todo mundo e é do bairro e todo mundo conhece [...]. Você tinha que ter visto nossa festa de aniversário no dia 29, tivemos o segundo aniversário da (biblioteca) tinha mais de 50 crianças escutando histórias lá dentro (na sala de oficinas) tinha uma senhora que conta histórias com os bonecos de fantoche, as marionetes, as crianças ficaram paralisadas, enquanto elas assistiam, receberam pipoca, que nem uma sessão de cinema, foi muito legal, a festa foi maravilhosa, depois que terminou a apresentação, viemos para frente da biblioteca, teve bolo, suco, cantoria, foi muito legal. A comunidade vem se interessa e nesse ambiente festivo, ainda apareceu gente querendo levar livro, isso é melhor ainda.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

Este espaço está começando a se desenvolver, tem uma biblioteca na Lagoa, [...], ouvi falar que estão querendo montar uma biblioteca no Pântano do Sul, que até já doamos algumas caixas de livros, que nós recebemos muitas doações, no começo recebíamos da (Lagoa), agora recebemos muitos livros que já temos, então deixamos certo número de exemplares do mesmo livro e o restante tem que ir embora, porque não temos espaço, a única coisa que estamos aceitando são os livros do vestibular, porque são muito procurados, então estamos passando adiante e ta tendo uma aceitação muito boa. [...] devia ter mais dessas bibliotecas, mais gente que tomasse a iniciativa de formar uma biblioteca em outros bairros. Porque quando eu conto para as pessoas, sou entusiasmada, o pessoal diz: que coisa legal, que bonito, puxa poderia ter uma assim no meu bairro. Então eu acho que devagarzinho, é uma sementinha que vai germinar e vai adiante. Vai ter mais bibliotecas comunitárias nos outros bairros. Aqui quem começou foi um grupo de amigos, a maioria são professores universitários, partiu dali essa idéia, que resolveram colocar em prática e começou a vir mais gente para ajudar, mais voluntários, e já temos dois anos e está crescendo e estamos recebendo muita doação, e também estamos doando, inclusive já estamos atingindo outros lugares, não só a capital. Claro que tem a

biblioteca pública, lá no centro que é muito maior, mas nem todos têm condições de ir até o centro só para achar um livro, aqui atingimos mais o pessoal, que mora aqui mesmo. [...] muito interessante, ta tendo uma aceitação grande, essa idéia vai crescer, deve crescer eu to fazendo minha parte, uma tremenda propagada.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Eu faço atendimento, todo voluntário faz atendimento. Explico a função da biblioteca, como ela funciona, faço cadastramento de novos usuários. Quando chegam doações, fazemos uma triagem, limpamos, tiramos o pó, carimbamos, todo livro da (biblioteca) tem o carimbo e depois (colocamos os livros) em uma estante específica para o cadastramento no computador. O pessoal que faz o cadastramento no computador faz uma notação específica no livro. Eu não faço esse serviço, não mexo em computador sou das antigas (rsrsrs). Aos poucos estamos conseguindo cadastrar, não está tudo feito ainda. Faço atendimento, gosto de atender crianças, gosto de dar aconselhamento, porque eu leio muito, conheço muito livros. Eu faço aconselhamento para o pessoal que pergunta o que poderia ler. Ajudo achar o livro na estante, ta tudo marcado, discriminado, mas às vezes, as pessoas têm dificuldades. Quando chegamos damos uma limpadinha na biblioteca. Eu adoro, nós gostamos muito de trabalhar aqui. Eu quero ver um exemplar do teu trabalho aqui na biblioteca.

Agente (A5)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Os moradores do Campeche, porque a biblioteca foi feita aqui, para realmente o bairro do Campeche.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

São os moradores do (bairro) e foi bem aceito pelo público e a frequência é grande e são fiéis, vem mesmo. A maioria é adulta, tem crianças, mas essas são muito repetitivas, elas vêm de manhã, vem de tarde, vem hoje, vem amanhã. Levam livrinhos fininhos hoje, amanhã já vem devolver. Então parece que tem muita criança, tem bastante sim, mas o número de adultos é maior, aí todas as idades: jovens, as pessoas com mais idade, os maduros.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

Ficou muito mais prático, mais perto, antes as pessoas tinham que ir ao centro para pegar um livro, para ler nas bibliotecas do centro, eu mesma era uma delas. Aliás, eu nem ia, porque ter que pegar dois ônibus para ir e mais dois para voltar, era horrível, esse é nosso meio de transporte. Mas, quando surgiu isso aqui, agora leio a vontade e atendo o pessoal e vejo que o pessoal gosta mesmo. Estão se fartando de ler, estão aproveitando, está sendo muito útil nessa questão do conforto de estar aqui mesmo, a facilidade de ter tudo isso para escolher. Foi ao encontro ao que as pessoas queriam e precisavam, porque a leitura também é uma distração, um lazer.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Ela leva cultura, lazer.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

Eu não saberia te dizer, eu não sou daqui. Mas tenho a impressão que são pouca as bibliotecas em Florianópolis.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Eu trabalho com amor e carinho. Porque esse trabalho veio preencher um vazio na minha vida, sou aposentada e não sendo daqui da cidade, era tudo muito estranho para mim. Eu não tinha onde buscar alguma coisa de útil para fazer. A gente aposenta sente falta de uma responsabilidade, de um trabalho. Então quando a biblioteca chegou me candidatei logo à voluntária e isso já tem dois anos. Eu gosto muito de me comunicar com gente, então encaixou bem. Eu fui secretária minha vida toda, então o trabalho aqui, que eu faço é semelhante, atendimento de pessoas, fichário, eu entro com meus conhecimentos de arrumação, foi muito bom para mim, eu me senti novamente um ser útil, me ocupa, me preocupar, isso tudo faz falta (rsrsrs).

Agente (A6)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Aqui seria essa idéia da comunidade do Campeche mesmo, começa com a questão das crianças especialmente, mas depois a gente viu que isso se amplia, porque a intenção inicial era principalmente as crianças, mas o

público adulto é muito freqüente na biblioteca também. Então a idéia é a comunidade, não tem um público específico, ainda que tenhamos uma atenção especial às crianças.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Basicamente pelo levantamento feito [...] 50% são crianças, mas a experiência que temos aqui, as crianças vem com muita frequência, vem e voltam, então acabam aparecendo bastante na estatística. Então eu acho que o público é predominantemente adulto com uma faixa etária que varia bastante, tanto público jovem como 20 e poucos anos até o público que é muito frequente acima de 60 anos, os aposentados que tem seu cotidiano aqui no Campeche, que vem no horário de funcionamento da biblioteca, que é o horário de trabalho para quem trabalha fora. Eu diria pela estatística que metade são crianças e a outra metade são adultos. Mas, não, porque talvez essa estatística seja mascarada pela frequência do uso das crianças, mas talvez tenha mais adultos mesmo.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

Bom, eu diria que ela disponibiliza um material que nem todas as crianças, principalmente para essas que vêm aqui, não têm acesso a uma variedade de livros diferentes que são livros caros de ser comprados, livros que sem sempre a escola disponibiliza. Tem a questão da revista, das histórias em quadrinhos que é uma coisa que nem sempre tem (nas escolas e em suas casas), que eles pegam bastante. Uma primeira coisa seria a disponibilidade de material. Outra coisa de ter um espaço comunitário que não o espaço formal da escola em que a leitura se torna uma coisa mais lúdica, então, por exemplo, a (biblioteca) tenta manter, mas, não está conseguindo certa frequência a contação de histórias, então nesse sentido, ela direciona para esse público infantil predominantemente à medida que as crianças começam a ler e vir na biblioteca. Os pais que normalmente não frequentam bibliotecas, que já não estão mais na escola, não têm o hábito da leitura, muitas pessoas, outros têm. Eles começam a frequentar a biblioteca também, bem timidamente, tem livro de receita, outro interesse, são os livros de Auto-Ajuda, que sai bastante, uma sessão que está sempre circulando, mas nisso a pessoa nunca fica somente na estante que ela tem interesse. Essa disponibilidade, essa coisa de atingir as crianças, e através das crianças pegar também a família, ela oferece a oportunidade, claro a gente não tem nenhuma atividade específica, além da contação de história,

direcionada para a leitura especificamente. Agora a proposta da (biblioteca) é disponibilizar livros, mas funciona como um Centro de Cultura, isso ajuda bastante, por isso as oficinas, por isso o espaço lá atrás. Pensamos em ampliar o espaço lá trás, para os livros, mas entramos em acordo que não, que o espaço lá de trás não deveria ser para livros, porque a biblioteca tem esse lado de Centro Cultural, ela (a sala lá atrás) deveria funcionar como um espaço para acontecer coisas bem diversas desde: oficinas de capoeira, aula de inglês, Frances, oficina de mandala, taiki, então a idéia de ser um espaço onde as pessoas experimentem coisas. Particularmente eu acho que isso ajuda também no universo da leitura, mas indiretamente, não é uma atividade direcionada a motivação de vim fazer leitura dramática, só contação de história, só questões ligadas ao universo da literatura, por isso não está restrito a isso. A idéia é ampliar mesmo, uma coisa acaba alimentando a outra e também porque muita gente puxada pela oficina soube da aula de inglês, ou ao vir na aula de inglês soube que aqui tinha uma biblioteca, então o jeito que a pessoa chega aqui é bem diversificado, se ela tivesse a função estrita de uma biblioteca, teria essa cara, é para quem gosta de ler, e assim não, na verdade todo mundo acaba pegando um livrinho.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Ela tem que estar bem articulada com o local onde está, no sentido de estar envolvida com as coisas que estão acontecendo na comunidade, por exemplo, [...] tem as discussões sobre o Plano Diretor, tem a questão da Rádio Comunitária, tem uma série de coisas acontecendo no bairro, se a biblioteca conseguir minimamente, ou o grupo que esta na biblioteca ir nesses espaços, nas festas que estão acontecendo e se fazer presente, ela consegue se tornar um espaço importante também, para que as pessoas que estão nesses lugares, nesses movimentos, nessas festas, vejam que a biblioteca não é estática me parece que ainda tem aquela idéia que as pessoas paravam aqui na porta e diziam, estou esperando meu filho, ele vai pegar um livro, e ficavam do lado de fora, e quando você chama para sentar, tomar um copo de água, começa a conversar, pergunta se quer dar uma olhada nos livros, à pessoa entra. Então a minha impressão é que ainda as pessoas tem aquela imagem de biblioteca como espaço de pessoas que estão na escola, ou pessoas que são muito letradas. Então (na) medida em que a biblioteca consegue participar, mostrar [...] a idéia da festa de aniversário, o fato de fazer ali na rua possibilita que muita gente que estava só circulando venha ver o que é, acaba entrando, olhando, às vezes pessoas que moram aqui perto

e nunca pararam para olhar. Então me parece que uma coisa é esse envolvimento com o entorno, no caso a comunidade. Ela tem que estar articulada com as coisas que acontecem na comunidade e não só coisas ligadas a leitura especificamente. [...] ela tem que estender os braços mesmo e ir onde as pessoas estão. Outra coisa é tentar fazer nela atividades, além daquelas que tradicionalmente seriam de uma biblioteca, digo por essa questão escolar, porque pelo que tenho visto nessas experiências de biblioteca comunitária, ali rola de tudo, reunião comunitária, festa, filme, acho que é um movimento que as bibliotecas de um modo geral estão fazendo. Na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina – BU, hoje tem auditório, tem filme, tem congresso que acontece lá. Tem uma festinha do encontro, é um movimento que as bibliotecas tem feito.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

A impressão que eu tenho, é que estão surgindo mais bibliotecas comunitárias. Se dermos conta que estamos vivendo em um momento de passagem da imprensa de papel para a imprensa virtual, a Internet, então de fato os livros estão sobrando de modo geral, temos uma fartura, recebemos um material muito bom (de doação). Isso eu imagino na cidade, me parece que o papel da biblioteca comunitária em Florianópolis, ela seria mais importante nos bairros de periferias, onde as pessoas ainda não têm acesso a isso. Não sei se uma biblioteca comunitária no centro da cidade teria muito sentido? Nesse sentido a biblioteca pública, (para) as crianças circularem, pesquisarem. Mas, não sei se uma biblioteca comunitária funcionaria como funciona [...] no Campeche, na Barra da Lagoa? Imagino que o público da Barra da Lagoa seja como o nosso, um público diversificado, tem pessoas de vários lugares, mas funciona, mas ela funciona como um espaço de encontro, de referência, tem gente que chegou novo no bairro e aí vê a biblioteca como um espaço de informação, de encontro, mas é (também) um espaço para quem não tem essa quantidade, essa variedade de livros em casa. E muito particularmente as crianças que tem acesso a uma diversidade de livros, que muitas vezes elas não têm na própria escola. [...] A biblioteca comunitária tem esse papel em locais onde se tem deficiência de leitura muito grande. As pessoas que estão nas universidades, que tem acesso, gostam muito de comprar os livros para ter em casa, e por isso acaba sobrando muito na hora de doar, as pessoas não usam mais. Mas o livro ainda tem esse valor. O que eu percebo que se fosse uma comunidade rural, porque aqui quando a gente tenta

repassar os livros que estão sobrando, ou que estão em muita quantidade na (nossa biblioteca) para outros lugares, ninguém quer, porque, já tem muitos livros. [...] As pessoas que montaram pequenas bibliotecas tem restrições, nós mesmos não temos mais espaço, agora quando encontramos um meio de enviar para o interior do estado, a primeira resposta foi, pode mandar tudo que nós aceitamos. Então o papel de uma biblioteca muda de acordo com a carência. Na cidade está sobrando, não ta para todo mundo, porque tem bairros populares que seria muito bem vinda uma biblioteca comunitária, mas ainda assim, essas pessoas conseguem algum acesso, as crianças estão nas escolas, os adultos nem tanto, porque não vão mais a escola. Mas, não é o caso de uma cidade do meio rural, onde não a tradição da leitura, não tem universidades, não tem essa coisa das pessoas que compram livros. Tem só a biblioteca da escola, quando muito alguma coisa da prefeitura, então a impressão que eu tenho que o papel dela seria diferente e muito maior, mais importante no meio rural do que ela é aqui no meio urbano. As bibliotecas atendem, suprem uma necessidade, mas inda assim, estamos no meio da fartura, ou pelo menos uma parte da população está no meio da fartura.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Eu sou atendente aqui, participo das reuniões, para agente pensar (os problemas) da biblioteca. Como organizar, pensar, como melhorar nossa relação com o público, que público é esse? [...] Como atrair, otimizar, facilitar o uso para elas (as crianças, os adultos) tornar a biblioteca um espaço mais gostoso. Temos funções específicas, assumimos em nome de coisas que a gente acredita também, para mim é mais significativo a idéia de um Centro Cultural, como um espaço de encontro, de troca, de socialização das pessoas propriamente do que a questão de biblioteca. No meu caso, a biblioteca é muito mais um álibi para promover outras coisas, ela não é a função fim, ela é um meio para possibilitar coisas. Possibilitando também o acesso a leitura, aos livros, mas ela é maior do que uma simples biblioteca no sentido estrito de disponibiliza livros e incentiva a leitura. A idéia de um Centro Cultural é mais forte do que a idéia de biblioteca.

Agente (A7)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

No nosso caso, a gente não faz uma seleção, nosso objetivo é atingir todos os leitores. Nosso público basicamente são as crianças e os jovens

das escolas públicas da região da Lagoa da Conceição. Com o objetivo de oferecer a eles uma leitura selecionada de qualidade, por isso a biblioteca é um espaço praticamente gratuito, não tem nenhuma contribuição, somente cobrando-se apenas R\$ 1,00 real, pela carteirinha de leitor. Porque a gente acredita exatamente que são essas crianças e jovens que não tem acesso a outros espaços culturais que podem usufruir e crescer como pessoas, como seres humanos e como agentes sociais. A medida que a leitura for se tornando um espaço “eu preciso rever isso, eu gosto mais de escrever do que falar.” A medida em que a leitura for sendo aprimorada, o leitor vai ampliando seu universo cultural, seu leque de informações, seu conhecimento sobre a diversidade cultural, ele vai se tornando um ser humano mais generoso porque ele sabe que as pessoas são diferentes, tem culturas diferentes e mesmo assim, tem os mesmos anseios de liberdade, de prosperidade, de amor, de compreensão. Então as qualidades humanas vão se caracterizando, porque a literatura faz isso. E a nossa biblioteca se caracteriza por priorizar a área de literatura. Porque a literatura trata, trabalha com as questões humanas. Ela coloca o leitor em contato com outras histórias de realidades pessoais que fala de emoções e sentimentos, em que o leitor se sente identificado também. Ele poderia também estar no lugar, por exemplo, do livro O menino do pijama listrado, que o menino não tem amigo, ele é alemão, vai ser amigo do menino judeu que está no campo de concentração e ele não sabe o que é aquilo, mas eles se tornam grandes amigos, não vou contar a história do livro, porque é muito triste. Mas, é isso, ele se identifica com o outro, ele percebe que o outro é igual a ele em termos de emoções, sentimentos, necessidades, desejos, então essa identificação do leitor com aquele menino, por exemplo, faz com que ele também sinta essas coisas e ele amplie, não só suas referências intelectuais/culturais, como até suas próprias emoções, sentimentos, sua capacidade de solidariedade. Quando lê a história de um cachorrinho que sofre, quando ele encontrar um cachorrinho na rua, vai pensar duas vezes antes de dar um pontapé, dar uma pedrada sabe. Essa identificação com as histórias transforma o leitor numa pessoa melhor, capaz pelo menos. Não significa que vamos ter a salvação da humanidade através dos livros, mas pelo menos esta ampliando as chances e possibilidades desse crescimento, como ser humano e como ser social, porque se você é mais solidário, ciente dos seus direitos, porque tem senso de injustiça, de trabalho forçado, de pessoas que sofrem de exposições, violências, a pessoa começa a perceber que ela também tem direitos e ela pode lutar

por seus direitos, ou seja, a capacidade de cidadania do indivíduo também amplia. Ta bom, então os públicos alvos são quaisquer pessoas, porém nosso foco maior são as crianças e os jovens da região da Lagoa e de toda a redondeza, mas principalmente as crianças e os jovens das escolas públicas, porque não há grande número de bibliotecas públicas em Florianópolis, no entorno não tem, então esse espaço é um espaço para eles.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Depende da atividade, o público é diferenciado, por exemplo, os saraus literários são para um público adulto, quando a conversas com autor, por exemplo, o lançamento de um livro sobre Angola, é um público mais restrito, são pessoas que gostam mais da literatura da África, mas os passeios da barca levam pessoas de todas as idades, pais, mães, crianças, avós que vêm com seus netos, adultos que trazem seus pais, idosos que vêm sozinhos, sabe então é muito variado o público.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

[...] habilidade de leitura, quanto mais se ler mais ultrapassa o caminho da mera leitura imediata. Habilidade de leitura você pode tá falando da capacidade de ler e escrever um texto. À medida que você vai aprimorando, lendo mais e mais e mais você ultrapassa o estágio do decifrar de entender para a compreensão do texto, para interpretar, vai aumentando sua capacidade de compreensão, então isso não é uma característica da biblioteca comunitária, mas, de todas as bibliotecas que incentivam a leitura. A nossa diferença é que estamos sempre fazendo atividades para que a criança desenvolva o seu desejo de ler mais e mais. Bom esse desejo de ler vai se ampliando passando do estágio da decodificação para a compreensão da interpretação, da aproximação, onde o leitor começa a comparar os textos que ele leu, relacionado com outras histórias. Ele coloca os livros que já leu em conversa um com o outro, sua habilidade de leitura, deixa de ser uma mera decifração para ser uma compreensão muito maior.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

A biblioteca ir ao encontro do leitor, ou seja, atrair o leitor, fazer com que se sinta acolhido. A biblioteca precisa ter qualidade em seu acervo, boa frequência, em agosto teve uma média de 2.200 pessoas, basicamente na troca de livros, porque as outras atividades reúnem

públicos de 50, 60 pessoas, [...] nas quartas-feiras que está com a agenda fechada até o final do ano, onde as escolas da comunidade trazem os alunos (para uma visita na biblioteca) são três escolas por semana. Esse é um aspecto que nossa biblioteca (faz) atividades que trazem os leitores para cá. Isso é uma coisa de destaque, de relevância para a biblioteca comunitária, fazer atividades que tragam a comunidade para dentro dela. Começamos (mês passado) a trazer pessoas da própria comunidade, (no último domingo) convidamos um grupo de senhoras para cantar e dançar a Ratoeira que é um traço típico açoriano e que está meio que desaparecendo. Então tem um espaço para que as pessoas venham cantar, falar sua história, espaço aberto para atividades que congreguem a comunidade.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária em Florianópolis.

A biblioteca é um espaço cultural e social, você conhece você aprende a respeitar. A nossa biblioteca ensina pela prática com hábitos sociais, de convivência. A biblioteca comunitária oferece um espaço social nos eventos, porque na leitura ela não permite que as pessoas fiquem conversando, trocando informações, então como um espaço social, ela é um espaço da sociedade em que a comunidade participa, mas não é um espaço de convívio, só nas atividades, por exemplo, no passeio da barca, quando os amigos vêm e chamam os outros amigos, formando um grupo maior, uma mãe que traz seu filho, que traz o coleguinha. São espaços que permitem então a barca oferece espaço de convívio social e como um espaço que ensina o respeito, as normas, as regras e também em sociedade a gente tem que diferenciar os espaços: o espaço da biblioteca não é o espaço do cinema, não é o espaço da sala da minha casa, então essas coisas se aprende e se ensina.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

O meu papel como agente social na biblioteca comunitária, eu acho isso pomposo, mas acho que estou contribuindo de formação, continua meu papel de professora, claro num outro espaço, continua meu papel de cidadã, quando eu estou participando do movimento docente dentro da universidade, que pra mim continua sendo um espaço para uma sociedade mais justa, que as oportunidades sejam igualitárias, porque a biblioteca comunitária faz isso, está oferecendo acesso a qualquer pessoa de qualquer classe social. É um espaço alegre, bonito, como um agente social que esta possibilitando o acesso a bens culturais. Porque a

nossa sociedade não oferece oportunidades iguais. Está história esta bem no papel “sociedade igual para todos”, mas na prática isso não acontece. [...]. Está disponível para todas as pessoas, ela iguala oportunidades. Este é o meu papel, não sozinha claro, com toda a equipe. Quando contamos uma história, não estamos preocupados quem seja A, B, C, ou sua classe social, estamos preocupação com todas da mesma forma. Para transformar essa sociedade em mais justa, igualitária, menos perversa, porque ela exclui. A biblioteca comunitária tem esse papel, e a gente trabalhando como voluntária aqui temos esse papel de inclusão cultural e social.

Agente (A8)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Bom, no nosso caso, o nosso público alvo são as crianças e o público jovem, mas pelo fato de carências de bibliotecas comunitárias o público em geral também acaba sendo nosso público alvo. A gente fez uma pesquisa de público e constato que 75% do nosso público são crianças e adolescentes, então eles são a maior parte e também é o que a gente busca pelo acervo, até porque 70% do acervo está dirigido ao público infanto-juvenil, mas também é a região, a Lagoa da Conceição, a bacia da Lagoa da Conceição, ou seja, a Costa da Lagoa, Barra da Lagoa, Rio Vermelho, Retiro, Canto da Lagoa e também o público em geral de outras localidades Rio Tavares, outros bairros até o Itacorubi, estamos tentando aumentar, expandir esse público com outras áreas da literatura para adultos, não só infanto-juvenil, com outras atividades, não oferece só programas específicos para a leitura infantil e infanto-juvenil, mas sim para o público adulto.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Na sua maioria pessoas que moram aqui nos arredores, seja da Lagoa da Conceição, da Costa da Lagoa, Rio Tavares, Canto da Lagoa. Temos um pouco mais de 2.000 cadastros aqui na biblioteca e destes a maioria são daqui da Lagoa da Conceição. E como que geograficamente ela está localizada aqui, o público que mora mais perto, mais frequenta.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

[...] fundamental a existência de uma biblioteca comunitária para a formação de um público leitor, porque é o local onde as pessoas têm

acesso ao livro, a leitura, a literatura e principalmente uma biblioteca [...] que tem um programa de incentivo a leitura, ou seja, não é uma biblioteca que simplesmente está de portas abertas, ou seja, ela busca o leitor no sentido em que oferece atividades para esse leitor e ainda não leitor, ela vai buscar, por exemplo, o passeio de barco que é tão visto, a principal função desse passeio é o incentivo a leitura que as crianças que de repente nunca pegaram um livro, sentem nesse barco, achem interessante, legal o livro, que as crianças venham na biblioteca e se sintam bem. Uma biblioteca bonita, que tem um acervo bonito, que elas podem tirar o sapato, deitar em cima de uma almofada, que ela sinta prazer na leitura e nesse sentido, uma biblioteca tem um papel fundamental na vida de um leitor ou de um futuro leitor, ou na formação de um leitor. A biblioteca é tão essencial pro desenvolvimento do ser humano, tão importante quanto uma farmácia em cada bairro. É importante os bairros terem uma farmácia, uma padaria, um açougue e ter também uma biblioteca comunitária.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Que ela tenha um acesso gratuito, que ela tenha um acervo de qualidade, que tenha um programa de atividade de formação com o leitor e fácil acessibilidade. Desde que esteja em um lugar de fácil acesso.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

A biblioteca comunitária não tem um grande espaço em Florianópolis, primeiro porque não existe nenhuma política pública que incentive por parte do estado, digamos que a biblioteca faz parte da construção da cidadania de todo indivíduo, ela tem toda uma importância, ou seja, deveria ser um investimento tão grande quanto o asfaltamento da cidade. Ela não tem essa importância pela falta de políticas públicas. É um processo que está em construção, eu acredito nisso, que está começando, a biblioteca [...] tem um papel bastante importante nesse sentido de chamar atenção, porque a partir disso estão se formando outras pequenas bibliotecas, mas ainda um longo caminho a ser percorrido para se chegar até uma possível formação de redes de bibliotecas comunitárias, uma promoção do estado em que cada bairro haja uma biblioteca comunitária e haja um gestor do próprio bairro, que as pessoas do bairro se integrem. É um processo que está em construção, importante, fundamental, na sociedade e em Florianópolis. Porque (Florianópolis tem) uma geografia bastante fragmentada, de um bairro para outro é muito distante

para quem mora em Canasvieiras para pegar um livro na biblioteca pública no centro é um longo caminho a ser percorrido, ou quem mora no Campeche. Por isso acredito se tivesse uma rede de bibliotecas comunitárias com políticas públicas nesse sentido teria um grande papel na sociedade, na formação de uma sociedade leitora, cumprindo o direito de cidadania de cada ser humano.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Eu trabalho na parte de comunicação, gestão cultural da biblioteca, na gestão de processos, para que todos os processos fluam com a comunicação interna, externa, a comunicação com o leitor, com a comunicação da ONG em si, a mantenedora desse projeto, na busca de patrocínios e convênios para que o projeto continue funcionando, nas linguagens mais adequadas. Qual linguagem (utilizar) para atingir esse ou aquele público alvo, nas pesquisas de público. Como agente social eu como gestora dessa biblioteca também atuo no atendimento, porque dentro dessa biblioteca, independente da função que exerça, a um rodízio e toda pessoa que trabalha aqui dispõe de uma hora por semana no serviço do atendimento, para poder sentir o público, para poder saber fazer um empréstimo, uma carteirinha, para conhecer o acervo, para saber que estou oferecendo, então nesse sentido, eu acredito que faço parte de um todo desse projeto, o meu papel completa o todo.

Agente (A9)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

Seriam os adultos, as crianças, todas as pessoas que moram aqui em Florianópolis, na Lagoa da Conceição principalmente e na grande Florianópolis.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

São as crianças (do bairro), pais que trazem seus (filhos) de diversos bairros e adultos que vem até de outros municípios, pessoas com carência de leitura, cultura.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

É muito importante porque a gente não é uma escola [...] as crianças e os adultos vem aqui por prazer, porque ler é bom, é gostoso. Os leitores depois de um tempo que frequentam a biblioteca, eles mesmo começam a definir o que eles gostam o que eles acham bom, o que eles acham ruim. A biblioteca tem um papel muito grande, eles vêm porque gostam, eles melhoram a leitura, eles (tornam-se) independentes, a leitura está fluente. Eles contam o que leram. [...]

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Aqui é um ponto que está perto dos turistas. No verão vem muita gente de fora procurando uma alternativa mais culti, ou algo que não seja dança, bebe, night, um lugar família. [...] A importância é levar o livro a todas as pessoas que não tem condições de compra.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

A biblioteca comunitária é muito mais utilizada que a biblioteca pública, é mais próxima do público, é menos elitizada, apesar de vir muita gente pensando que tem que pagar para emprestar o livro. [...] A biblioteca comunitária trata melhor o leitor, tem melhores diretrizes de formação de leitores, sabe melhor as necessidades da comunidade. A biblioteca pública não tem tanto contato com o público quanto a gente tem, nós conhecemos os leitores, conversamos com eles, trocamos informações, a biblioteca comunitária é menor, os leitores sentem mais confortáveis para conversar e falar o que está faltando, o que não está legal, isso é importante, porque atendemos as necessidades do mesmo. O horário de funcionamento da biblioteca comunitária facilita.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Acho melhor perguntar isso aos leitores. Mas, fazemos o normal de bibliotecários, catalogamos livros, contamos histórias, tento conversar com os leitores, principalmente com as crianças [...] O meu papel seria de orienta a leitura [...] o importante é não deixar o leitor desanimar, tentar aproximar a pessoa cada vez mais ao livro, intermídia.

Agente (A10)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

A comunidade em geral, o público infantil, porque a biblioteca tem um acervo bastante focado no público infantil e também o público adulto. Tanto moradores aqui da região da Lagoa da Conceição quanto da grande Florianópolis. E as cidades que envolvem, não somente a ilha tem usuários cadastrados de Palhoça, Biguaçu, São José. Quanto mais, melhor expandir ao máximo o serviço da biblioteca.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Basicamente, com o evento das quartas-feiras [...] tem um público escolar. E as famílias moradoras daqui [...] e moradores de (bairros próximos) [...].

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

É importantíssimo e a (biblioteca) consegue de certa forma atua com bastante relevância na vida de quem frequenta [...] oferece vários serviços e eventos que tentam envolver ou sensibilizar os leitores. (Tem) eventos culturais focado na parte de contação de histórias, que contribui com o processo de imaginação de quem ouve as histórias, tanto crianças como adultos. É muito bom e contribui porque eles vêm elogiar pessoalmente e mesmo no olhar, na participação deles, principalmente nas quartas-feiras e nos saraus.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Principalmente pessoas que tenham formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação que atuam junto ao público em qualquer biblioteca, mas em bibliotecas comunitárias e públicas, que tenham noção da importância que existe entre leitura, mediadores de leitura e o público. É importante a participação de um profissional. [...].

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

Não existe muito a questão de biblioteca comunitária em Florianópolis. Eu vi algumas, até fiquei feliz. Vi uma na praia da Armação é lindinha. Tem (no Campeche) também. Mas é um trabalho que tem que crescer muito, as dificuldades são muitas para manter. Florianópolis precisa mais, não só Florianópolis, mas toda a comunidade, o Brasil inteiro, a biblioteca é essencial [...]. Eu sempre gostei de ler, senti falta de (biblioteca). Livros são o alimento da alma [...].

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Eu como aspirante de bibliotecária, quase formada. Principalmente ser o intermédio entre o livro e o leitor, está estimulando o leitor a estar em contato com os livros, conhecer melhor os livros. (Ser) uma ponte, um elo, algo mais dinâmico porque ponte é algo estável. Uma pessoa para o leitor estar confiando, conversando, demonstrando seus desejos de leitura e a gente está oferecendo os livros. Eu faço atendimento ao público, contação de história, cadastro.

Agente (A11)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

É um público bem diversificado, varia bastante de idade, de nível social, condição sócio econômica, tem um foco nas pessoas que residem mais próximo, tem importante função local. É um público variado com características diferentes.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

Um público forte de crianças e adolescentes e em segundo lugar pessoas acima de 40 anos, que tem interesse em se distraí, então buscam obras de literatura principalmente contos [...] leituras leves que distraiam dos problemas do dia-a-dia.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

Tem uma contribuição bem forte, porque as atividades que nós desempenhamos têm focos especiais, por exemplo, a contação de histórias, incentiva bastante as crianças que vão acessar os livros, de onde se originaram as histórias, provocam curiosidades, inquietações, esse é um dos propósitos de desenvolver a criatividade e o interesse pela leitura nas crianças, através da contação. Já nas pessoas com um pouco mais de idade que não tem paciência para longas leituras, quando você apresenta crônica, contos, poesias, não é uma leitura fácil, mas mais curta você faz com que ela tenha interesse em ler mais e aos poucos elas vão exigindo leituras mais longas. É uma forma bem interessante de incentivar a leitura nesses dois públicos principalmente. Temos alguns adolescentes que buscam uma literatura mais fantástica, principalmente obras que inspiraram filmes. O cinema acaba contribuindo para que eles tenham vontade de ler, não que esse material tenha uma qualidade

literária no critério intelectual, mas sim que incentive a ler e a partir disso podem recorrer a outras obras. Entre as atividades de incentivo a leitura da biblioteca são: as contações de história e o setor de referência, quando eles perguntam por obras [...]. Então o setor de referência e atendimento é bem importante, tentar focalizar no que a pessoa espera, perceber as necessidades da pessoa no momento em que ela conversa com você. É uma coisa muito subjetiva para quem está atendendo, varia muito e varia quem está sendo atendida. As pessoas são muito diferentes.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Que ela desenvolva ações não só de incentivo a leitura, mas que estimule as pessoas a buscarem a se desenvolver cada vez mais, buscarem uma afirmação pessoal no sentido de [...] ampliarem seus conhecimentos, não apenas direcionar, ter uma visão crítica das coisas. Analisar criticamente o que ela vê nos jornais, por exemplo, o que ela ouve das pessoas, analisarem isso. Então a biblioteca de certa forma tem essa capacidade quando faz com que as pessoas tenham acesso a mais cultura.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

A duas perspectivas: a primeira a um público potencial que poderia ser atendido que às vezes não é, então aqui, por exemplo, temos um público que nós atendemos efetivamente e desenvolvemos ações, então é um público possível e um público real. Enquanto que em outros espaços a um público possível, mas não a um público real. [...] Possui vários empecilhos que uma biblioteca ou um centro comunitário não possa oferecer determinados programas, [...] não a um incentivo em nível político, às vezes não a interesse.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

Tem muito a ver com essa coisa de perceber as necessidades, busca atender a isso da melhor forma possível, sem distinções. Eu atendo as pessoas e também conto história, faço a catalogação das obras, que isso também tem uma função bem importante, porque quando você cataloga uma obra de forma equivocada, você impossibilita o acesso a dela, consequentemente você atrapalha o processo. Porque às vezes as pessoas valorizam muito as atividades fim e não tem prospecção das atividades internas, da coxia, um termo do teatro, o que passa atrás dos palcos. [...]. Tem muito haver com nossa prática. É super importante a

parte administrativa, de catalogação, de indexação, são importantes, mas às vezes não são valorizadas.

Agente (A12)

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

O público alvo que vive em torno da biblioteca, daí ela ser uma biblioteca comunitária, tanto para quem fez, quanto para quem a ela se dirige. Esse é o público ideal, que mora nas imediações da biblioteca, mais ainda se puder vir a pé para essa biblioteca. Ela atende ao entorno dela. Acontece que na verdade nosso público também se amplia dada a carência de bibliotecas que temos na região, então nosso público se amplia e a biblioteca está aberta a todos que quiserem frequentá-la, dentre os objetivos da Barca dos Livros está também à formação do leitor e essa formação do leitor prioritariamente voltada para o leitor criança, leitor jovem, para aquele leitor que ainda está em formação de idade, não só a sua formação intelectual, afetiva. Esse público de criança, de jovens também do entorno, principalmente os escolares, que estão nas escolas, como uma ampliação das possibilidades de acesso ao livro e a leitura que se pode oferecer a ele. Como biblioteca comunitária nós não deixamos de ampliar o leque para pessoas de qualquer idade, porque crianças não vêm sozinhas para a biblioteca. Então pai, mãe tem que ser cativados para trazer seu filho e para serem leitores. Porque o pai e a mãe são os primeiros exemplos da criança, [...] que eles são os principais mediadores, ou deveriam ser os principais mediadores, o exemplo da afetividade é o primeiro. Então se meu pai gosta de ler, eu gosto do meu pai, eu então vou ler para fazer o que meu pai faz isso é fundamental, quando não tem isso, tem que ser as pessoas que vão circulando ao redor dessa criança, que dão os exemplos. Pode ser a babá, nas classes privilegiadas que tem babá. Pode ser os tios, os parentes, as professoras nas creches e nas escolas e os bibliotecários, quando eles têm acesso a uma biblioteca.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

São os públicos das escolas de toda a região de Florianópolis. Eles vêm na quarta-feira com seus professores, [...] pessoas de todas as camadas sociais, principalmente pessoas de classe média que tem mais o hábito de frequentar ambiente cultural.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

É fundamental, a leitura se faz pela prática da leitura, só se torna leitor praticando a leitura. Então todas as atividades que a gente pode fazer para seduzir o futuro leitor ou para desperta-lo para a leitura devem ser alimentadas e só se alimenta se ele tem acesso ao livro, a revista, tem acesso ao material escrito e principalmente a leitura literária. Então isso, o papel de alimenta esses leitores e conservá-los a cada vez mais age quanto à qualidade da leitura, cada vez mais interessado na leitura, cada vez melhor para o leitor, porque ele só começa a ler mais, só se faz se ele continua a ler, quando se tem acesso ao livro. Por isso a biblioteca é importante, pelo acesso que o leitor vai se manter ligado ao livro. [...]. A leitura na verdade, a melhor leitura é aquela para mim, que acontece lá na casa do leitor, quando ele dispõe o tempo dele lá. Ou de qualquer forma se alguém lê para ele, ou se adulto ele vai ler. Aí é que se dá o verdadeiro encontro do leitor com o livro. Ai ocorre à leitura realmente, porque é o momento de dialogo entre dois seres, os personagens do livro e o leitor. Sabe essa é a leitura que interessa que a gente ajude a desenvolver, pela leitura em que o leitor pegue o livro e leia, onde e como não cabe a gente, mas incentivar.

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

Eu considero prioritário que ela exista primeiro porque se ela não existir, ela não é considerada e nunca vai ser considerada necessária. Ela tem que existir e estar aberta têm que estar disponível ao acesso da comunidade sem cobranças financeiras, sem cobranças culturais, mas com incentivo permanentemente, que o leitor goste de ir à biblioteca, goste de ficar lá dentro, goste de pegar o livro e levar para casa. [...] realmente se a gente cumprir esse papel de ser esse elo entre o livro de qualidade e o cidadão, nós estaremos ajudando a formar cidadãos. Tem que ter belo espaço, livros novos, atraentes, bons e uma equipe que saiba receber, desenvolver esse leitor. Ele é gente, vem aqui desde seus dois aninhos de idade, tem que se sentir acolhido, tem que ser importante e ele volta para trocar com a gente a experiência dele, esse é o papel da biblioteca. Está disponível para que o cidadão se encontre num espaço público, aberto para ele. Que ele possa entrar em qualquer momento, desde que dentro dos horários estabelecidos, evidentemente e o livro está disponível e ele valoriza aquilo como uma troca, uma possibilidade de crescimento, de envolvimento com lazer, cultura, entretenimento, com formação.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária Florianópolis.

Falta muito esse espaço. Nós temos (na Lagoa) [...] no Campeche, e uma ou outra experiência que esta tentando se fortalecer, mas não tem nenhuma visibilidade, nem identidade. Isso não existe na cidade, essa prática de freqüentar biblioteca não existe, porque não existe o equipamento biblioteca. Então não se conhece não se valoriza. Aliás, não se valoriza aquilo que não se conhece, aquilo que não se freqüenta. Então é possível que cada bairro tenha uma biblioteca, que cada ponto tenha uma biblioteca comunitária, amparada pelo poder público, porque a leitura é uma obrigação da sociedade e o governo não é senão o representante desta sociedade, ele não é um ser a parte, é alguém que nós colocamos no poder e ele tem que atender a essa sociedade, então a biblioteca tem que existir para ser valorizada, para realmente ser um espaço de cultura e de formação, então somos muito carentes.

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

O meu papel nossa senhora (rsrsrs). Eu sou desde a pessoa que inventou este negócio. Eu realmente confio no papel de uma biblioteca, porque faz anos que venho batalhando para isso. Eu idealizei essa biblioteca e convenci uma porção de pessoas que isso era significativo e importante, é claro que só convenci porque eles talvez precisassem desse elo e graças a esses 25 fundadores da (biblioteca), ela está crescendo e, além disso, eu disponibilizei a maior parte desse acervo, em função do trabalho com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil como votante dos prêmios da Fundação. As editoras concorrentes aos prêmios da Fundação Nacional enviam aos votantes de cada lugar do Brasil um numero bastante grande de livros, hoje em dia são mais de 1.000 títulos novos por ano. Então os livros foram separados, catalogados, votados, escolhidos e vieram para a (biblioteca) e para outros projetos que eu distribuo aqueles livros que não entram no nosso acervo, porque nosso acervo é essencialmente literário. E, além disso, eu trabalho todos os dias que a biblioteca está aberta, na função de coordenadora geral da biblioteca. Dirijo também o Núcleo de Pesquisas da biblioteca. Às vezes sou eu que dirijo as Quintas Literárias, eu faço a representação da biblioteca junto à sociedade, eu que vou atrás das verbas, bato nas portas, claro que ajudada, amparada também, essa visibilidade minha “quem pariu Mateus que embale”. (rsrsrs), (é) importante ter esse papel até que essa biblioteca seja autônoma, e que ela possa andar sozinha com a equipe de trabalho que a gente tem, com quatro bibliotecários (as)

com horários diferenciados, uma pessoa na gestão, uma pessoa na administração, mais os voluntários e a diretoria da Sociedade Amantes da Leitura que continua com o papel de discutir, dirigir a (biblioteca) com essa equipe que chamamos de equipe executiva.

Apêndice F - Instrumento e Tabulação dos Discursos dos Agentes

São apresentadas as expressões chaves e respectivas idéias centrais para cada uma das questões feitas aos agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias, relativas ao roteiro de entrevista, tratando-se da tabulação dos discursos. As omissões aparecem entre colchetes. Os agentes são identificados por A (agentes) seguido do número do entrevistado.

1 Quais são os públicos alvos a ser atingidos pelo trabalho da biblioteca comunitária?

	EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
A1	Seriam as crianças, jovens, adultos, [...]. A gente quer atender a comunidade inteira.	1- Crianças, jovens, adultos. 2 - A comunidade

		inteira.
A2	[...] a gente pensou em primeiro lugar na gente mesmo, [...] para nossos filhos, vizinhos. [...] pensou em algo que fosse bem aberto, que se possível, qualquer um que entrar aqui, encontre alguma coisa que lhe interesse.	1- Nossos filhos, vizinhos.
A3	O nosso principal foco são as crianças e os adolescentes que estão diariamente aqui com nós de segunda a sexta-feira. [...] tem um público bem grande que faz supletivo, [...]	1- Crianças, adolescentes. 2- Público que frequenta o supletivo.
A4	[...] todas as faixas etárias, mas nossa ênfase é nas crianças. [...]	1- Nossa ênfase são as crianças.
A5	Os moradores [...]	1- Os moradores do bairro.
A6	Aqui seria essa idéia da comunidade [...] começa com a questão das crianças especialmente, mas depois a gente viu que isso se amplia, [...] Então a idéia é a comunidade, não tem um público específico, [...]	1-A comunidade.
A7	No nosso caso, a gente não faz uma seleção, nosso objetivo é atingir todos os leitores. Nosso público basicamente são as crianças e os jovens das escolas públicas da região [...] então esse espaço é um espaço para eles.	1- Todos os leitores. 2- Basicamente as crianças e jovens das escolas públicas da região.
A8	[...] o nosso público alvo são as crianças e o público jovem, [...] o público em geral [...].	1- São as crianças e o público jovem.
A9	Seriam os adultos, as crianças, todas as pessoas que moram aqui [...]	1- Todas as pessoas que moram aqui.
A10	A comunidade em geral, o público infantil, [...] moradores aqui da região [...]	1- A comunidade geral, o público infantil e os moradores da região.
A11	É um público bem diversificado, varia bastante de idade, de nível social, [...] tem um foco nas pessoas que residem	1- Tem um foco nas pessoas que residem mais próximo.

	mais próximo, [...]	
A12	O público alvo que vive em torno da biblioteca, [...] nosso público se amplia e a biblioteca está aberta a todos que quiserem frequentá-la, [...]	1- O público que vive em torno da biblioteca.

2 Quais os públicos que frequentam esta biblioteca?

	EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
A1	Por enquanto são só as crianças, jovens, [...] adultos, alguns estudantes [...].	1- Crianças, jovens, adultos e estudantes.
A2	[...] o público [...] é bem heterogêneo, a gente tem crianças que frequentam, tem pessoas mais velhas e tem jovens, adultos, um público bem aberto. [...] o público de adolescentes é um pouco pequeno em relação aos outros, a não (ser) em atividades, oficinas que acaba chamando um público mais jovem. Os adolescentes é um público difícil de a gente atingir, as meninas ainda aparecem, elas lêem, [...] e pessoas mais velhas à chamada “terceira idade” (rsrsrs).	1- Crianças, jovens, adultos e idosos. 2- Público heterogêneo.
A3	Os públicos são os mesmos que frequentam: crianças, adolescentes e adultos em geral.	1- Crianças, adolescentes e adultos.
A4	Nós temos uma frequência bastante grande e muito variada, tem pessoas com menos instrução, professores universitários, estudantes e muitas crianças. As crianças já se sentem bem à vontade, se sentem em casa, eles vêm, tem o cantinho deles, [...] Eles acham o máximo, [...]	1 - Pessoas com menos instrução, professores universitários, estudantes e crianças.
A5	São os moradores do (bairro) e foi bem aceito pelo público e a frequência é grande e são fiéis, vem mesmo. A maioria é adulta, tem crianças, mas essas são muito repetitivas, [...] Então	1- Crianças, jovens, adultos e idosos.

	parece que tem muita criança, tem bastante sim, mas o número de adultos é maior, aí todas as idades: jovens, as pessoas com mais idade, [...]	
A6	Basicamente pelo levantamento feito [...] 50% são crianças, mas a experiência que temos aqui, as crianças vem com muita frequência, vem e voltam, então acabam aparecendo bastante na estatística. [...] o público é predominantemente adulto com uma faixa etária que varia bastante, tanto público jovem como 20 e poucos anos até o público que é muito frequente acima de 60 anos, os aposentados [...] pela estatística metade são crianças e a outra metade são adultos. [...]	1- Público de crianças, jovens, adultos e idosos.
A7	Depende da atividade, o público é diferenciado, por exemplo, os saraus literários são para um público adulto [...] pessoas de todas as idades, pais, mães, crianças, avós que vêm com seus netos, adultos que trazem seus pais, idosos que vêm sozinhos, sabe então é muito variado o público.	1- Pais, mães, avós, netos. 2- Pessoas de todas as idades.
A8	Na sua maioria pessoas que moram aqui nos arredores, [...] Temos um pouco mais de 2.000 cadastros aqui na biblioteca e destes a maioria são (do próprio bairro). E como que geograficamente ela está localizada aqui, o público que mora mais perto, mais frequenta.	1- Públicos que moram nos arredores, a maioria são do próprio bairro.
A9	São as crianças (do bairro), pais que trazem seus (filhos) de diversos bairros e adultos que vem até de outros municípios, pessoas com carência de leitura, cultura.	1- As crianças do bairro, os pais que trazem seus filhos e adultos que vem de outros municípios.
A10	Basicamente, com o evento das quartas-	1- Público escolar.

	feiras [...] tem um público escolar. E as famílias moradoras daqui [...] e moradores de (bairros próximos) [...].	2- Famílias moradoras do bairro e moradores de bairros próximos.
A11	Um público forte de crianças e adolescentes e em segundo lugar pessoas acima de 40 anos, que tem interesse em se distrair, então buscam obras de literatura principalmente contos [...].	1- Público forte de crianças, adolescentes e adultos.
A12	São os públicos das escolas de toda a região de Florianópolis. Eles vêm na quarta-feira com seus professores, [...] pessoas de todas as camadas sociais, principalmente pessoas de classe média que tem mais o hábito de freqüentar ambiente cultural.	1- Público escolar. 2- Pessoas de todas as camadas sociais.

3 No seu entender, qual a contribuição da biblioteca comunitária, para o desenvolvimento das habilidades de leitura de seu público?

	EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
A1	O conhecimento. A gente leva de modo geral o conhecimento para as pessoas da comunidade [...] A gente quer levar o conhecimento, dar algumas aulas para eles.	1- Levar o conhecimento. 2 – Dar aulas para as pessoas da comunidade.
A2	[...] é fundamental porque hoje se você comprar um livro custa R\$ 30.00, 40.00 ou até 50.00 reais (rsrsrs), então a (biblioteca) permite que as pessoas tenham acesso a muito mais livros, que elas não teriam sem a biblioteca. [...] a biblioteca é essencial para esse desenvolvimento, o ato do prazer da leitura, mesmo para possibilitar o acesso à leitura. Ter disponível uma biblioteca permite com que as pessoas leiam, [...] então a gente espera poder proporcionar mais alguns momentos de contação de histórias, oficinas que associem a leitura com um momento mais lúdico, que possam ajudar a criar esse a hábito de leitura principalmente voltado as crianças.	1- Permite que as pessoas tenham acesso aos livros, que elas não teriam sem a biblioteca. 2- Ter disponível uma biblioteca permite com que as pessoas leiam.
A3	Se pudéssemos ter oficinas de leitura, que hoje não tem atividades de leitura, como à hora do conto [...] Hoje não existem oficinas, não existe releitura, hora do conto, técnicas de redação, falta profissionais capacitados para a função	1- Ter oficinas de leitura.
A4	É fundamental, o pessoal vem meio tímido leva um e gosta, (então) começa a procura, [...] Mas, é bem importante, a gente nota que eles estão cada vez se interessando mais, inclusive vem fazer perguntas para a gente. O que você	1- Estímulo a leitura e o cuidado com o livro.

	<p>acha deste, ou daquele livro? Posso levar? Será que é interessante? [...] E as crianças também (perguntam) eu só tenho seis anos posso fazer minha carteirinha? Pode. Se a mãe estiver junto e se responsabiliza pode sim. Então anotamos o nome da mãe e a criança fica com a ficha, e eles acham um máximo isso. Estimula bastante as possibilidades de devolução, de cuidado (com o livro).</p>	
A5	<p>Ficou muito mais prático, mais perto, [...] Mas, quando surgiu isso aqui, agora leio a vontade e atendo o pessoal e vejo que o pessoal gosta mesmo. Estão se fartando de ler, estão aproveitando, [...] a facilidade de ter tudo isso para escolher. Foi de encontro ao que as pessoas queriam e precisavam, porque a leitura também é uma distração, um lazer.</p>	<p>1- Ficou mais prático, mais perto de casa.</p> <p>2- Foi ao encontro ao que as pessoas queriam e precisavam.</p>
A6	<p>[...] ela disponibiliza um material que nem todas as crianças, principalmente para essas que vem aqui, não tem acesso a uma variedade de livros diferentes que são livros caros de serem comprados, livros que nem sempre a escola disponibiliza. Tem a questão da revista, das histórias em quadrinhos [...] ela oferece a oportunidade, claro a gente não tem nenhuma atividade específica, além da contação de história, direcionada para a leitura especificamente. Agora a proposta da (biblioteca) é disponibiliza livros, mas funciona como um Centro de Cultura, isso ajuda bastante, por isso as oficinas, [...] porque a biblioteca tem esse lado de Centro Cultural, [...] A idéia é ampliar mesmo, uma coisa</p>	<p>1- Disponibilizar materiais que nem todos as crianças tem acesso, livros que nem sempre a escola tem.</p> <p>2- Tem a função de centro cultural.</p>

	<p>acaba alimentando a outra e também porque muita gente puxada pela oficina [...] então o jeito que a pessoa chega aqui é bem diversificado, se ela tivesse a função estrita de uma biblioteca, teria essa cara, é para quem gosta de ler, e assim não, na verdade todo mundo acaba pegando um livrinho.</p>	
A7	<p>[...] habilidade de leitura, quanto mais se ler mais ultrapassa o caminho da mera leitura imediata. Habilidade de leitura você pode tá falando da capacidade de ler e escrever um texto. À medida que você vai aprimorando, lendo mais e mais e mais você ultrapassa o estágio do decifrar de entender para a compreensão do texto, para interpretar, vai aumentando sua capacidade de compreensão, [...] A nossa diferença é que estamos sempre fazendo atividades para que a criança desenvolva o seu desejo de ler mais e mais. [...] sua habilidade de leitura, deixa de ser uma mera decifração para ser uma compreensão muito maior.</p>	<p>1- Habilidade de aprimoramento da leitura, de compreensão do texto.</p> <p>2 – Desenvolver atividades para que a criança desenvolva o seu desejo de ler mais e mais.</p>
A8	<p>[...] fundamental a existência de uma biblioteca comunitária para a formação de um público leitor, porque é o local onde as pessoas têm acesso ao livro, a leitura, a literatura e principalmente uma biblioteca [...] que tem um programa de incentivo a leitura, ou seja, não é uma biblioteca que simplesmente está de portas abertas, ou seja, ela busca o leitor no sentido em que oferece atividades para esse leitor e ainda não leitor, [...] A biblioteca é tão essencial pro desenvolvimento do ser humano, tão importante quanto uma farmácia em cada bairro. É importante</p>	<p>1- Formação de um público leitor.</p> <p>2- Ela busca o leitor no sentido em que oferece atividades para esse leitor e ainda não leitor.</p>

	os bairros terem uma farmácia, uma padaria, um açougue e ter também uma biblioteca comunitária.	
A9	É muito importante porque a gente não é uma escola [...] as crianças e os adultos vem aqui por prazer, porque ler é bom, é gostoso. [...] A biblioteca tem um papel muito grande, eles vêm porque gostam, eles melhoram a leitura, eles (tornam-se) independentes, [...]	1- As crianças, os adultos vem aqui por prazer, eles melhoram a leitura, tornam-se independentes.
A10	É importantíssimo e a (biblioteca) consegue de certa forma atuar com bastante relevância na vida de quem frequenta [...] oferece vários serviços e eventos que tentam envolver ou sensibilizar os leitores. (Tem) eventos culturais focado na parte de contação de histórias, que contribui com o processo de imaginação de quem ouve as histórias, tanto crianças como adultos. [...].	1- Oferece serviços, eventos que tentam envolver ou sensibilizar os leitores.
A11	Tem uma contribuição bem forte, porque as atividades que nós desempenhamos têm focos especiais, por exemplo, a contação de histórias, incentiva bastante as crianças que vão acessar os livros, de onde se originaram as histórias, provocam curiosidades, inquietações, [...] Temos alguns adolescentes que buscam uma literatura mais fantástica, principalmente obras que inspiraram filmes. O cinema acaba contribuindo para que eles tenham vontade de ler, [...] Entre as atividades de incentivo a leitura da biblioteca são: as contações de história e o setor de referência, quando eles perguntam por obras [...].	1-Atividade de incentivo a leitura como a contação de história, provocam curiosidade, inquietações. 2- Indicação de obras para leitura.

	Então o setor de referência e atendimento é bem importante, [...].	
A12	É fundamental, a leitura se faz pela prática da leitura, só se torna leitor praticando a leitura. Então todas as atividades que a gente pode fazer para seduzir o futuro leitor ou para despertá-lo para a leitura devem ser alimentadas e só se alimenta se ele tem acesso ao livro, a revista, tem acesso ao material escrito e principalmente a leitura literária. Então isso, o papel de alimentar esses leitores e conservá-los a cada vez mais age quanto à qualidade da leitura, cada vez mais interessado na leitura, cada vez melhor para o leitor, porque ele só começa a ler mais, só se faz se ele continua a ler, quando se tem acesso ao livro. Por isso a biblioteca é importante, pelo acesso que o leitor vai se manter ligado ao livro. [...].	<p>1- A leitura se faz pela prática da leitura, só se torna leitor praticando a leitura. Realização de atividades para seduzir ou para despertá-lo para a leitura.</p> <p>2- Possibilita o acesso ao livro, a revista ao material escrito.</p>

4 O que você considera necessário para que uma biblioteca comunitária tenha relevância na sociedade?

	EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
A1	A gente serve como meio de comunicação através dos livros e também podemos estar passando os conhecimentos que as pessoas não conhecem, estamos para ensinar, [...]	1- Servir como meio de comunicação através dos livros.
A2	Para ela ter relevância, ela precisa estar dentro daquilo que a sociedade quer dentro daquilo que a sociedade espera, para ser reconhecida. Essa relevância seria o reconhecimento da biblioteca. [...] temos esse reconhecimento desde o início fomos muito bem recebidos. [...] uma biblioteca de acesso livre, que não cobra nada. [...] Aqui é um espaço	<p>1- Estar dentro daquilo que a sociedade quer para ser reconhecida.</p> <p>2-Acesso livre e gratuita.</p>

	público.	
A3	Principalmente livros mais atualizados, a nossa dificuldade. [...]. A linguagem literária atual é mais gostosa de ler do que os livros clássicos [...] Essa nova geração, ta mais adequada, desperta a curiosidade.	1- Livros atualizados.
A4	[...] importante oferecer atividades não só livros, que é o que a gente vem fazendo, têm aula [...] Bem interessante isso congrega mais a comunidade, eles vem procurando esse tipo de atividade e depois a biblioteca em si, porque ele oferece vários tipos de livros e não cobra nada, nenhuma taxa, nada. [...].	1- Oferecer não só livros, aulas também. 2- Oferecer outras atividades gratuitas.
A5	Ela leva cultura, lazer.	1- Levar cultura e lazer.
A6	Ela tem que estar bem articulada com o local onde está, no sentido de estar envolvida com as coisas que estão acontecendo na comunidade, [...] se a biblioteca conseguir minimamente, ou o grupo que esta na biblioteca ir nesses espaços, nas festas que estão acontecendo e se fazer presente, ela consegue se tornar um espaço importante também, para que as pessoas que estão nesses lugares, nesses movimentos, nessas festas, vejam que a biblioteca não é (estática) [...] Então me parece que uma coisa é esse envolvimento com o entorno, no caso a comunidade. Ela tem que estar articulada com as coisas que acontecem na comunidade e não só coisas ligadas a leitura especificamente. [...] ela tem que estender os braços mesmo e ir onde as pessoas estão. Outra coisa é tentar	1- Estar envolvida com as coisas que estão acontecendo na comunidade. 2- Fazer outras atividades na biblioteca, que as pessoas vejam que a biblioteca não é estática, é esse envolvimento com a comunidade, estar articulada com as coisas que estão acontecendo no entorno e não só coisas ligadas a leitura especificamente.

	fazer nela atividades, além daquelas que tradicionalmente seriam de uma biblioteca, [...].	
A7	A biblioteca ir ao encontro do leitor, ou seja, atrair o leitor, fazer com que se sinta acolhido. A biblioteca precisa ter qualidade em seu acervo, boa frequência, [...] Isso é uma coisa de destaque, de relevância para a biblioteca comunitária, fazer atividades que tragam a comunidade para dentro dela. [...] Então tem um espaço para que as pessoas venham cantar, falar sua história, espaço aberto para atividades que congreguem a comunidade.	1-A biblioteca precisa ir ao encontro do leitor, ter qualidade em seu acervo. 2- Ter um espaço para que as pessoas venham cantar, falar sua história, espaço aberto para atividades que congreguem a comunidade.
A8	Que ela tenha um acesso gratuito, que ela tenha um acervo de qualidade, que tenha um programa de atividade de formação com o leitor e fácil acessibilidade. [...].	1- Acesso gratuito, acervo de qualidade, atividade de formação com o leitor.
A9	[...] A importância é levar o livro a todas as pessoas que não tem condições de compra.	1- Acesso ao livro.
A10	Principalmente pessoas que tenham formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação que atuam junto ao público [...] tenham noção da importância que existe entre leitura, mediadores de leitura e o público. É importante a participação de um profissional. [...].	1- Participação de um profissional da área de Biblioteconomia.
A11	Que ela desenvolva ações não só de incentivo a leitura, mas que estimule as pessoas a buscarem a se desenvolver cada vez mais, buscarem uma afirmação pessoal no sentido de [...] ampliem seus conhecimentos, [...] Então a biblioteca de certa forma tem essa capacidade quando faz com	1- Desenvolver ações amplas ao acesso a leitura e a cultura.

	que as pessoas tenham acesso a mais cultura. [...].	
A12	Eu considero prioritário que ela exista primeiro porque se ela não existir, ela não é considerada e nunca vai ser considerada necessária. Ela tem que existir e estar aberta têm que estar disponível ao acesso da comunidade sem cobranças financeiras, sem cobranças culturais, mas com incentivo permanentemente, que o leitor goste de ir à biblioteca, goste de ficar lá dentro, goste de pegar o livro e levar para casa. [...] realmente se a gente cumprir esse papel de ser esse elo entre o livro de qualidade e o cidadão, nós estaremos ajudando a formar cidadãos. [...] Estar disponível para que o cidadão se encontre num espaço público, aberto para ele. [...] uma possibilidade de crescimento, de envolvimento com lazer, cultura, entretenimento, com formação.	1-Estar aberta, estar disponível ao acesso a comunidade. 2- Ser gratuita com incentivo permanentemente, em um espaço público.

5 Fale sobre o espaço social da biblioteca comunitária em Florianópolis.

	EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
A1	[...] como já existem várias bibliotecas comunitárias, já apoiadas, são reconhecidas por muitas pessoas, de modo geral muitas pessoas nos procuram. Turistas (também vem) para ler e levar emprestado nossos livros no período em que estão aqui.	1- Existência de outras bibliotecas comunitárias, apoiadas, reconhecidas.
A2	É um espaço social dum grupo, de uma comunidade que abrimos para todos, mas a gente faz reuniões com o grupo (que coordena e trabalha) e estabelece como vai ser feito o trabalho. [...] Temos um regulamento. Em	1- É um espaço social para toda a comunidade, essa é a possibilidade das pessoas terem acesso ao livro.

	Florianópolis, sim é uma coisa que sentimos falta, [...]. É uma coisa que faz falta na cidade, essa é a possibilidade das pessoas terem esse acesso ao bem cultural que é o livro, um bem cultural tão importante para nossa cultura.	2- Falta na cidade de Florianópolis.
A3	Ele é bem pouco explorado, ele é muito conhecido para doações, mas é pouco frequentado pelas pessoas, poderia ser mais utilizado. [...] É meio contraditório termos mais de 8.000 exemplares que vem de doações e na hora de utilizar, não utiliza, quem utiliza são as pessoas que estão dentro dos projetos. [...].	1- Espaço conhecido para a realização de doações de livros, mas pouco frequentado pelas pessoas poderia ser mais utilizado.
A4	Este espaço está começando a se desenvolver, [...] nós recebemos muitas doações, [...] agora recebemos muitos livros que já temos, então deixamos certo número de exemplares do mesmo livro e o restante tem que ir embora, porque não temos espaço, a única coisa que estamos aceitando são os livros do vestibular, porque são muito procurados, então estamos passando adiante [...] uma sementinha que vai germinar e vai adiante. Vai ter mais bibliotecas comunitárias nos outros bairros. [...] ta tendo uma aceitação grande, essa idéia vai crescer, deve crescer eu to fazendo minha parte, uma tremenda propagada.	1- Espaço de muita doação de livros. 2- Espaço que está crescendo.
A5	[...] Mas tenho a impressão que são poucas às bibliotecas em Florianópolis.	1- Poucas bibliotecas em Florianópolis.
A6	A impressão que eu tenho, é que estão surgindo mais bibliotecas comunitárias. Se dermos conta que estamos vivendo em um momento de passagem da imprensa de papel para a	1- Expansão das bibliotecas comunitárias. 2 - Espaço de muita

	imprensa virtual, a Internet, então de fato os livros estão sobrando de modo geral, temos uma fartura, recebemos um material muito bom (de doação). [...].	doação de livros bom.
A7	A biblioteca é um espaço cultural e social, você conhece você aprende a respeitar. A nossa biblioteca ensina pela prática com hábitos sociais, de convivência [...]. Espaço de convívio social e como um espaço que ensina o respeito, as normas, as regras e também em sociedade a gente tem que diferenciar os espaços: o espaço da biblioteca não é o espaço do cinema, não é o espaço da sala da minha casa, então essas coisas se aprende e se ensina.	1- A biblioteca é um espaço cultural. 2- Espaço de convívio social, que tem normas, regras, respeito, estas coisas se aprende e se ensina.
A8	A biblioteca comunitária não tem um grande espaço em Florianópolis, primeiro porque não existe nenhuma política pública que incentive por parte do estado, digamos que a biblioteca faz parte da construção da cidadania de todo indivíduo, ela tem toda uma importância, ou seja, deveria ser um investimento tão grande quanto o asfaltamento da cidade. [...]. É um processo que está em construção, [...]. (Florianópolis tem) uma geografia bastante fragmentada, de um bairro para outro é muito distante [...] Por isso acredito se tivesse uma rede de bibliotecas comunitárias com políticas públicas nesse sentido teria um grande papel na sociedade, na formação de uma sociedade leitora, cumprindo o direito de cidadania de cada ser humano.	1- A biblioteca comunitária não tem um grande espaço em Florianópolis, faltam políticas públicas que incentive por parte do estado, a biblioteca faz parte da construção da cidadania. 2- É um processo em construção.
A9	A biblioteca comunitária é muito mais	1- A biblioteca

	utilizada que a biblioteca pública, é mais próxima do público, é menos elitizada, [...] nós conhecemos os leitores, conversamos com eles, trocamos informações, a biblioteca comunitária é menor, os leitores sentem mais confortáveis para conversar [...] porque atendemos as necessidades do mesmo. O horário de funcionamento da biblioteca comunitária facilita.	comunitária fica mais próxima do público. Os leitores se sentem confortáveis, atendemos as necessidades dos mesmos. 2- O horário de funcionamento facilita.
A10	Não existe muito a questão de biblioteca comunitária em Florianópolis. [...] Mas é um trabalho que tem que crescer muito, as dificuldades são muitas para manter. Florianópolis precisa mais, não só Florianópolis, mas toda a comunidade, o Brasil inteiro, a biblioteca é essencial [...].	1- Existe pouco a questão de biblioteca comunitária em Florianópolis. 2- É um trabalho que está crescendo.
A11	[...] temos um público que nós atendemos efetivamente e desenvolvemos ações, então é um público possível e um público real. Enquanto que em outros espaços à um público possível, mas não a um público real. [...] Possui vários empecilhos que uma biblioteca ou um centro comunitário não possa oferecer determinados programas, [...].	1- Existe um público real que atendemos efetivamente.
A12	Falta muito esse espaço. [...]. Isso não existe na cidade, essa prática de frequentar biblioteca não existe, porque não existe o equipamento biblioteca. Então não se conhece não se valoriza. Aliás, não se valoriza aquilo que não se conhece, aquilo que não se frequenta. Então é possível que cada bairro tenha uma biblioteca, que cada ponto tenha uma biblioteca	1- Falta muito esse espaço. 2- Então a biblioteca tem que existir para ser valorizada, para realmente ser um espaço de cultura e de formação.

	comunitária, amparada pelo poder público, porque a leitura é uma obrigação da sociedade e o governo não é senão o representante desta sociedade, [...] então a biblioteca tem que existir para ser valorizada, para realmente ser um espaço de cultura e de formação, [...].	
--	--	--

6 Fale do seu papel como um agente social, na biblioteca comunitária.

	EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
A1	O meu papel é indicar os livros, uma pessoa que está em dúvida em qual livro levar eu indico um livro para ela levar. Às vezes conto histórias clássicas, [...] para as crianças [...].	1- Mediador que indica livros, conta histórias para as crianças.
A2	[...] montamos a biblioteca pensamos nessa idéia de agente social, porque éramos um grupo de amigos que já tínhamos (participado) do movimento estudantil na universidade, várias experiências, [...]. E através da biblioteca veio essa perspectiva de agência, de agir socialmente nessa comunidade, onde a gente vive.	1- Papel de organizar, de líder, de engajado porque já tinha participado do movimento estudantil na universidade.
A3	Hoje eu acabo trabalhando como uma articuladora nessa parte da biblioteca pela região, nesse sentido de doações, [...] É um trabalho de rede, na figura de rede a partir do momento em que recebemos doações e também doamos, somos conhecidos na comunidade. Temos um acervo fixo na biblioteca de obras raras, denominadas abaixo de 1960 de literatura, queremos fazer um resgate histórico, [...].	1- Papel de articuladora entre as bibliotecas.
A4	Eu faço atendimento, todo voluntário faz atendimento. Explico a função da biblioteca, como ela funciona, faço cadastramento de novos usuários.	1 – Papel de mediador da leitura, aconselhador.

	Quando chegam doações, fazemos uma triagem, limpamos, tiramos o pó, carimbamos, todo livro [...] Eu faço aconselhamento para o pessoal que pergunta o que poderia ler. Ajudo achar o livro na estante [...].	
A5	Eu trabalho com amor e carinho. Porque esse trabalho veio preencher um vazio na minha vida, sou aposentada e não sendo daqui da cidade, era tudo muito estranho para mim. Eu não tinha onde buscar alguma coisa de útil para fazer. A gente (depois que) aposenta sente falta de uma responsabilidade, de um trabalho. [...] foi muito bom para mim, eu me senti novamente um ser útil, me ocupa, me preocupar, isso tudo faz falta (rsrsrs).	1- Papel de cidadã. De responsabilidade com engajamento no trabalho comunitário, auxiliando ao outro.
A6	[...] participo das reuniões, para [...] pensar (os problemas) da biblioteca. Como organizar, pensar, como melhorar nossa relação com o público, [...] Como atrair, otimizar, facilitar o uso para elas (as crianças, os adultos) tornar a biblioteca um espaço mais gostoso. Temos funções específicas, assumimos em nome de coisas que a gente acredita também, [...] é mais significativo a idéia de um Centro Cultural, como um espaço de encontro, de troca, de socialização das pessoas propriamente do que a questão de biblioteca. [...]	1- Papel de organizar, de liderar, pensar como melhorar a relação com o público, facilitar o uso para as crianças e adultos da biblioteca.
A7	[...] estou contribuindo de formação, continua meu papel de professora, claro num outro espaço, continua meu papel de cidadã, [...] Quando contamos uma história, não estamos preocupados quem seja A, B, C, ou	1- Papel de cidadã da inclusão cultural e social.

	<p>sua classe social, estamos preocupação com todas da mesma forma. Para transformar essa sociedade em mais justa, igualitária, menos perversa, porque ela exclui. A biblioteca comunitária tem esse papel, e a gente trabalhando [...] aqui temos esse papel de inclusão cultural e social.</p>	
A8	<p>Eu trabalho na parte de comunicação, gestão cultural da biblioteca, na gestão de processos, para que todos os processos fluam com a comunicação interna, externa, a comunicação com o leitor, com a comunicação da ONG em si, a mantenedora desse projeto, na busca de patrocínios e convênios para que o projeto continue funcionando, nas linguagens mais adequadas. [...] faço parte de um todo desse projeto, o meu papel completa o todo.</p>	1- Papel de gestor.
A9	<p>[...] O meu papel seria de orientar a leitura [...] o importante é não deixar o leitor desanimar, tentar aproximar a pessoa cada vez mais ao livro, intermédia.</p>	1- Orientação ao leitor.
A10	<p>[...] principalmente ser o intermédio entre o livro e o leitor, está estimulando o leitor a estar em contato com os livros, conhecer melhor os livros. [...] Eu faço atendimento ao público, contação de história, cadastro.</p>	1- Ser o intermediário entre o livro e o leitor, de atendimento ao público, de contação de história.
A11	<p>Tem muito a ver com essa coisa de perceber as necessidades (dos leitores), busca atender a isso da melhor forma possível, sem distinções. [...]</p>	1- Perceber as necessidades do leitor.
A12	<p>[...] Eu sou desde a pessoa que inventou este negócio. Eu realmente</p>	1 – Papel de coordenação da

	<p>confio no papel de uma biblioteca, porque faz anos que venho batalhando para isso. Eu idealizei essa biblioteca e convenci uma porção de pessoas que isso era significativo e importante, é claro que só convenci porque eles talvez precisassem desse elo [...], além disso, eu trabalho todos os dias que a biblioteca está aberta, na função de coordenadora geral da biblioteca. [...] eu faço a representação da biblioteca junto à sociedade, [...]</p>	<p>biblioteca e representação da biblioteca junto à sociedade.</p>
--	--	--